



# Os intercessores do Opus Dei

ENRIQUE MUÑIZ (ED.)

Enrique Muniz

# INTERCESSORES DO OPUS DEI

*[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)*

# Índice

- São Nicolau de Bari, intercessor nas necessidades econômicas do Opus Dei
- São Josemaria e o Cura d'Ars
- A devoção de São Josemaria a S. Pio X
- São Tomás More, intercessor do Opus Dei
- Santa Catarina de Sena, Intercessora do Opus Dei

## São Nicolau de Bari, intercessor nas necessidades econômicas do Opus Dei

Fazendo referência ao mês de dezembro de 1934, são Josemaria Escrivá anotou nos seus *Apontamentos íntimos*: “No dia de São Nicolau de Bari prometi ao Santo Bispo, no momento em que subia ao altar para dizer a Missa, que, se a nossa situação econômica na Casa do Anjo da Guarda se resolver, o nomearei Administrador da Obra de Deus”[1]. Imediatamente – glosará Álvaro del Portillo – “pensando que tinha sido pouca a sua generosidade, acrescentou: “E mesmo que agora não me ouças, serás o Padroeiro da nossa administração econômica”[2].

Esta nomeação de são Nicolau ficou resenhada no Diário da Academia DYA: “São Nicolau de Bari, Bispo. O Padre disse que, de manhã, ao terminar de dar a S. Comunhão, no seu convento, vendo que o santo de hoje é São Nicolau, dirigiu-se a ele e o colocou como advogado nosso para a parte administrativa, para que, através dele, vamos para em frente neste assunto[3]. Ficou combinado que em todas nossas futuras casas haverá uma imagem de São Nicolau no quarto do administrador ou quarto de administração. Vamos ver como se comporta este advogado!”[4].

No dia 19 de janeiro de 1935 em carta endereçada ao seu querido amigo, sacerdote, Heliodoro Gil, informava-lhe: “Sabe que São Nicolau de Bari é... nada menos que o Administrador Geral da Obra de Deus? Que peso lhe caiu em cima!”[5].

Muitos anos depois, em 1968, São Josemaria recordaria a nomeação: “Um dia eu estava no Patronato Real de Santa Isabel, do qual eu era Reitor[6]: praticamente todos os reitores de lá costumavam alcançar grandes cargos eclesiais. Ia celebrar a Missa, e tinha problemas econômicos terríveis. Disse: como São Nicolau é o santo das dificuldades econômicas, e o santo de casar as incasáveis... se você me tirar disto, nomeio-o padroeiro! Porém, antes de subir ao altar, arrependi-me e acrescentei: e se não me tirar disso, nomeio-o igualmente. O problema econômico era grande; materialmente talvez fosse pouco; porém devia ser o que hoje seriam bastantes milhões”[7].

Com independência de que nos textos citados seja chamado indistintamente de “padroeiro”, “advogado” e “administrador”, na terminologia definitiva são Nicolau será um dos *santos intercessores* do Opus Dei: o primeiro cronologicamente, pois os outros – São Pio X, São João Batista Maria Vianney, São Thomas More e Santa Catarina de Sena – seriam designados como tais posteriormente, a partir dos anos cinquenta. Os santos intercessores não constituem propriamente modelos para os fiéis da prelazia, mas protetores aos quais se confiam campos específicos: concretamente, a são Nicolau são confiadas as necessidades econômicas que se apresentam ao empreender, sustentar e desenvolver os apostolados que os fiéis do Opus Dei desenvolvem.

Como é bem sabido, a esse tipo de assuntos – financeiros – pertence uma boa parte das intervenções que são Nicolau[8] protagonizou durante sua vida. Embora se trate de um santo muito milagroso, os episódios mais conhecidos da sua biografia não correspondem a milagres, mas a gestões realizadas habilmente: para impedir que um pai com dificuldades econômicas substituísse as suas três filhas, o santo bispo enviou-lhes o dinheiro suficiente para os dotes de todas elas; com sua autoridade moral conseguiu, em época de fome, persuadir o capitão de um navio carregado de trigo com destino a Constantinopla a deixar parte da mercadoria em Myra; e soube negociar, satisfatoriamente, com o imperador uma redução de impostos em benefício dos seus fiéis.

O objetivo destas páginas é oferecer o contexto histórico das circunstâncias em que foi realizada a nomeação do santo como intercessor; os antecedentes e a continuidade da devoção de São Josemaria.

### **Antecedentes**

No dia 9 de fevereiro de 1975, na casa de retiros de Altoclaro (Caracas, Venezuela) formularam a São Josemaria uma pergunta sobre os problemas econômicos que costumam levar consigo todas as iniciativas de caráter apostólico. Respondeu fazendo referência à primeira ocasião em que recorreu ao bispo de Myra:

Em Madri, na Praça de Antón Martín, encontra-se a paróquia de São Nicolau. Lá foi a primeira vez em que eu invoquei a São Nicolau para dar-lhe uma *facada*[9]. E continuo pedindo, mas continuo tranquilo e sereno. O Senhor abençoará os seus trabalhos pessoais e, além disso, os tirará dos apertos econômicos que têm nas obras de apostolado. Fica tranquilo: eu nunca vi um fracasso por esse motivo, quando há amor de Deus. Por isso, para frente![10].

Foi em uma das últimas ocasiões, meses antes de falecer, que São Josemaria fez referência publicamente a São Nicolau.

A paróquia madrilenha que menciona é a predecessora da que atualmente continua sendo denominada de *El Salvador y San Nicolás*[11]. Desde 1891 estava localizada na que foi igreja do antigo Hospital de *Nuestra Señora del Amor de Dios*, fundado em 1552 pelo venerável Antón Martín, discípulo e sucessor de São João de Deus, na praça – chamada precisamente de Antón Martín – onde hoje confluem a rua do Amor de Deus e a de Atocha[12]. O edifício do templo onde São Josemaria deu sua *facada* era muito posterior à fundação do hospital: datava, concretamente, de 1798. Foi queimado no começo da guerra civil espanhola[13]. Não se sabe com exatidão nem a data nem o motivo daquele primeiro recurso ao santo.

Para esboçar alguma conjectura, cabe anotar que, desde maio de 1931, São Josemaria morava com a sua família em uma casa da Rua Viriato número 22, propriedade das Damas Apostólicas, com cujo Patronato de Enfermos colaborava sacerdotalmente há vários anos. Essa assistência durou até fins de outubro daquele ano[14]. No mês anterior começou a frequentar o bairro em que se encontra a Praça de Antón Martín. Com efeito, no dia 21 de setembro celebrou a Missa pela primeira vez na igreja do Patronato de Santa Isabel. A partir desta data, e até ser nomeado reitor no final de 1934, atuou como capelão efetivo do

Patronato. O percurso a pé de Santa Isabel à paróquia de El Salvador y San Nicolás demora somente cinco minutos, e não parece arriscado supor que a visitasse com certa frequência. De fato, não lhe faltavam motivos para recorrer ao santo bispo[15].

Uma dessas ocasiões pôde estar relacionada com o aluguel de um apartamento, no dia 9 de dezembro de 1932. A casa da Rua Viriato, onde moravam até então os Escrivá, era muito pequena. Tanto, que são Josemaria não podia reunir lá os jovens que iam se incorporando ao Opus Dei, nem outros muitos que dirigia espiritualmente. Por isso, se mudou, com a sua família, à Rua General Martínez Campos, número 4 (principal esquerda). Para alugar esse apartamento teve que conseguir um crédito. As 115 pesetas mensais eram um aluguel provavelmente justo, mas inexorável: segundo o contrato, um atraso de quatro dias no pagamento era causa suficiente para requerer o despejo. Tudo isso deve ter sido a ocasião para visitar a paróquia de El Salvador y San Nicolás.

Algo parecido, mas em maior escala, aconteceu um ano depois. Em dezembro de 1933 são Josemaria alugava outro local na Rua Luchana, número 33 (hoje 29), sobreloja, esquina com a Rua Juan de Áustria, onde instalou a Academia DYA[16], que foi abençoada em 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição. As iniciais coincidiam com as matérias que se estudavam lá: Direito e Arquitetura. Mas tratava-se principalmente de um centro cultural e de formação cristã. Para estabelecê-lo legalmente, foi necessário gastar nos direitos fiscais, por licença de abertura, todo o dinheiro disponível. Por outra parte, as contribuições dos estudantes que frequentavam DYA não chegavam a cobrir o aluguel mensal. Já o simples pagamento da conta de luz supunha uma autêntica dor de cabeça. Por carecer, careciam inclusive do dinheiro suficiente para comprar um elementar relógio de parede. De fato, pagamentos mais urgentes fizeram desaparecer, várias vezes, as doações recebidas para sua aquisição (finalmente recebeu como presente, não o valor, mas o próprio relógio). Assim, pois, sobravam razões para “esfaquear” são Nicolau[17].

No meio de todas essas dificuldades, sem ter passado um mês desde a inauguração de DYA (e quando alguns amigos sacerdotes lhe aconselhavam vivamente que a fechasse por considerá-la insustentável) no dia 5 de janeiro de 1934 são Josemaria propôs aos membros da Obra a conveniência de procurar um lugar maior, para estabelecer nele, além da academia, uma residência de estudantes: isto permitiria instalar um oratório, com sacrário, no qual ficasse reservado o Santíssimo Sacramento[18].

Para resolver os problemas, são Josemaria, além de rezar, colocava todos os meios humanos ao seu alcance. Assim, com data de 26 de janeiro apresentava uma solicitação ao Ministério do Trabalho – do qual dependia administrativamente o Patronato de Santa Isabel – para utilizar a moradia do capelão, o que suporia certo alívio econômico[19]. Afinal, Josemaria Escrivá vinha desempenhando de fato essa capelania desde 1931. Cinco dias depois, em 31 de janeiro, a Direção geral correspondente respondeu em termos afirmativos. Mas uma série de circunstâncias[20] adiou até o fim do verão a mudança dos Escrivá a Santa Isabel[21].

A princípios de agosto, são Josemaria e os jovens que frequentavam os meios de

formação espiritual do fundador procuravam casas ou apartamentos livres por todo Madri. Por fim acharam três apartamentos grandes e bem situados, na Rua Ferraz número 50, onde poderiam estabelecer a academia e a residência de estudantes. O problema era que para assinar o contrato de aluguel, eram indispensáveis 25.000 pesetas como fiança e entrada. Parecia que o obstáculo estava sendo superado, porém no dia 6 de setembro faltavam ainda 15.000 pesetas que não sabiam de onde tirar. Poucas semanas depois, a mãe do Fundador, de acordo com os seus outros dois filhos, pôs à disposição de São Josemaria a herança de Teodoro Escrivá, um tio sacerdote falecido em Fonz (Huesca)[22].

A relação entre este episódio e a invocação a São Nicolau é também puramente conjectural, mas a peripécia muito bem poderia se encaixar entre as “facadas” ao santo. As coisas se sucederam como segue.

A 16 de setembro, o padre Josemaria saiu de Madri para Fonz, onde se encontravam a sua mãe e os seus irmãos, com o fim de proceder à venda das propriedades rurais que receberam como herança após morte, no ano anterior, do padre Teodoro (...). Passou a noite em Monzón e no dia seguinte, já em Fonz, pensou que tinha chegado, por fim, o momento de expor à família o problema econômico e falar-lhes da Obra[23].

Uns dias depois escrevia: “Imediatamente os três acharam natural que se empregasse o seu dinheiro na Obra. E isso – glória a Deus! – com tanta generosidade que, se tivessem milhões, os dariam da mesma forma”[24]. Nessa mesma carta relatava minuciosamente aos membros do Opus Dei de Madri:

Seguindo uma ordem cronológica, quero contar-vos brevemente todas as minhas andanças. Vereis: quinze minutos depois de ter chegado a esta terra (escrevo em Fonz, embora vá pôr esta carta no correio, amanhã em Barbastro), falei da Obra à minha mãe e aos meus irmãos, de modo geral. Quanto tinha importunado para este instante, aos nossos amigos do Céu! Jesus fez com que lhes caísse muito bem. Dir-vos-ei, à letra, o que me responderam. A minha Mãe: “está bem, filho: mas não te fustigues nem me andes com má cara”. A minha irmã: “eu já imaginava, e tinha-o dito a mamãe”. O pequeno: “se tu tens filhos... os rapazes devem me respeitar, porque eu sou... o tio deles!” (...).

Vamos falar desse esterco do diabo que é o dinheiro: a minha mãe pensava que poderia conseguir 35 ou 40.000 pesetas (...).

Em resumo: amanhã desço a Barbastro com Guitín (seu irmão Santiago) – dali irei a Monzón para vos telefonar, porque em Barbastro se fica sabendo de tudo – e o Sr. Juiz prometeu-me que no dia 1º de outubro se conclui toda a papelada, graças a Deus.

Naturalmente, procurarei que de faça a venda na próxima terça ou quarta-feira – antes, impossível – e transferir-se-á o produto (...).

Neste meio tempo, porque não procurais comprar móveis, a pagar em 30 dias ou mais, como se faz correntemente com as fábricas?

É claro que eu não me mexo de aqui sem o dinheiro custe o que custar!

Outra coisa: estão de acordo em que passe a dormir na Academia e leve para lá todos os trastes do meu quarto. Assim levam a criada que têm aqui, que de outro modo não poderiam levar, por não terem quarto[25].

Como ficou dito, não há constância de que são Nicolau interviesse no referido episódio. Porém serve para conhecer o tipo de circunstâncias que, em menos de três meses levarão à sua nomeação.

Seja como for, com a ajuda econômica da família preencheu-se o “buraco” pendente, foi mobiliado o mínimo necessário da residência e foram comprados os utensílios de cozinha e baixela. O próprio São Josemaria lembrará muitos anos depois:

Tínhamos roupa branca, que uns grandes armazéns me haviam fornecido[26] a crédito, para pagar quando pudesse. E não tínhamos armários para guardá-la. Tínhamos estendido no chão, com muito cuidado, uns papéis de jornal, e por cima a roupa: quantidades imensas (...). Trouxe da Reitoria de Santa Isabel uma caldeirinha com água benta e um hissope. A minha irmã Carmen tinha-me feito um roquete esplêndido (...). Também trouxe de Santa Isabel uma estola e um ritual, e fui benzendo a casa vazia: com uma solenidade e alegria, com uma segurança![27].

Por um corte na eletricidade, a bênção teve que ser feita à luz de vela. Os quartos somente seriam instalados na medida em que os residentes se incorporassem. Mas os residentes não chegavam. E esta difícil situação proporcionou o detonador para a nomeação de são Nicolau.

No dia 5 de outubro de 1934, como reação à entrada no governo da direita (vencedora na última eleição), estalava na Espanha a chamada Revolução de Outubro. Embora fosse particularmente violenta nas Astúrias, em Madri também houve greves gerais, com o conseguinte atraso no início do curso universitário. No fim do mês, em DYA havia um único residente fixo; depois se incorporou um segundo. Somente a conta-gotas foram chegando alguns outros. Não havia dinheiro para contratar empregados, e, enquanto os rapazes assistiam às suas aulas na universidade, são Josemaria em pessoa esfregava o chão e arrumava as camas. Mas, desde setembro, o dia 10 de cada mês constituía uma verdadeira agonia: nessa data tinham de ser pagas as 1.200 pesetas do aluguel. Foram pagando como podiam. No dia 10 de novembro conseguiram reunir a quantidade necessária para pagar o aluguel mensal da casa. Porém quando se aproximava o dia 10 de dezembro, o horizonte parecia verdadeiramente negro.

Nesse contexto, no dia 6 de dezembro de 1934 o bispo de Myra foi constituído santo intercessor do Opus Dei.

### **Depois da nomeação**

Como vemos, as circunstâncias não eram fáceis. Mas mesmo nesses momentos são Josemaria conservava o bom humor.

Assim, no dia 3 de janeiro de 1935 preencheu a mão, em nome de são Nicolau, um impresso de inscrição na Academia (também residência) DYA. Conserva-se a versão original do documento[28].



Como nome e sobrenome, aparece “São Nicolau de Bari (bispo de Myra). Natural de Pátara de Lícia”. Embora riscadas do formulário as palavras “província de”, aparece “(Ásia Menor)”. Como data de nascimento, se indica “ano 270”. E se diz que celebra seu onomástico “no dia 6 de dezembro”. Sua residência é a Glória; e o telefone, “a oração”. De profissão: “Bispo”. Títulos oficiais e privados: “Bispo de Myra, Administrador Geral da Obra de Deus”. Idiomas que traduz: “todos perfeitamente”. Com relação a conhecimentos – culturais, artísticos, esportivos, etc. – que possui, resumem-se em uma palavra: “Deus”. Também são resumidas as associações a que pertence: “O. de D.” (Obra de Deus). Isto coincide com a sua “ocupação atual”: “Administrar a O. de D.” (Obra de Deus). Assina a ficha: “Escrivá” (que o faz “P.O.?” isto é, *por* ou *por delegação*). No verso há um espaço para “Observações”, onde são Josemaria anotou: “Apresentado por José Maria Escrivá”. A seguir faz um resumo biográfico do santo: “São Nicolau padeceu perseguição sob os imperadores Diocleciano e Maximiano, que o desterraram. Tornou à sua sede episcopal por mandato de Constantino. Participou do Concílio de Niceia. O seu corpo se conserva, com grande veneração, em Bari (Itália), para onde foi transferido no ano 1087”.

O documento era, simplesmente, um modo divertido para deixar constância escrita da nomeação efetuada poucas semanas antes.

O título de intercessor implica, no caso de São Nicolau, entre outras coisas, que em todos os centros do Opus Dei se recordará cada ano a festa do santo bispo com certo destaque, de quem haverá – em lugar conveniente e digno – uma imagem com a invocação “Sancte Nicolæ: curam domus age” (São Nicolau, cuida da casa).

Em 1939, recém-terminada a guerra espanhola, quando a moradia do reitor de Santa Isabel era o único lugar disponível para o trabalho apostólico do Opus Dei, uma das primeiras coisas que são Josemaria conseguiu foi, precisamente, um quadro de são Nicolau[29]. A este seguiram outros, para os novos centros que se inauguravam. Para o que foi aberto em outubro de 1940, na Rua Diego de León, número 14, Escrivá comprou pessoalmente um busto-relicário do Santo que, depois das reformas e remodelações do imóvel, ainda permanece no hall de entrada.

Naquele mesmo ano (1939), são Josemaria confiou algumas responsabilidades aos membros mais antigos do Opus Dei. Das questões econômicas – contabilidade, instalações, etc. – encarregou o mais velho, Isidoro Zorzano, que conhecia muito bem qual era a tarefa de são Nicolau na Obra[30]. Por isso, ao começar diariamente a batalha com as contas, beijava o crucifixo, colocava-o em cima da mesa, e invocava a proteção do santo myrenense.

Aos jovens secretários dos centros recém-abertos, Isidoro explicava o modo de acertar as contas: mantê-las atualizadas. Também os tranquilizava se, ao reunir-se com eles, percebia que estavam preocupados porque os números não batiam. Em certa ocasião descobriu o truque de um contador inexperiente para equilibrar os cálculos: o rapaz guardava em um envelope as poucas pesetas que sobravam alguns meses, a fim de compensar com elas quando faltasse alguma. Deste modo, tudo sempre estava certo até o último centavo. O que mais divertiu a Zorzano foi saber o nome que o rapaz dava à sua reserva líquida: *o fundo de são Nicolau!*

Zorzano costumava brincar sobre se são Nicolau tinha ou não barba, porque é representado de ambas as formas nas diferentes imagens. No ano de 1943, no seu leito de morte, comentará brincalhão: “Uma das primeiras coisas que eu farei assim que chegar (ao Céu) é fazer que me apresentem a são Nicolau (...). Agora vou saber como é o seu rosto!”. “Deve estar – dizia – bravo com Fernando (Delapunte)”, que umas vezes o pintava com barba e outras sem ela. Depois de tirar as dúvidas, “tereí que explicar muitas coisas a são Nicolau... ele não sabe comprar talheres com vinte por cento de desconto”, comentava fazendo referência à compra que, segundo lhe disseram, fora feita esse mesmo dia. Haverá que informar ao santo bispo de algumas coisas, dificuldades econômicas da Obra, das que “parece ser que não quis ficar sabendo”. Quando chegasse ao Céu – insistia-, “o primeiro que farei é encontrar-me com são Nicolau... penso que ele não entendeu totalmente o problema. Dir-lhe-ei que nós não queremos nada”, pois somente pedimos meios para servir às almas[31].

Anos depois, em 1946, são Josemaria viajou a Roma pela primeira vez. Com temporadas de residência na Espanha e estadias em outros lugares, permaneceria ali até a sua morte, no ano de 1975. Em abril de 1947 foi assinada a compra em Roma de um edifício – *Villa Tevere* – como sede central do Opus Dei. Durante anos foi preciso hospedar também lá, provisoriamente, um centro de formação: o Colégio Romano da Santa Cruz, erigido no dia 29 de junho de 1948. As obras de adaptação, ampliação, etc., que não acabariam até 1960, supuseram uma verdadeira epopeia econômica para Josemaria Escrivá e Álvaro del Portillo: o vencimento de letras ou créditos, o pagamento dos fornecedores e o salário semanal dos operários constituíam um autêntico tormento[32].

Nestas circunstâncias, o fundador do Opus Dei decidiu peregrinar a Bari para “comprometer”, mais uma vez, a São Nicolau. Recém-curado da diabete que sofreu durante anos, em julho de 1954 fez – acompanhado por Álvaro del Portillo – uma viagem relâmpago à sepultura do Santo. “O Padre disse que amanhã viajam ele e D. Álvaro a Bari para dizer a Santa Missa no sepulcro de são Nicolau”[33].

O carro, dirigido por Armando Serrano, partiu de Roma no dia 6 de julho, para regressar – via Nápoles – no dia seguinte. Tinham reservado um quarto no *Grande Albergo delle Nazioni* para passar a noite. Depois de cinquenta anos, Mons. Javier Echevarría, comentará, que “estávamos com a corda no pescoço. Não podíamos nem respirar, porque nos sufocávamos... Fez a viagem para rezar diante do seu túmulo (...) e pedir-lhe que nos ajudasse a cobrir os gastos que precisávamos enfrentar. Não tínhamos a quem recorrer”[34].

Ficou bem gravada a são Josemaria a peregrinação:

“Lembras, Álvaro, que apertos? Fomos uma vez, faz muitos anos... Estava tão quente! E fomos num carro tão ruim! Terrível... tínhamos que empurrar a cada poucos quilômetros... Quisemos aproximar-nos de onde estavam as relíquias do Santo. Uns bons frades dominicanos tenham feito um buraco no relicário de madeira antiga, e com uma lâmpada daquelas que havia antes nos escritórios, iluminavam o fundo e ali se viam os ossos. Com que devoção rezamos! não é mesmo? Porque tínhamos muita necessidade... e aquilo ficou resolvido”[35].

No dia 7 de julho celebrou a Missa na basílica do santo, provavelmente sobre o

altar de prata situado à mão direita de quem entra no templo[36]. Poucos meses depois chegou, em efeito, um grande alívio para as obras de *Villa Tevere*. Não era necessário sofrer o susto dos pagamentos diretos aos operários, fornecedores ou bancos, porque foi assinado um contrato com a construtora Castelli, que tinha estrutura suficiente para realizar de modo contínuo os trabalhos sem aflições com urgências de cobrança à vista.

No fim do mesmo ano (1954) foram terminados alguns novos oratórios em *Villa Tevere*. Um deles, muito próximo à entrada da casa, está dedicado precisamente a São Nicolau. É bem pequeno, de atmosfera românico-bizantina. Na abside, um mosaico[37] representa o santo, revestido de bispo e sentado, que abençoa com a sua mão direita. Na mão esquerda segura um livro com o edifício de *Villa Tevere* em cima (a chamada “*Villa Vecchia*”). Na base do altar, de pedra rugosa, lê-se: “In honorem Sancti Nicolai Episcopi A.D. MDCCCCLIII”. Tanto o mosaico quanto a decoração das paredes (anjos, símbolos de São Nicolau, alusões a passagens da sua vida, etc.) foram realizados por alunos do Colégio Romano da Santa Cruz. São Josemaria costumava aparecer por lá para acompanhar os artistas e animá-los no seu trabalho.

Bari foi uma das primeiras cidades italianas a que iriam periodicamente membros do Opus Dei para começar as atividades apostólicas que começaram de modo estável em 1964.

Dois anos depois, em 1966, São Josemaria voltou a passar por Bari, ao retornar de uma viagem a Grécia, com Álvaro del Portillo e Javier Echevarría. No porto de Brindisi esperava por eles um carro dirigido por Javier Cotelo, que recordará que, voltando da viagem a Grécia, no dia 13 de março de 1966, “de Brindisi fomos, pela estrada do litoral de Bari, onde estivemos passeando. Visitamos primeiro São Nicolau na catedral basílica, onde estivemos rezando”. Del Portillo precisará que “por Bari passamos, depois de almoçar (almoçamos antes de chegar a Bari), e somente nos detivemos o tempo necessário para rezar diante do santo”. E Cotelo termina a sua recordação: “No dia seguinte, em uma só etapa chegamos a Roma, passando por Foggia, Avellino e Nápoles, onde provavelmente almoçamos”[38].

No dia 1 de janeiro de 1973 um grupo de jovens italianos participava de uma conversa familiar com São Josemaria. Um destes perguntou-lhe o que esperava deles no ano que começava. Por resposta receberam umas palavras de ânimo para o apostolado. Ressaltava que “há muita gente maravilhosa na Itália, esperando ser chamada, como aqueles operários que estavam na praça pública sem trabalho, de mãos abanando, esperando ser contratados”. Então disse ao autor da pergunta: “Onde você mora habitualmente?” “Em Bari, Padre”, respondeu. E Escrivá formulou um pedido: “Peço-te um favor: que faça uma visita em meu nome a São Nicolau. E diz-lhe, somente uma vez: *sancte Nicoläe: curam domus age*”. E acrescentou o comentário: “Não é um latim muito clássico, mas é bonito: um latim que vem do coração”[39].

Depois da beatificação de Josemaria Escrivá, a cidade de Bari dedicou-lhe uma rua (viale). Na placa correspondente é qualificado como “peregrino de São Nicolau”[40].

## Conclusões

O conteúdo do exposto pode ser resumido em três conclusões:

- São Nicolau de Bari foi o primeiro santo nomeado intercessor do Opus Dei, por são Josemaria Escrivá, no dia 6 de dezembro de 1934, em um momento de particulares dificuldades econômicas para desenvolver as tarefas apostólicas da Obra. À sua intercessão se encomenda especificamente a solução dessas necessidades.

- A sua nomeação na data indicada não constituiu, absolutamente, o primeiro recurso a são Nicolau. Fazia tempo que são Josemaria vinha invocando o santo bispo, na paróquia madrileña de El Salvador y San Nicolás, situada no largo de Antón Martín, muito perto do Real Patronato de Santa Isabel.

- A devoção a são Nicolau continuou se manifestando na vida de Josemaria Escrivá, que frequentemente recorreu à sua intercessão, e inclusive peregrinou à basílica onde repousam os restos mortais do santo, na cidade italiana de Bari. Aconselhou, igualmente, que também fossem ali os membros do Opus Dei residentes nessa localidade.

O autor, **José Miguel Pero-Sanz Elorz** (Bilbao, 1939), é doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma). Também é Bacharel em Filosofia e Letras pela Universidade de Barcelona, e em Ciências da Informação pela Universidade de Navarra (Pamplona). Foi professor nas Faculdades de Ciências da Informação e de Filosofia da Universidade de Navarra. De 1969 a 2009 foi diretor da revista *Palabra* (Madri). Além de numerosos trabalhos, folhetos e artigos, é autor de uma dúzia de livros, vários de caráter histórico-biográfico: *Isidoro Zorzano* (1996), *San Nicolás* (2002), *santa Isabel, Reina de Portugal* (2011). Ordenado sacerdote em 1963, desenvolveu seu ministério sacerdotal em Pamplona e Madri, onde mora desde 1966.

*Artigo publicado no nº8 de Studia et Documenta.*

---

[1] *Apontamentos íntimos*, n. 1206, cit. em Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. I, São Paulo, Quadrante, 2004, nota 121, p. 492.

[2] Cfr. IBID.

[3] Naquele tempo, era costume distribuir a Comunhão também fora da Missa. O citado convento é o de Santa Isabel, em cuja casa reitoral Escrivá se hospedou entre os anos 1934 y 1936, com a sua mãe e irmãos. Cfr. Beatriz Comella Gutiérrez, *Introducción para un estudio sobre la relación de Josemaría Escrivá de Balaguer con el Real Patronato de Santa Isabel de Madrid*, SetD 3 (2009), pp. 189 y 191.

[4] Diário da Academia-Residência DYA, 6 de dezembro de 1934, p. 76, AGP, série A-2, leg. 4, carp. 1, exp. 1. Uma anotação, posterior, de são Josemaria diz: “E de agora em diante será nosso Irmão na Obra”. Provavelmente é de 1936 outra nota marginal sua: “Bem o fez São Nicolau, em pouco mais de um ano. Muito agradecido e agradecidos estamos”.

[5] Álvaro del Portillo explicará que são Nicolau “era o Administrador geral de todas as dívidas porque não havia outra coisa”. Cit. em “Crónica” 1977, p. 786, AGP, Biblioteca, P01. Sobre Heliodoro Gil e a sua relação com são Josemaria durante esses anos, cfr. José Luis González Gullón – Jaume Aurell, *Josemaría Escrivá de Balaguer en los años treinta: los sacerdotes amigos*, SetD 3 (2009), pp. 66-67.

[6] Na realidade, foi nomeado reitor de Santa Isabel quatro dias depois: em 11 de dezembro de 1934. Sobre a atividade realizada por Josemaria Escrivá no Real Patronato de Santa Isabel, cfr. Comella Gutiérrez, *Introducción*, pp. 175-200; id., *Josemaría Escrivá de Balaguer en el Real Patronato de Santa Isabel de Madrid (1931-1945)*, Roma-Madrid, Istituto Storico San Josemaría Escrivá – Rialp, 2010.

[7] Ao ouvir estas palavras, alguém perguntou a são Josemaria se o problema se tinha sido resolvido. A resposta foi: “Onde estaríamos você e eu, senão! Embaixo de uma tenda de campanha e uns pedaços de lata! Mas eu não peço milagres; primeiro peço que trabalhem, que nos sustentemos com o trabalho e, quando não chegamos, pedimos a Deus para chegarmos. Não sou *carismático*; temos que colocar os meios humanos e ao mesmo tempo os sobrenaturais, que vão sempre juntos”. Cit. em “Crônica”, 1968, p. 447, AGP, Biblioteca, P01.

[8] São Nicolau nasceu em uma família ferventemente cristã, por volta do ano 255, em Pátara, localidade portuária na costa meridional de Ásia Menor (atualmente Turquia). Provavelmente os seus pais faleceram antes de ele completar os quarenta anos, e herdou uma substancial fortuna. Nicolau, profundamente piedoso, praticava com generosidade e as obras de misericórdia. Talvez para uma melhor administração do seu patrimônio, mudou-se para a não muito distante cidade de Myra (ou talvez a sua população portuária, chamada Andriake). Por volta do ano 300 a sede episcopal de Myra ficou vaga e, para suceder ao bispo defunto, foi eleito e ordenado Nicolau. Do ano 303 ao 311 (ou talvez 313) teve que sofrer, muito provavelmente, no cárcere e talvez com torturas, a perseguição de Diocleciano. É possível que tenha participado do Concílio Ecumênico de Nicéia (325). Deve ter falecido octogenário, por volta do ano 335, e foi enterrado naquela que mais tarde seria a sua igreja, entre Myra e Andriake. Ali seus restos mortais foram venerados até que, em 1087, foram transferidos a Bari, onde permanecem atualmente. Para mais dados da sua vida, cfr. José Miguel Pero-Sanz, *San Nicolás*, Madri, Palabra, 2007<sup>2</sup>.

[9] No original “dar un sablazo”: expressão coloquial, comumente usada para expressar o pedido de ajuda econômica, feito com graça e de modo amável, com a intenção de não ter que devolver a soma recebida.

[10] Palavras de um encontro informal, 9 de fevereiro de 1975, “Catequesis en América”, vol. III, 1974, p. 2, AGP, Biblioteca, P04.

[11] A dupla apelação corresponde a duas das mais antigas paróquias de Madri. Uma e outra são citadas, como paróquias independentes, no Fuero de 1202.

[12] José Luis Martín Gil, *Antón Martín, pionero del voluntariado social*, Madrid, BAC, 2009, pp. 152ss.

[13] Sofreu uma primeira tentativa de incêndio no dia 13 de março de 1936. Cfr. Comella, *Josemaría Escrivá*, p. 70. E no dia 20 de julho do mesmo ano ardeu, como muitas igrejas de Madri, até sua total destruição. José Luis Martín Gil destaca que “da cúpula e telhados da igreja se recuperaram perto de 7.000 quilos de chumbo derretido, o único aproveitável das suas cinzas”. Martín Gil, *Antón Martín*, p. 181. Cfr. Também José Francisco Guijarro, *Persecución religiosa y guerra civil. La Iglesia en Madrid, 1936-1939*, Madri, La Esfera de los Libros, 2006, p. 370. Reconstruída em 1948, depois da guerra civil espanhola, a paróquia de El Salvador y San Nicolás, na rua de Atocha, número 58, junto da praça de Antón Martín, continua sendo o centro da devoção madrilenha ao Santo. Por exemplo, ali confluem – especialmente, nas segundas-feiras de cada semana – as populares *Caminatas de San Nicolás*.

[14] Cfr. Julio González-Simancas y Lacasa, *San Josemaría entre los enfermos de Madrid (1927-1931)*, SetD 2 (2008), pp. 147-203.

[15] Com relação à situação econômica do fundador na década dos anos 30, cfr., por exemplo, Vázquez de Prada, *O Fundador*, vol. I; Pedro Rodríguez, *El doctorado de san Josemaría en la Universidad de Madrid*, SetD 2 (2008), pp. 13-103, *Passim*.

[16] Sobre a Residência DYA, cfr. José Carlos Martín de la Hoz – Josemaría Revuelta Somalo, Un estudiante en la Residencia DYA. *Cartas de Emiliano Amann a su familia (1935-1936)*, SetD 2 (2008), pp. 299-358; Constantino Ánchel, *Fuentes para la historia de la Academia y de la Residencia DYA*, SetD 4 (2010), pp. 101; José Luis González Gullón, *Anotaciones de Ricardo Fernández Vallespín en la Academia DYA de Madrid (18 de marzo – 25 de junio de 1934)*, SetD 7 (2013), pp. 371-402.

[17] Vázquez de Prada, *O Fundador*, vol. I, pp. 466-467.

[18] Cfr. *ibid.*, p. 467.

[19] Cfr. *ibid.*, p. 469.

[20] O anterior reitor de Santa Isabel não havia apresentado formalmente sua renúncia e houve vários reajustes de competências no citado Ministério.

[21] Cfr. *ibid.*, pp. 469-470.

[22] Cfr. *ibid.*, pp. 480-482.

[23] Cfr. *ibid.*, p. 480.

[24] Carta de Josemaria Escrivá aos membros do Opus Dei de Madri, 20 de setembro de 1934, cit. em *ibid.*, p. 481.

[25] *Ibid.*, p. 481.

[26] Tratava-se dos Armazéns Simeón, cfr. *ibid.*, p. 482.

[27] Palavras de uma meditação dirigida por Josemaria Escrivá, 19 de março de 1975, cit. em *ibid.*, pp. 482.

[28] Cfr. Academia DYA, curso 1934-1935. *Fichário asistentes a atividades*, AGP,

série A.2- 41-3-2.

[29] Cfr. *Diário do Centro de Madri*, 16 de abril e 2 de maio de 1939, AGP, A.2, 11-1-1.

[30] Cfr. José Miguel Pero-Sanz, *Isidoro Zorzano*, Madri, Palabra, 1996, p. 272.

[31] Cfr. *ibid.*, pp. 342 e 425.

[32] Cfr. Javier Medina Bayo, Álvaro del Portillo. *Un hombre fiel*, Madrid, Rialp, 2012, pp. 315-323.

[33] *Diário do Colégio Romano da Santa Cruz* (30 de maio a 27 de julho de 1954), 5 de julho de 1954, AGP, M.2.2, 427-24. Acrescenta: “pediu-nos que nos unamos às suas intenções pedindo pela solução do problema econômico”.

[34] Anotações tomadas de uma reunião informal, 14 de fevereiro 2004, “Crônica”, 2004, p. 238, AGP, Biblioteca, P01.

[35] Anotações tomadas de um encontro informal, “Dos meses de catequesis”, vol. II, p. 625, AGP, Biblioteca, P04.

[36] Um médico de Bari, Lucio Tauro, recorda ter ouvido isso de São Josemaria, em uma tertúlia, 1º de janeiro 1973. Cfr. AGP, série A.2, 83-3-5. Até o momento, pelo menos, é a única referencia escrita que informa do altar em que celebrou.

[37] O primitivo mosaico – pintado – foi substituído com o tempo por um verdadeiro, de tésselas autênticas. A lembrança de Javier Cotelo, com as anotações de Álvaro del Portillo e de Javier Echevarría se conserva em AGP, serie A.5, 206-1-1.

[38] As recordações de Javier Cotelo, com anotações de Álvaro del Portillo e Javier Echevarría, são conservadas em AGP, serie A.5, 206-1-1.

[39] Anotações de uma conversa familiar, 1 de janeiro de 1973, “Crônica”, 1973, p. 54, AGP,

Biblioteca, P01. Cfr. Também no testemunho do interessado, Lucio Tauro, AGP, série A.2, 83-3-5.

[40] Cfr. Aldo Capucci, *La memoria di san Josemaría Escrivá nello spazio urbano in Italia*, SetD 4 (2010), p. 442.

[Voltar ao índice](#)

# São Josemaria e o Cura d'Ars

## 4 de agosto, Santo Cura de Ars

- A data da nomeação
- Por que um intercessor para as relações com os bispos?
- Por que em 1951-53?
- Por que o cura d'Ars?
- O cura d'Ars, exemplo das relações com o bispo

## O cura d'Ars e a vida de São Josemaria antes de 1951-1953

- O cura d'Ars na biografia de São Josemaria
- A presença do cura d'Ars na vida de São Josemaria
- O cura d'Ars intercessor, mas não modelo da vocação específica do Opus Dei
- São Josemaria e o cura d'Ars depois de 1951-1953
- Visitas a Ars
- O projeto de peregrinação
- O santo cura d'Ars em Villa Tevere

---

Um professor universitário de História, leitor habitual de *Studia et Documenta*, ao saber que eu estava escrevendo este artigo, perguntou-me com um sorriso se o título ia ser do estilo que, segundo ele, era habitual na revista: “Preâmbulo para um estudo sobre...”, ou “Introdução à História de...”, etc. Com um pouco de espírito de contradição, preferi dar-lhe um título breve, mas uma versão mais longa e prudente não teria estado fora de lugar: sobre o tema da relação entre São Josemaria e o cura d'Ars, ainda há muitos pontos por esclarecer e os arquivos estão longe de ter dito a última palavra.

Este estudo contenta-se com expor os resultados da investigação, seguindo uma ordem lógica em três pontos: em primeiro lugar, a nomeação por São Josemaria, por volta de 1951-1953, do cura d'Ars como intercessor para as relações do Opus Dei com os bispos diocesanos; em segundo lugar, as relações de São Josemaria com o santo cura d'Ars antes de 1951-1953, como enquadramento que anuncia a nomeação; e por último, as consequências desta nomeação, as relações dos dois santos depois de 1951-1953[1].

A nomeação do cura d'Ars como intercessor para as relações do Opus Dei com os bispos diocesanos.

### A data da nomeação

O elemento mais importante na relação entre o fundador do Opus Dei e o cura



d'Ars († 1859) talvez seja a decisão de São Josemaria de nomear São João Maria Vianney intercessor da Obra para as relações com os ordinários diocesanos. Esta decisão parece remontar aos anos 1951-1953[2]. No dia 9 de agosto de 1951, escreveu numa nota de governo: “Recorda aos padres a necessidade de tratar com carinho os senhores bispos; e o dever de não fazer nenhum trabalho externo – fora das nossas casas – sem uma autorização prévia do Ordinário. Talvez nunca tenha dito que ponho sempre o santo cura d'Ars como intercessor nas minhas relações com os senhores bispos: coloquem também”[3].

Portanto, já antes de 1951, São Josemaria pedia ao cura d'Ars pelas relações com os bispos; o que esta nota muda é que se institucionaliza para todo o Opus Dei uma devoção pessoal do fundador. “Talvez nunca tenha dito”, o que permite supor que anteriormente não sugeria aos seus filhos espirituais que o acompanhassem nesta súplica); sugere a todos – sobretudo aos sacerdotes – que peçam a interseção do santo nas suas relações com os bispos.

Segundo as recordações do próprio São Josemaria, é pelo menos a partir de 1938 que começa a recorrer pessoalmente à intercessão do cura d'Ars para esta intenção. Em 1950 escreveu: “Pelo menos, desde 1938 tenho-o como intercessor, nestes assuntos”[4]. O que aconteceu em 1938 nas suas relações com os bispos que pôde marcar desta maneira a memória de São Josemaria? Nesse ano o fundador do Opus Dei foi para Burgos, e podíamos dizer que as circunstâncias o obrigaram a multiplicar os contatos com diferentes bispos. Até à guerra civil espanhola, o trabalho apostólico do Opus Dei tinha-se realizado principalmente em Madri, no território e com a bênção do seu bispo, D. Leopoldo Eijo y Garay. Quando São Josemaria chegou a Burgos, quis reorganizar o apostolado da Obra e aumentar o contato com os seus filhos e filhas espirituais – ainda pouco numerosos e dispersos por toda a Espanha pelas mudanças ocasionadas pela guerra – e com os que tinham assistido aos meios de formação do Opus Dei antes do combate, que não tinha podido ver durante muito tempo. Tudo isto o obrigou a viajar a muitos lugares, para realizar atividades apostólicas que São Josemaria sempre realizou com a aprovação dos bispos locais[5]. Já tinha conhecido alguns deles em Madri antes da guerra, como o bispo Marcelino Olaechea e o bispo Javier Lauzurica, mas nesta nova etapa da sua vida foi recebido pelos bispos de Ávila, Astorga, Burgos, León e Valladolid[6]. Além disso, a partir de 1938, pregou retiros ao clero de muitas dioceses espanholas a pedido dos bispos (de setembro de 1938 a outubro de 1942, dirigiu dezenove retiros, geralmente de seis dias, para seminaristas, diáconos e sacerdotes[7]).

Os encontros e a colaboração com os bispos multiplicaram-se, São Josemaria situou este movimento numa perspectiva de fé e acompanhou-o com a oração, e foi neste contexto que começou a invocar o santo pároco.

### **Por que um intercessor para as relações com os bispos?**

A data da nomeação institucional seria, portanto, 1951-1953. Mas por que o Opus Dei precisa de um intercessor específico para as suas relações com os bispos diocesanos? Por causa da sua missão e da sua organização, que intrinsecamente requerem a colaboração com as igrejas locais[8]. Estas dimensões foram regulamentadas do ponto de vista jurídico com a ereção do Opus Dei como prelazia pessoal[9], mas configuraram sempre a sua vida e estrutura. De fato, a

missão da Obra é difundir a mensagem de que a vida cotidiana, o trabalho e as circunstâncias habituais da existência são uma ocasião de santificação. Para a difusão desta mensagem, o Opus Dei colabora com as igrejas locais, disponibilizando meios de formação cristã a quem os quiser receber. Do ponto de vista organizativo, as pessoas que se incorporam no Opus Dei continuam a ser fiéis da diocese a que pertencem, e estão sujeitas ao bispo diocesano da mesma maneira e nas mesmas matérias que os outros batizados, seus iguais, e dependem da prelazia para o cumprimento dos compromissos particulares – ascéticos, formativos e apostólicos – que assumem ao fazer parte do Opus Dei. A Obra existe, portanto, para servir a Igreja universal a as igrejas locais. A sua vida e desenvolvimento passam também pelo contato e colaboração com os bispos diocesanos. Isto é o que São Josemaria viveu com um espírito de fé e de oração, e é o que transmitiu aos seus filhos espirituais. Mostrou sempre um claro espírito de lealdade e afeto[10] aos bispos diocesanos, especialmente aqueles cujas dioceses acolhiam atividades do Opus Dei.

### **Por que em 1951-53?**

Na ausência de explicações de São Josemaria sobre os motivos por que nomeou o santo sacerdote como intercessor em 1951-53, podem sugerir-se algumas hipóteses.

A primeira seria análoga à razão que se propôs para explicar o início deste recurso do fundador do Opus Dei ao santo pároco: como em 1938 a expansão da Obra na Espanha multiplicou as relações com os bispos e a necessidade de as apoiar com a oração, em 1951 iniciou-se a expansão internacional dos apostolados das filhas e filhos espirituais de São Josemaria. Sob o seu impulso, o trabalho apostólico do Opus Dei começou em Itália (1943), Portugal (1946), Reino Unido (1946), Irlanda e França (1947), México e Estados Unidos (1949), Chile e Argentina (1950), Colômbia e Venezuela (1951). E depois de 1951: na Alemanha (1952); Guatemala e Peru (1953); Equador (1954); Uruguai e Suíça (1956); Brasil, Áustria e Canadá (1957); Japão, Quênia e El Salvador (1958); Costa Rica (1959); Países Baixos (1960); Paraguai (1962); Austrália e Filipinas (1963); Bélgica e Nigéria (1965); Porto Rico (1969)[11]. O trabalho apostólico, portanto, começa em novos países, em novas dioceses, com o acordo e a colaboração de novos bispos. No âmbito desta expansão apostólica e da sua dimensão primordialmente sobrenatural, São Josemaria quer contar com a intercessão do santo pároco.

Esta primeira hipótese parece-me a mais importante, a mais apropriada para explicar a decisão do fundador do Opus Dei.

Podemos acrescentar mais duas. A primeira tem que ver com o desenvolvimento da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, que em 1950, um ano antes de 1951, abriu as portas aos sacerdotes diocesanos[12]. Movido pelo amor aos seus irmãos sacerdotes seculares, em 1948-1949, São Josemaria pensou com pena que teria que deixar a Obra para fundar uma nova instituição dirigida aos sacerdotes diocesanos. A aprovação definitiva do Opus Dei estava em andamento – chegaria em 16 de junho de 1950 – e São Josemaria via possível que a Obra continuasse sem ele, sem que a sua continuidade estivesse em perigo. Finalmente, compreendeu que os sacerdotes seculares se integravam perfeitamente na estrutura e no espírito da Obra: a sua mensagem de santificação da vida secular e o seu

chamamento à contemplação na vida cotidiana também se adaptava ao ministério dos clérigos seculares, e não foi necessário o sacrifício de deixar a Obra para se dedicar a algo novo especificamente dirigido a sacerdotes. Portanto, a partir de 1950, o apostolado com os sacerdotes adquiriu uma nova forma institucional na vida de São Josemaria, e a figura do sacerdote secular João Maria Vianney talvez também se tenha apresentado perante os seus olhos com um maior relevo (veremos mais adiante, a propósito do projeto de peregrinação a Ars, que São Josemaria estabelece um certo vínculo entre a figura do cura d'Ars e o seu desejo de ajudar os sacerdotes diocesanos).

Uma última razão, mais acidental e sem dúvida menos importante, para situar em 1951-53 a decisão de propor aos seus filhos espirituais a intercessão do santo cura d'Ars, podia ser a incompreensão manifestada em 1950 pelo Arcebispo de Valladolid, Antonio García, acerca das relações da cúria diocesana com o centro local do Opus Dei[13]. São Josemaria soube atuar – e fazer os seus filhos espirituais atuar – com a sua habitual veneração pelos bispos e com respeito pelo direito (conforme as indicações concretas da Congregação vaticana competente), de forma que a cúria diocesana acabou por já não encontrar dificuldades.

Talvez por ter recebido no passado numerosas manifestações de afeto de D. Antonio García, o fundador do Opus Dei – que sabia por experiência que a novidade da Obra podia causar algumas incompreensões – invocou com especial intensidade o cura d'Ars[14] para que se solucionasse o assunto de Valladolid, que lhe era especialmente penoso. É possível, portanto, que este breve desacordo com o governo diocesano recordasse a São Josemaria a utilidade de dar aos seus filhos espirituais todos os meios sobrenaturais para conseguir uma relação justa e santa com o Ordinário do lugar.

### **Por que o cura d'Ars?**

Até agora explicou-se que, pela sua natureza e missão, o Opus Dei tem vínculos com os bispos, e que precisa colocá-los sob a proteção do céu. Também se disse que os primeiros anos da década de 1950, marcados para a Obra por uma forte expansão internacional, tornaram ainda mais urgente o recurso a meios sobrenaturais. Mas ainda fica outra pergunta: por que recorrer ao cura d'Ars, por que não escolher outro santo?

Creio que São Josemaria indicou dois critérios: o primeiro, válido para todos os intercessores do Opus Dei, que não fossem espanhóis para sublinhar a universalidade da Obra, e não assimilar tudo à nacionalidade do fundador e dos seus primeiros seguidores, e animar assim os seus filhos espirituais de todos os países a viver um espírito autenticamente católico; o segundo critério, mais específico do intercessor para as relações com os bispos, que devia ser um sacerdote diocesano.

Mons. Escrivá falou em várias ocasiões sobre o primeiro ponto. Por exemplo, numa reunião com os estudantes do Colégio Romano da Santa Cruz em 20 de junho de 1956, antes de uma viagem a Ars[15]. Fez notar então que como Espanha contava com numerosos santos, podia ter escolhido só intercessores do seu próprio país, mas preferiu não escolher nenhum, para evitar os nacionalismos[16].

Diz também – e isto confirma o segundo critério – que como intercessor das relações com os Ordinários locais, teria podido nomear, por exemplo, o então B. João de Ávila[17]. Penso que escolheu o exemplo deste santo do século XVI como alternativa ao cura d’Ars, porque ambos são sacerdotes seculares pertencentes a uma diocese, e, portanto, lógicos intercessores para as relações com os Ordinários locais.

João de Ávila, morto em 1569 e beatificado em 1894 por Leão XIII, vem talvez à mente de São Josemaria em 1956 porque tinha sido proclamado padroeiro do clero secular espanhol dez anos antes por Pio XII mediante o breve *Dilectus filius* de 2 de julho de 1946. Foi canonizado por São Paulo VI em vida de São Josemaria, em 31 de maio de 1970[18]. Descartado João de Ávila pela sua nacionalidade, em 1951-53 havia poucos sacerdotes seculares canonizados. Além de São João Maria Vianney, primeiro pároco canonizado[19] (em 1925), poucos sacerdotes seculares se contam entre os santos, além dos mártires e fundadores de congregações religiosas que, em geral, foram elevados aos altares porque derramaram o seu sangue por Cristo ou porque abriram um novo caminho de vida religiosa e não tanto por serem sacerdotes seculares. A única exceção que conheço é a de São Yves de Tréguier, que morreu em 1303 e foi canonizado em 1347, mas não figura no calendário romano, e é possível que São Josemaria, apesar da sua formação universitária em Direito, não tivesse ouvido falar do homem que em muitos países ostenta o título de padroeiro dos juristas.

Mas seria demasiado simples e sem dúvida inexato, reduzir a figura do cura d’Ars aos olhos de São Josemaria a dois critérios negativos: por um lado, não ser espanhol; por outro, ser um dos poucos sacerdotes seculares canonizados; quer dizer, não teria tido muitos concorrentes no momento de procurar um intercessor[20]. Proponho aqui outras hipóteses para explicar a escolha de São João Maria Vianney.

### **O cura d’Ars, exemplo das relações com o bispo**

Como veremos a seguir, São Josemaria conhecia bastante bem a vida do santo pároco. Vianney viveu com grande submissão e lealdade para com o seu prelado: a sua intercessão nas relações com os bispos tem, portanto, a sua lógica, visto que viveu a sua de maneira exemplar. Assim – para dar um exemplo entre outros desta obediência –, abandonou o rigorismo dos seus primeiros anos de ministério graças ao seu bispo, D. Alexandre Devie (†1852), que o introduziu na moral de Santo Afonso Maria de Ligório, em plena difusão no século XIX[21]. Em 1830, o bispo de Belley escreveu uma carta pastoral louvando a *Theologia moralis* de Santo Afonso[22], e pode considerar-se que em 1839, o santo pároco abandonou o rigorismo que o tinha levado inicialmente a usar a absolvição diferida como meio habitual para conduzir as almas à conversão[23]. Por outro lado, tinha um exemplar – que revia todos os invernos – da *Teologia Moral* para uso dos Sacerdotes e Confessores (1844) do cardeal Charles Gousset, Arcebispo de Reims (†1866), grande difusor da moral afonsina[24]. A influência de Ligório sobre o cura d’Ars, recebida através do seu bispo, permitiu-lhe absolver sem demora os penitentes verdadeiramente contritos, fortaleceu o seu amor pela Eucaristia e animou-o a pregar em tom positivo, quase sempre sobre o amor divino[25]. A influência do seu bispo está, portanto no centro das manifestações da santidade de João Maria Vianney: esse vínculo do santo pároco com o seu Ordinário explica

talvez por que foi escolhido como intercessor das relações com os bispos.

## O cura d'Ars e a vida de São Josemaria antes de 1951-1953

### O cura d'Ars na biografia de São Josemaria

Vejamos algumas circunstâncias da vida do fundador do Opus Dei que facilitaram a sua simpatia pelo cura d'Ars.

O Papa Pio XI canonizou São João Maria Vianney em 31 de maio de 1925, poucas semanas depois da ordenação sacerdotal de São Josemaria, em 28 de março. Nesses anos, as canonizações eram menos frequentes do que agora: é fácil supor que São Josemaria estivesse a par deste ato pontifício. Sabemos que em Madri, a partir de 1927, o fundador da Obra distribuiu muitas revistas de informação religiosa: conhecia-as, sem dúvida as lia de antemão, e com certeza que faziam eco da canonização[26].

Também é muito provável a sua proximidade com um dos escassos sacerdotes seculares canonizados até ao momento, que morreu menos de 70 anos antes. A canonização em 1925 do cura Vianney foi excepcional, pelo menos de dois pontos de vista: era um sacerdote secular, e além disso era quase contemporâneo. Falamos antes do baixo número de sacerdotes seculares canonizados; a seguinte tabela ilustra a escassez das canonizações até o Vaticano II, e o fato de que excepcionalmente involucrassem homens e mulheres falecidos recentemente[27].

Papas	Canonizações	Santos do Século XIX	Santos do Século XX
Pio VII (1800-1823)	5		
Gregório XVI (1831-1846)	5		
B. Pio IX (1846-1878)	52		
Leão XIII (1878-1903)	18		
São Pio X (1903-1914)	4	1	
Bento XV (1914-1922)	3	1	
Pio XI (1922-1939)	34	11	
Venerável Pio XII (1939-1958)	33	20	4
São João XXIII (1958-1963)	10	5	1
São Paulo VI (1963-1978)	84	34	1
São João Paulo II (1978-2005)	482	300	125
	(entre os quais, 402 mártires)		
Bento XVI (2005-2013)	43	19	15

A canonização ocorreu apenas treze dias depois do regresso de São Josemaria da aldeia aragonesa de Perdiguera, onde exerceu as suas primeiras semanas de ministério, e de onde partiu em 18 de maio de 1925. É fácil encontrar um paralelismo entre as pequenas paróquias rurais de Ars e Perdiguera. Sobre estas situações pastoral e humanamente análogas, um bom conhecedor da espiritualidade de fins do século XIX e princípios do XX escreveu: “João Maria Vianney tinha-se convertido para o clero católico num símbolo, numa esperança e numa bandeira. Havia muitos sacerdotes muito humildes como o cura d'Ars em aldeias que pareciam ser uma terra árida e estéril, pobres como ele, com poucos meios econômicos, mas dispostos a rezar e trabalhar sinceramente esperançados

no ressurgir da prática e do fervor religioso, graças à ajuda de Deus, por meio da Eucaristia e da devoção a Maria Santíssima”[28].

Convém destacar de passagem que a escolha de um santo francês é ainda mais notável se recordarmos o clima de galofobia que rodeou o pequeno Josemaria, sobretudo no colégio, como consequência das más ações cometidas pelas tropas napoleônicas em Espanha durante a guerra de independência[29]. À medida que amadurecia humana e cristãmente, Josemaria não só aprendeu a rejeitar estes ressentimentos com um espírito verdadeiramente católico, mas também se sentiu em dívida com França como se tivesse que amá-la para apagar o clima de antipatia que tinha sofrido em criança[30].

### **A presença do cura d’Ars na vida de São Josemaria**

O primeiro fato a anotar seria a presença de livros de e sobre São João Maria Vianney na biblioteca de trabalho que monsenhor Escrivá organizou em Roma depois de 1950 para si e para os seus sucessores[31]. Há dois volumes de sermões do cura d’Ars traduzidos em espanhol[32], e três livros clássicos sobre a espiritualidade e a vida do santo cura: os de Alfred Monnin, Hippolyte Convert e Francis Trochu[33].

Para provar que Josemaria leu estes livros e/ou outros de e sobre João Maria Vianney, vale a pena notar que o cita na sua pregação. Coloca-o como exemplo de fé durante um retiro sacerdotal pregado em Vitória em agosto de 1938[34]. Durante outro retiro, em Valência, em novembro de 1940, utiliza dois episódios da vida do cura d’Ars: o primeiro, que se retoma no Catecismo da Igreja Católica, n. 2715: “Eu olho para Ele e Ele olha para mim’, dizia ao seu santo cura um camponês de Ars que orava diante do Sacrário (cfr. F. Trochu, *Le curé d’Ars Saint Jean Marie Vianney*, pp. 223-224)”. Não é este o livro de Trochu que está na biblioteca de São Josemaria, mas a famosa biografia, um clássico para os sacerdotes seculares que, por exemplo, influenciou na vocação sacerdotal de São João Paulo II[35] e que podemos pensar que São Josemaria terá lido. O segundo episódio contado durante esse retiro em 1940 foi também recolhido mais tarde num documento eclesial, desta vez a encíclica *Sacerdotii Nostri Primordia* de São João XXIII. É a resposta do santo pároco a um companheiro sacerdote que se queixava da falta de eficácia do seu ministério: “Rezastes, chorastes, gemestes, suspirastes. Mas porventura jejuastes, fizestes vigílias, dormistes sobre o chão duro, fizestes penitências corporais? Enquanto não o fizerdes, não julgueis que fizestes tudo!”[36]. Quis citar estes documentos magisteriais e fazer referência aos santos João XXIII e João Paulo II para ilustrar que há ensinamentos da vida de João Maria Vianney que marcaram várias gerações de sacerdotes (Angelo Roncalli nasceu em 1881, Josemaria Escrivá em 1902 e Karol Wojtyła em 1920).

### **O cura d’Ars intercessor, mas não modelo da vocação específica do Opus Dei**

São Josemaria lê e cita São João Maria Vianney, a sua vida e os seus ensinamentos inspiram-no, mas não o considera um modelo a imitar para viver a vocação ao Opus Dei. Aparentemente, terá sido por causa do cura d’Ars que Mons. Escrivá mudou o título dos intercessores da Obra, que num princípio se tinham chamado padroeiros menores. Com a mudança de título quis-se sublinhar que os fiéis do Opus Dei recorrem à intercessão destes santos, mas não estão obrigados a imitá-

los.

Esta mudança de terminologia parece estar relacionada com um episódio do verão de 1961; durante uma reunião com o fundador do Opus Dei no Colegio Mayor La Estila (Santiago de Compostela)[37], um dos presentes perguntou a São Josemaria se os sacerdotes da Obra deviam imitar os então chamados padroeiros menores, acrescentando que lhe era difícil pensar que os sacerdotes da Obra deviam tomar como modelo o cura d’Ars. A pergunta não especifica os aspectos a que se refere o que a faz, mas se poderia pensar em particular na forma concreta de viver a pobreza, que João Maria Vianney viveu heroicamente com uma batina muitas vezes suja e sapatos sem limpar[38], enquanto que São Josemaria procurava usar uma batina sempre limpa, que utilizava até gastar, e sapatos – tinha dois pares – que ele próprio limpava durante anos[39]. A sua atitude reflete o que pregava sobre as formas seculares de viver a pobreza, que implicam certa elegância vivida de acordo com as circunstâncias sociais de cada um. Outra testemunha recorda que São Josemaria disse que o cura d’Ars não era modelo para os fiéis do Opus Dei no seu modo de se mortificar, ao comer muito pouco ou comer alimentos em mau estado[40]. O caso é que em 1961 o fundador do Opus Dei respondeu à pergunta dizendo que os padroeiros menores eram só intercessores, e que os membros da Obra devem viver o espírito que lhes corresponde e só imitar Jesus, Maria e José. O fundador não julgava negativamente a vida dos intercessores em geral, e a do santo cura em particular, mas simplesmente quis indicar que não era um modelo para viver segundo o espírito do Opus Dei. Uns meses depois, em 13 de abril de 1962, enviou uma nota do governo que afirmava que os intercessores não eram um modelo para viver a vocação específica do Opus Dei[41].

### **São Josemaria e o cura d’Ars depois de 1951-1953**

Uma vez que o nomeou intercessor para as relações com os Ordinários locais, São Josemaria rezou ao cura d’Ars porque era o primeiro a viver o espírito que transmitiu aos seus filhos, e continua a mencioná-lo nos seus ensinamentos. Em 15 de dezembro de 1954, por exemplo, falando da necessidade de pedir a Deus muitos sacerdotes doutos e santos para o Opus Dei, acrescentou: “Porque se não forem doutos não podem ser santos. E vocês dirão: – Padre, e o cura d’Ars? O cura d’Ars acabou sendo douto e santo, porque o Senhor lhe dava as suas iluminações e porque tinha posto todo o esforço humano – os meios humanos – para ser douto”[42]. Uma vez mais, São Josemaria mostra o seu bom conhecimento da vida do cura d’Ars, que, apesar das dificuldades dos seus estudos eclesiásticos, pôde adquirir um bom nível de formação intelectual. Como já se disse, todos os invernos estudava a *Théologie morale à l’usage des curés et des confesseurs* (1844) do cardeal Charles Gousset, arcebispo de Reims, conforme o relatado pelo seu vigário Raymond[43]. Lia um livro de teologia ou espiritualidade todos os dias, na cama, mesmo que tivesse confessado durante muitas horas. A sua biblioteca constava de 426 volumes[44], escritos dos Padres, de autores espirituais como frei Luís de Granada. Releu frequentemente o livro fundamental da sua formação inicial, as *Instructions sur le rituel, concernant la théorie et la pratique des sacrements et de la morale*, do bispo de Toulon, Louis Albert Joly de Choin (1778); mas os seus livros preferidos foram os dois volumes da *Vie des saints* de François Giry[45].

Em 8 de novembro de 1968, catorze anos depois do primeiro exemplo que escolhemos, no contexto da crise pós-conciliar, São Josemaria exortava os seus ouvintes a estudar a doutrina e comentava: “Ao santo cura d’Ars, para o ordenar, o seu bispo só lhe exigiu que soubesse o Pai Nosso e o Credo. Agora, se a alguns lhes perguntam pelo Credo e pelo Pai Nosso, tropeçam”[46]. Neste caso os dados biográficos não parecem exatos: Joseph Courbon, vigário geral do cardeal Fesch, arcebispo de Lyon no exílio em Roma, teria perguntado pelo cura d’Ars, cujos resultados nos exames não foram brilhantes: “É piedoso? Tem devoção à Santíssima Virgem?”, e como lhe responderam: “Sim, é um modelo de piedade”, decidiu ordená-lo[47].

Também há outros pormenores concretos da devoção a São João Maria Vianney que não se manifestaram na vida de Mons. Escrivá até depois de 1951-1953.

A primeira destas manifestações seria sem dúvida as visitas a Ars. São Josemaria foi lá rezar nove vezes, de 1953 a 1960: todas estas visitas aconteceram depois da sua nomeação como intercessor – e pode-se deduzir que São Josemaria lhe rezasse como tal, para acompanhar a expansão do trabalho apostólico dos seus filhos espirituais em novas dioceses –, e também depois de o fundador do Opus Dei ver que a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz podia abrir-se aos sacerdotes diocesanos, pelo que é de supor que também rezasse a João Maria Vianney enquanto santo sacerdote secular, algo que se ilustra com uma segunda manifestação de piedade: o projeto não levado a cabo de realizar uma peregrinação da Sociedade Sacerdotal a Ars. Segundo D. Javier Echevarría, prelado do Opus Dei e testemunha presencial de várias destas peregrinações a Ars, foram estas duas intenções de oração que animaram São Josemaria durante as suas visitas a Ars: “Presenciei o carinho que o nosso Padre lhe manifestou quando, certa vez, foi venerá-lo em Ars para encomendar-lhe a santidade dos sacerdotes e as relações do Opus Dei com os Bispos diocesanos”[48].

### **Visitas a Ars**

Sobre estas visitas encontrou-se pouca documentação[49]. A primeira teve lugar em 25 de outubro de 1953, quando São Josemaria e os seus acompanhantes chegaram de Paris e Fontainebleau e depois partiram para Chambéry e Itália[50].

A segunda visita foi em 20 de novembro de 1955. Desta vez vieram de Itália passando por Milão. Este dia 20 de novembro era domingo, e a igreja de Ars estava cheia quando entraram para rezar[51]. A seguir deixaram a aldeia para ir a Mâcon e depois a Fontainebleau[52].

A terceira visita foi em 27 de junho de 1956. São Josemaria celebrou a Santa Missa pela primeira vez em Ars, partiu para Versalhes e Paris, e depois para a Bélgica[53].

Em 1957 realizou três visitas a Ars[54]: a primeira foi em 21 de maio (seguiram[55] o itinerário Bolonha - Bardonecchia - Modane - Ars e partiram para Avinhão, depois Lourdes, Paris e de regresso a Itália[56]). Em Lourdes e em Ars, São Josemaria rezou pela sua irmã Carmen, diagnosticada com câncer pouco antes, em 4 de março, e que morreu em 20 de junho[57]; a segunda de 1957, nos dias 13 e 14 de setembro (vinham de Lyon para passar a que provavelmente foi a



primeira noite de São Josemaria em Ars e prosseguem para Itália: Modane - Bardonecchia - Montecatini[58]); a terceira de 1957, em 24 de novembro (vinham de Itália[59] e tinham passado previamente por Lourdes e Marselha, e depois continuaram a viagem a Versalhes e Paris, para finalmente regressar a Roma[60]).

A sua sétima visita foi nos dias 1 e 2 de fevereiro de 1958; depois de celebrar a Missa[61] voltam diretamente para Roma[62]. A oitava peregrinação foi em 13 de maio de 1959: vêm de Itália, passam por Mônaco e depois vão para o sul de França e Espanha[63].

São Josemaria fez a sua nona e última peregrinação de 31 de outubro a 1 de novembro de 1960: chegou de Paris e Lyon, e anteriormente de Espanha, e depois de Ars passou de novo por Lyon antes de ir para Roma via Milão[64].

Ainda lhe restavam quinze anos de vida – como se sabe, São Josemaria faleceu em 1975 –, esta nona visita tem lugar durante a sua décima sétima passagem por França, país a que voltará em dezoito ocasiões[65], mas parece que já não irá a Ars; por quê? À falta de provas documentais, eu poria três hipóteses. Por um lado, o trabalho apostólico da Obra desenvolvia-se em França especialmente em Paris, e as viagens do fundador eram, em primeiro lugar, para ver os seus filhos espirituais, para os animar e para rezar com eles e por eles; por outro lado, a crise da Igreja, que fez sofrer tanto a São Josemaria nos últimos anos da sua vida[66], leva-o a recorrer mais intensamente a Nossa Senhora, e a multiplicar as visitas aos santuários de Nossa Senhora durante as suas viagens: Maria tem prioridade sobre os outros santos, a hiperdulia sobre adulia; finalmente, embora seja um motivo mais prosaico, algumas viagens não se fazem de carro mas de avião[67] e a passagem pela pequena aldeia de Ars torna-se mais difícil.

## **O projeto de peregrinação**

Outra manifestação da devoção de São Josemaria a São João Maria Vianney é o seu projeto – não efetuado – de realizar uma peregrinação a Ars com os sacerdotes da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. Tinha-o planejado para 1956 e, na nota de governo que anunciava o projeto, pedia aos diretores da Obra e aos sacerdotes da Sociedade Sacerdotal que dessem a sua opinião sobre o assunto. Quando redigiu a nota, ainda não tinha especificado o programa da peregrinação: só anunciou que se ia procurar uma alta figura eclesiástica para presidir a atividade, e que incluirá um recolhimento que ele próprio pregaria. Como esperava muitos frutos espirituais dessa reunião, pedia aos seus filhos orações para os conseguir: “1. Comunico-vos que tenho o propósito de organizar, dentro do ano de 1956, uma peregrinação a Ars. Convém que assistam, com os sacerdotes numerários que se designarem, o maior número possível de sacerdotes adscritos[68], supernumerários, cooperadores e assistentes eclesiásticos das diferentes regiões. 2. Rezem pelo assunto, para que, no momento certo, tenhamos muitos frutos espirituais desta visita ao santo cura d’Ars, nosso padroeiro. 3. Oportunamente será indicado, com antecedência suficiente, quando se vai fazer a peregrinação, os dias que se vão empregar, as celebrações – entre as quais, um dia de recolhimento –, o preço, etc. 4. Procurar-se-á que presida uma alta personalidade eclesiástica; e o Diretor espiritual será o vosso Padre. 5. Também serão estudadas com carinho as coisas materiais, para conseguir que a viagem e a estadia na paróquia de São João Maria Vianney sejam mais um Convívio, dos nossos! 6. Vão contando estas

coisas, sem lhes dar caráter oficial, para que esses filhos da S.S.S.+ [Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz] deem o seu parecer e, sobretudo, indiquem o momento mais oportuno. 7. Não deixem de me dizer o que forem pensando sobre este assunto”[69].

Em novembro de 1955, de passagem por Paris, falava do projeto aos seus filhos, explicando-lhes que contaria com eles para certos pormenores da organização[70]. Alguns meses mais tarde, em março de 1956, uma nova nota anunciava o adiamento da peregrinação para 1957, um atraso devido à preparação do II Congresso Geral do Opus Dei, que se realizaria em Einsiedeln (Suíça) de 22 a 25 de agosto de 1956[71]. São Josemaria termina escrevendo: “Continuem a rezar pelo assunto, pois não tardaremos muito a realizar este projeto”[72].

A partir desse momento, os arquivos mantêm silêncio: não há rasto das reações ao projeto inicial formulado em 1955, nem outras opiniões posteriores que expliquem o abandono de uma ideia que afinal nunca se realizou, nem em 1957 nem mais tarde. Sabe-se apenas que abandonou a ideia porque considerou que a organização de atividades coletivas deste gênero não pertencia ao espírito do Opus Dei[73]. Pode-se pensar, sem dúvida, que nesta decisão pesou o que São Josemaria chamava humildade coletiva, que entendia que os seus filhos deviam viver com ele, para evitar o fanatismo de grupo, a falsa glória dos números, das multidões e das estatísticas; animava com frequência os seus filhos espirituais a viver unicamente para a glória de Deus, a amar o trabalho silencioso e eficaz sem procurar aplausos, a esconder-se e a desaparecer[74]. Talvez São Josemaria tenha pensado que esta peregrinação podia fomentar um espírito de corpo fora de lugar; talvez também temesse que a sua humildade sofresse com um ato coletivo em que necessariamente a sua pessoa teria sido ponto de referência como fundador da Sociedade Sacerdotal.

### **O santo cura d’Ars em Villa Tevere**

A devoção aos santos tem outra manifestação habitual na história da espiritualidade que se encontra na relação de São Josemaria com São João Maria: os cristãos constroem lugares de culto para honrar a Deus ao mesmo tempo que recordam os seus santos e veneram as suas representações. É o que fez o fundador do Opus Dei em Villa Tevere, onde viveu em Roma e donde dirigiu a Obra em todo o mundo.

Dum ponto de vista arquitetônico, essa tradição cristã de exprimir a devoção através da arte sacra aprecia-se no oratório dedicado ao cura d’Ars em Villa Tevere. A sua construção decidiu-se depois de março de 1952, e, portanto, durante o período 1951-1953, o período da nomeação como intercessor, como vimos antes[75]. A realização do projeto acontece cinco anos mais tarde, quando os arquitetos já estão trabalhando na zona de Villa Tevere em que ficará situado esse oratório. As primeiras indicações recebidas de São Josemaria foram bastante genéricas: que o estilo devia ser “relativamente moderno” e que o retábulo, que seria presidido por uma imagem do santo pároco, comemoraria de alguma maneira a história da Sociedade Sacerdotal[76]. Os arquitetos começaram a trabalhar em março de 1958[77] e em breve se preocuparam com o limitado espaço que o evoluir das obras deixava à sua disposição. São Josemaria animou-os

paternalmente, aprovou as suas propostas e consolou-os pelo pequeno tamanho do oratório, fazendo-os considerar que mais tarde tinham que realizar construções mais ambiciosas: “já chegará o momento de fazer catedrais”, disse-lhes[78].

Um pormenor mostra novamente o conhecimento de São Josemaria sobre a vida e a personalidade de São João Maria. Quando o oratório era apenas um projeto, o fundador do Opus Dei aludiu à possibilidade de colocar sob o futuro altar do santo pároco as relíquias do corpo inteiro dum mártir, e mencionou a este respeito a devoção do cura d’Ars às relíquias[79]. No fim, o altar não incluiu o corpo inteiro de nenhum santo, mas é interessante notar que São Josemaria sabe que São João Maria gostava de rezar aos santos diante das suas relíquias[80].

O oratório definitivo não inclui o retábulo que devia ilustrar a história da Sociedade Sacerdotal, sem dúvida por ser menor do que o previsto inicialmente pelos arquitetos. O elemento essencial da sua decoração, que o vincula ao cura d’Ars, é uma grande estátua do santo colocada num pedestal por trás do altar, e que tem a mesma altura que São Josemaria[81]. Em maio de 1957, o diário das obras menciona que será de tamanho natural, e se baseará numas fotografias trazidas por São Josemaria, que passou por Ars em 21 de maio durante a sua quarta visita ao santuário. Essas fotografias, que não encontrei nos arquivos da Prelazia, eram talvez a estátua de Émilien Cabuchet ou do relicário do santo. O diário das obras especifica também que São Josemaria entregou aos arquitetos uma imagem do santo pároco[82]. Trata-se possivelmente de uma imagem de madeira, feita em França em 1953 para São Josemaria[83]: recebeu-a em julho do mesmo ano, gostava muito dela e colocou-a durante uns tempos na sua mesa de trabalho, conforme disse aos seus filhos de França[84].

Em 12 de junho de 1957, entregaram-se as fotografias ao escultor Pasquale Sciancalepore, que apresentou rapidamente um esboço, quatro dias mais tarde[85]. A encomenda formalizou-se em julho, e o artista, depois de escolher um bloco de mármore em Querceta (Toscana)[86], começou a escultura. São Josemaria visitou o seu estúdio pelo menos duas vezes durante a realização da obra, e em cada uma delas exprimiu a sua satisfação com o resultado[87]. A escultura ficou acabada em maio de 1958[88], o pedestal que a sustenta foi montado no oratório em agosto[89], e tudo deve ter sido acabado entre agosto de 1958 e maio de 1959, período sobre o qual não há notas no diário das obras.

Além deste oratório dedicado ao cura d’Ars e a imagem de madeira do oratório-biblioteca mencionada anteriormente, São João Maria Vianney também está presente em Villa Tevere com os outros intercessores: há relíquias suas no altar da Santíssima Trindade, onde São Josemaria costumava celebrar a Santa Missa[90]; no retábulo do oratório dedicado aos intercessores[91]; e uma pequena imagem de prata que adorna o sacrário do oratório do Conselho Geral da Prelazia, que chegou a Villa Tevere em setembro de 1956[92]. Também tem de se mencionar, fora de Villa Tevere, a estátua do santo pároco colocada – com as dos outros intercessores – no retábulo do santuário de Torreciudad, cuja elaboração São Josemaria seguiu muito de perto[93].

Como escreveu São John Henry Newman, “a Igreja Católica jamais perde o que uma vez possuiu. (...) Em vez de passar de uma fase da vida para outra, leva

consigo a juventude e a maturidade até à velhice. (...) Domingos não faz sombra a Bento”[94], e podia acrescentar-se que São Josemaria não faz sombra a São João Maria Vianney. Graças à bela verdade da comunhão dos santos[95], forjam-se amizades entre os cristãos através dos séculos, e a devoção do fundador do Opus Dei pelo cura d’Ars é um bom exemplo duma dessas pontes de afeto e de confiança construídos para além da morte: isto é o que este artigo tratou de ilustrar. Vemos que “os santos dão a mão uns aos outros e nos dão a mão a nós”[96] para nos animar também a ir até Deus.

---

[1] O artigo centra-se, portanto, na relação entre os dois santos no que diz respeito à nomeação do cura d’Ars como intercessor. Não se tenta aqui comparar sistematicamente a espiritualidade dos dois Santos: seria interessante situar Josemaria em relação a João Maria, e analisar o primeiro na história da espiritualidade sacerdotal do seu tempo, destacando os aspectos mais tradicionais e as possíveis originalidades, especialmente a secularidade da espiritualidade sacerdotal; mas isto seria objeto de outras investigações.

[2] cfr. a seguinte nota n. 54 e os parágrafos sobre as visitas a Ars (a primeira teve lugar em 25 de outubro de 1953) para explicar a escolha do ano 1953 como o *annus ad quem* da nomeação.

[3] Nota sobre relação com bispos, Roma, 9 de agosto de 1951: AGP, A.3, 179-4-11. Não se recolhe nada sobre esta nota no diário do Colégio Romano à volta de 9 de agosto: AGP, M.2.2., 427-8, nem nas quatro cartas do epistolário enviado de Roma nesse dia.

[4] AGP, A.3.4, 262-2, carta 500902-01. Esta data dada por São Josemaria é sem dúvida mais fiável do que a vaga recordação do redator do diário do Colégio Romano, que escreveu na sexta-feira 27 de fevereiro de 1953, depois de uma reunião com o fundador, precisando que lhe falhava a memória: “A meio da tertúlia o Padre vem ter conosco. Diz-nos que em 1934 ou 1935 – não recordo exatamente – pôs sob o patrocínio do Santo cura d’Ars as relações da Obra com os bispos. E há poucos dias, encomendou a São Pio X as relações com a Santa Sé”: AGP, M.2.2., 427-16. Parece que foi precisamente em 1953 que ganhou forma a ideia de um grupo de santos a que o Opus Dei confiaria diferentes intenções institucionais.

[5] “Josemaria foi fazendo um itinerário em que incluiu também outras finalidades, como a de visitar todos os bispos para lhes ir dando a conhecer a Obra”. Andrés Vázquez De Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. II, Madri, Rialp, 1997-2003.

[6] cfr. Vázquez De Prada, *El Fundador*, vol. II, pp. 253 y ss.

[7] cfr. Constantino Ánchel, *La predicación de san Josemaría. Fuentes documentales para el período 1938-1946*, SetD 7 (2013), pp. 125-198, especialmente 135-139.

[8] Para esta breve explicação, utilizo aqui algumas expressões da página web da

Prelazia em francês [www.opusdei.fr](http://www.opusdei.fr), na sua seção O que é o Opus Dei? (consultado em 9 de janeiro de 2014).

[9] cfr. especialmente o Codex Iuris Particularis Operis Dei, Tit. IV, cap. V, em Amadeo de Fuenmayor - José Luis Illanes - Valentín Gómez-Iglesias, El itinerario jurídico del Opus Dei. Historia y defensa de un carisma, Pamplona, Eunsa, 19904, pp. 654-656.

[10] Pelas suas amizades com os bispos de Espanha, onde nasceu o Opus Dei e onde se expandiu em primeiro lugar, temos de mencionar Leopoldo Eijo y Garay, José López Ortiz, Santos Moro Briz, Pedro Cantero Cuadrado, Carmelo Ballester Nieto, José María Bueno Monreal, José María García Lahiguera e Juan Hervás Benet, entre outros. Cfr. os índices de nomes citados nos três volumes de Vázquez De Prada, El Fundador del Opus Dei; ou os testemunhos recolhidos em Benito Badrinas (ed.) Beato Josemaría Escrivá de Balaguer: un hombre de Dios. Testimonios sobre el fundador del Opus Dei, Madri, Palabra, 1994. Para o período posterior e especialmente durante o Concílio Vaticano II, cfr. por exemplo Carlo PIOPPI, Alcuni incontri di san Josemaría Escrivá con personalità ecclesiastiche durante gli anni del Concilio Vaticano II, SetD 5 (2011), pp. 165-228. A relação do Cardeal patriarca de Lisboa, Manuel Gonçalves Cerejeira, com o Opus Dei serve para ilustrar o respeito e afeto de São Josemaria nuns momentos complicados pelos mal-entendidos: cfr. Vázquez De Prada, O Fundador, vol. III. Cfr. também Hugo de Azevedo, Primeiras viagens de São Josemaria a Portugal (1945), SetD 1 (2007), pp. 15-39.

[11] cfr. Federico M. Requena - Javier Sesé (eds.), Fuentes para la historia del Opus Dei, Barcelona, Ariel, 2002, pp. 85-93; 109.

[12] cfr. Vázquez De Prada, El Fundador, vol. III, pp. 170-176; Fuenmayor - Illanes - Gómez-Iglesias, El itinerario, pp. 288-291.

[13] cfr. especialmente as cartas AGP, A.3.4, 262-2, cartas 500902-01, 500903-01 e 500914-03 do epistolário de São Josemaria.

[14] AGP, A.3.4, 262-2, carta 500902-01.

[15] AGP, M.2.2, D 428-6.

[16] Testemunho de Mons. Agustín Romero, atual vigário judicial da arquidiocese de Paris, que relata uma visita de São Josemaria a Paris em 20 de maio de 1959, quer dizer, como se verá a seguir, uma semana depois de visitar Ars: “Como um exemplo da universalidade do espírito que lhe tinha dado, falou-nos dos santos intercessores: são Thomas More, um inglês maravilhoso; o Santo cura d’Ars, um francês; São Pio X, um italiano”: AGP, A.2, 83-1-2, H, p. 4.

[17] “Reparem que em Espanha temos montes de santos e não procurei nenhum espanhol. Pede-nos que não sejamos nacionalistas. [...] Contava como podia ter escolhido como padroeiro das nossas relações com os ordinários o B. João de Ávila e no entanto escolheu o cura d’Ars”: AGP, M.2.2, 428-6, em 20 de junho de 1956; AGP, A.5, 206-3-8: “Fazia-nos ver como tinha escolhido intercessores de diferentes nações, para que não fôssemos nacionalistas, podendo ter escolhido santos espanhóis em abundância”: Testemunho de Hugo de Azevedo, Porto, 6 de

setembro de 1975.

[18] E proclamado doutor da Igreja por Bento XVI em 7 de outubro de 2012.

[19] cfr. Marc Venard (ed.), *Histoire du christianisme*, t. VIII: *Le temps des confessions*, Paris, Desclée, 1992, p. 1026. São Pedro Fourier (†1640), pároco de Mattaincourt em Lorena, tinha sido canonizado em 1897, mas como fundador das cônegas regrentes da Congregação de Nossa Senhora.

[20] O deão do pároco rural de Bernanos observa: “O cura d’Ars não é uma exceção? Não é insignificante a proporção, comparada com esta venerável multidão de clérigos zelosos, que consagram as suas forças às cargas esmagadoras do ministério? E quem ousaria pretender, no entanto, que a prática das virtudes heroicas seja privilégio dos monges ou, se insistes muito, até dos simples leigos?”: Georges Bernanos, *Journal d’un curé de campagne*, em Albert Béguin (ed.), *Œuvres romanesques*, Paris, (Bibliothèque de la Pléiade, 155) Gallimard, 1966, p. 1083.

[21] cfr. Gilbert Humbert, *Jalons chronologiques pour une histoire de la pénétration en pays francophones de la pensée et des œuvres d’Alphonse de Liguori*, em Jean DELUMEAU (ed.), *Alphonse de Liguori: pasteur et docteur*, Paris, Beauchesne, 1987, pp. 369-401; *La recezione del pensiero alfonsiano nella Chiesa: atti del congresso in occasione del terzo centenario della nascita di São Alfonso De Liguori*, Roma 5-7 marzo 1997, (Bibliotheca historica Congregationis SSmi. Redemptoris, 18) Collegium São Alfonsi de Urbe, 1998.

[22] cfr. Gérard Cholvy - Yves-Marie Hilaire, *Histoire religieuse de la France contemporaine (1800-1880)*, I, Toulouse, Privat, 1985, p. 156.

[23] cfr. Gérard Cholvy, *Être chrétien en France au XIXe siècle (1790-1914)*, Paris, Seuil, 1997, p. 113.

[24] cfr. Henri Convert, *Le saint curé d’Ars et le sacrement de pénitence*, 1ª parte, c. VII, Lyon, Emmanuel Vitte, 1923.

[25] cfr. Bernard Nodet, Jean-Marie Vianney, *Curé d’Ars. Sa pensée, son cœur*, Le Puy, Xavier Mappus, 1960, p. 20.

[26] Em 1930 escreveu: “Desde há muito tempo, além de levar revistas religiosas (El Mensajero, el Iris de Paz, revistas de missões e outras de diferentes congregações) aos doentes, distribuí-as, tranquila e descaradamente, pelas ruas: nos bairros pobres, houve uma temporada em que não podia passar por algumas ruas sem que me pedissem revistas”: São Josemaria, *Apuntes íntimos*, n. 86, 25 de Agosto de 1930, em Vázquez De Prada, *O Fundador*, vol. I. Também podemos pensar numa revista mais científica como *La Vida Sobrenatural*. Cfr. Federico M. Requena, *El “Amor Misericordioso” en La Vida Sobrenatural*, “*Vida Sobrenatural*” 591 (1997), pp. 166-182; ID, *San Josemaría Escrivá de Balaguer y la devoción al Amor Misericordioso (1927-1935)*, SetD 3 (2009), pp. 139-174.

[27] cfr. Benoît Pellistrandi, *De la “acción de los católicos” a la santidad laical. El historiador frente a la santidad contemporánea*, em Josep-Ignasi Saranyana et alii (eds.), *El camino histórico de la santidad cristiana: de los inicios de la época contemporánea hasta el Concilio Vaticano II*, XXIV Simpósio Internacional de

Teología da Universidad de Navarra, Pamplona, Serviço de Publicações da Universidade de Navarra, 2004, pp. 19-42.

[28] Pietro Stella s.d.b., *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, Roma, LAS, 1981, p. 307. Neste contexto, Pio XI nomeou o cura d'Ars patrono dos párocos de todo o mundo na Carta Apostólica Anno iubilari (23 de abril de 1929): AAS 21 (1929), pp. 312-313.

[29] cfr. Vázquez De Prada, *O Fundador*, vol. III.

[30] “Acrescentou que gostava muito de França. Por espírito de justiça, por reparação. Ensinaram-me a odiá-la tanto quando era pequeno!”: AGP, M.2.2, 428-6, 20 de junho de 1956. Um francês do Opus Dei, François Gondrand, recorda que no seu primeiro encontro com São Josemaria, em maio de 1960, lhe disse que “tinha tido que fazer um esforço para gostar de França, quando reparou que os bons religiosos que tinham sido seus professores na escola primária, tinham tentado inculcar-lhe ódio aos franceses, porque em Aragão se conservava uma recordação muito viva das campanhas napoleônicas. O Padre encarregou-nos de dizer aos outros franceses que viriam depois, que ele gostava muito mais de França, precisamente porque tinha tido que fazer este esforço na sua juventude, para compensar o ódio aos franceses que tinham tentado inculcar-lhe nos seus primeiros anos. Acrescentou que era uma coisa terrível introduzir o ódio no coração das crianças e que, apesar de tudo, apesar do que tinha feito em Espanha, Napoleão não era o monstro que lhe tinham descrito”: AGP, A.2, 83-1-2, K, p. 2.

[31] cfr. Jesús Gil Sáenz, *La biblioteca de trabajo de san Josemaría Escrivá de Balaguer en Roma*, EDUSC, Roma, 2015. Alguns dos livros chegaram de Madri depois de 1950, São Josemaria ocupou a sala que conduz às estantes desta biblioteca de trabalho em 9 de janeiro de 1953.

[32] San Juan Bautista María Vianney, *Sermones de Juan Bta. M.<sup>a</sup> Vianney, cura de Ars*, Barcelona, Eugenio Subirana, 1927, vol. 1-2.

[33] Alfred Monnin, *Esprit du Curé d'Ars: Saint J.-B. M. Vianney dans ses catéchismes, ses homélies et sa conversation*, París, P. Téqui, 1935/34. Livro sem cortar; ID., *Spirito del Curato d'Ars*, Roma, Ares, 1956 (dois exemplares); Francis Trochu, *L'âme du Curé d'Ars*, Lyon-Paris, Emmanuel Vitte, 1928. Livro sem cortar; Hippolyte Convert, *Le Saint Curé d'Ars et la Famille*, Lyon-Paris, Emmanuel Vitte, 1922. Livro sem cortar; ID. *Méditations sacerdotales: Le Saint Curé d'Ars modèle du prêtre retraitant*, Lyon-Paris, Emmanuel Vitte [1935]. Como observa Gil Sáenz: “Os tomos fechados, quer dizer, os que conservam as bordas sem cortar: não permitem afirmar que o fundador do Opus Dei nunca tivesse lido esses livros, mas que nunca ninguém leu esses exemplares concretos. Ao tratar-se de presentes, muitos tê-los-ia lido antes de lhos terem enviado”. Gil Sáenz acrescenta numa nota: “Também afirmado por Mons. Echevarría no mesmo lugar [um questionário apresentado pelo autor do escrito em 20 de maio de 2011], e além disso reitera-o em várias perguntas do questionário”.

[34] cfr. São Josemaria, *Camino*, ed. crítico-histórica preparada por Pedro Rodríguez, Roma-Madri, Istituto Storico San Josemaría Escrivá - Rialp, 2004/3, p. 733.

[35] cfr. São João Paulo II, *Ma vocation: don et mystère*, Paris, Bayard-Cerf-Fleurus-Mame-Téqui, 1996, p. 70.

[36] No n. 277, segundo a numeração de [www.vatican.va](http://www.vatican.va).

[37] AGP, A.5, 221-2-2: “Outra recordação da tertúlia que tivemos com o Padre, no verão de 1961, na Estila, é o que se segue: Um dos presentes perguntou-lhe – foi uma pergunta bastante longa – se devíamos imitar os que então chamávamos padroeiros menores. Alongou-se acerca de que lhe era difícil pensar que os sacerdotes de Casa devessem imitar as virtudes do cura d’Ars, tomá-lo como modelo. O Padre apressou-se a esclarecer que os padroeiros menores eram simples intercessores, e que recorriamos a eles exclusivamente neste sentido. Que o nosso espírito era um concreto – o querido por Deus – que é o que tínhamos que viver. Que só devíamos imitar Jesus, a Virgem Santíssima e São José, e aos outros pedir-lhes a sua intercessão nas coisas que tínhamos posto sob a sua proteção. Uns meses mais tarde chegou-nos uma indicação do Padre, dizendo que a partir de então chamaríamos santos intercessores aos padroeiros menores”. Testemunho de Carlos Jordana Buttica, 20 de Julho de 1975.

[38] “Voluntariamente, por mortificação e espírito de humildade, usava uma batina gasta, um chapéu velho, sapatos remendados que não conheceram o luxo de ser escovados”: Francis Trochu, *Le curé d’Ars, saint Jean-Marie-Baptiste Vianney, 1786-1859, d’après toutes les pièces du procès de canonisation et de nombreux documents inédits*, E. Vitte, Lyon-Paris 195412, p. 315, que cita na mesma página uma das pessoas que iam receber os conselhos do santo, a baronesa Alix-Henriette de Belvey: “Se o Sr. Vianney gostava da limpeza, a sua indigência exterior prejudicava-o um pouco”; “Só consentia mandar consertar e lavar a batina quando já precisava demasiado”: Alfred Monnin, *Le Curé d’Ars, vie de M. Jean-Baptiste-Marie Vianney*, Lyon, C. Douniol, 1868, p. 167.

[39] cfr. Javier Echevarría, *Recordações sobre Mons. Escrivá*.

[40] AGP, A.5, 217-2-5. Cfr. Trochu, *Le curé d’Ars Saint Jean Marie Vianney*, pp. 555-564: Trochu diz também p. 556 que esta mortificação do santo lhe parece “mais admirável do que imitável”.

[41] AGP, E.1.3, nota 658: “Os padroeiros da Obra não são propriamente modelos para nós, para a nossa vocação específica; mas intercessores, protetores da nossa Obra. Tendam-no em conta nas meditações e nas palestras”. São Josemaria introduziu a mudança de vocabulário, de padroeiros menores para intercessores, no Catecismo da Obra, que apresenta o direito particular do Opus Dei em forma de perguntas e respostas. Cfr. o exemplar da terceira edição do AGP (29 de março de 1959), art. 5, nn. 20-27, 25 y 27, AGP, E.1.9, 205-3-1, com correções manuscritas de São Josemaria para a quarta edição, de padroeiros para intercessores.

[42] Testemunho de Iñaki Celaya, Roma, 22 de setembro de 1975: AGP, A.5, 204-3-4.

[43] Henri Convert, *Le saint curé d’Ars et le sacrament de pénitence, 1ère partie*, c. VII, Lyon, Emmanuel Vitte, 1923.

[44] Bernard Nodet, *Jean-Marie Vianney, curé d’Ars. Sa pensée, son cœur*, Le Puy,



Xavier Mappus, 19605, p. 18

[45] Bernard Ardura o.praem., “Nella biblioteca del curato d’Ars. Conoscere san Giovanni Maria Vianney attraverso i suoi libri”, *L’Osservatore Romano*, 9 gennaio 2010, p. 5.

[46] Enrique PÈLACH, *Abancay: un obispo en los Andes Peruanos*, Madri, Rialp, 2005, p. 86; AGP, A.5, 237-1-3.

[47] cfr. Tocanier, *Procès de l’ordinaire*, p. 115, en Henry Aurenche, *La passion du saint curé d’Ars*, Paris, NEL, 1949, p. 54.

[48] Javier Echevarría, Carta Pastoral (1 de julho de 2009) em <https://opusdei.org/pt-br/article/carta-do-prelado-julho-2009/>

[49] AGP, A.2, 83-1, sobre as 35 estadias de São Josemaria em França. No entanto, os elementos encontrados permitirão esclarecer certos pontos. A biografia de Andrés Vázquez de Prada dá as datas: 1953, 1956, 1958, 1959 e 1960. Portanto, a visita de 1955 e as três visitas de 1957 desapareceram. O autor menciona como fonte o Summariium do processo de canonização, p. 837, que fala das peregrinações a Ars, mas não dá nenhuma data. Cfr. Vázquez De Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. III.

[50] AGP, A.2, 83-1-1. Não encontramos nada sobre Ars e o santo cura ao redor de 25 de Outubro nos diários do Centro da Rue de Bourgogne (Paris) AGP, M.2.2., 270-17; nem nos do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2., 427-18. O centro de Grenoble não abrirá até julho de 1962, depois da última visita de São Josemaria a Ars; o de Lyon não abrirá até depois do falecimento do fundador do Opus Dei: portanto, não há diários para estes dois centros, que estão mais perto de Ars que de Paris, para o período que nos interessa.

[51] “Estiveram presentes num ofício solene a que assistiu todo o povo, e que faz pensar na profunda marca deixada por este santo”: AGP, A.2, 83-1-2, B, p. 1; *Crónica*, XII-1955, p. 14, AGP, Biblioteca, P01.

[52] AGP, A.2, 83-1-1. Não se encontrou nada sobre Ars e o santo cura no seu regresso da viagem de São Josemaria no diário do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2, 248-3. Cfr. Também Ana SASTRE, *Tiempo de caminar*, Madri, Rialp, 1991, p. 440

[53] AGP, A.2, 83-1-1. “Sem dúvida celebraram a Missa”: AGP, A.2, 83-1-2, C, p. 1. São Josemaria esteve acompanhado pelo B. Álvaro del Portillo e por Giorgio de Filippi (mesma fonte). Não se encontrou nada sobre Ars e o santo cura por volta de 27 de junho nos diários do centro do Boulevard Saint-Germain (Paris): AGP, M.2.2., 269-17, e do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2., 428-6.

[54] 1957 foi um ano importante pelos mal-entendidos expressos pelo cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira a que se fez referência anteriormente. Esta intenção por si só não pode explicar as três peregrinações a Ars, mas estava presente no coração de São Josemaria e dos que o acompanhavam, especialmente do B. Álvaro del Portillo, que tinha ido ex professo a Lisboa em maio de 1956 para esclarecer a situação com o patriarca. Cfr. Vázquez De Prada, *O Fundador*, vol. III.

[55] São Josemaria foi acompanhado nesta viagem pelo B. Álvaro del Portillo, Giorgio de Filippi, e pelo que seria depois prelado do Opus Dei Mons. Javier Echevarría, então jovem sacerdote que ia pela primeira vez a Paris: AGP, A.2, 83-1-2, D.

[56] AGP, A.2, 83-1-2. Não se encontrou nada sobre Ars e o santo pároco por volta de 21 de maio nos diários do centro do Boulevard Saint-Germain (Paris): AGP, M.2.2., 269-19 e do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2., 428-8.

[57] AGP, A.5, 237-1-4; Vázquez De Prada, El Fundador, vol. III, pp. 263-272.

[58] AGP, A.2, 83-1-1. Não se encontrou nada sobre Ars e o santo cura por volta de 13 e 14 de setembro nos diários do Centro do Boulevard Saint-Germain (Paris): AGP, M.2.2., 269-20 (São Josemaria não passou por Paris nesta viagem) e do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2., 428-8.

[59] São Josemaria foi acompanhado nesta viagem pelo B. Álvaro del Portillo e por Giorgio de Filippi: AGP, A.2, 83-1-2, E.

[60] Não se encontrou nada sobre Ars e o santo pároco por volta de 24 de novembro nos diários do centro do Boulevard Saint-Germain (Paris): AGP, M.2.2, 269-21, e do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2, 428-9.

[61] São Josemaria foi acompanhado pelo B. Álvaro del Portillo, o P. Javier Echevarría e Armando Serrano: AGP, A.2, 83-1-2, F.

[62] AGP, A.2, 83-1-1. Não se encontrou nada sobre Ars e o santo pároco por volta de 1 e 2 de fevereiro nos diários do centro do Boulevard Saint-Germain (Paris): AGP, M.2.2, 269-21 e do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2, 428-9.

[63] AGP, A.2, 83-1-1. São Josemaria foi acompanhado pelo B. Álvaro del Portillo, o P. Javier Echevarría e Armando Serrano. Não há nenhum diário do centro do Boulevard Saint-Germain para este período no AGP. Não se encontrou nada sobre Ars e o santo cura por volta de 13 de maio no diário do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2, 428-12.

[64] AGP, A.2, 83-1-1. Não se encontrou nada sobre Ars e o santo pároco por volta de 31 de outubro e 1 de novembro nos diários do centro do Boulevard Saint-Germain (Paris): AGP, M.2.2., 269-27 e do Colégio Romano da Santa Cruz: AGP, M.2.2., 428-16. Cfr. também Peter Berglar, Josemaría Escrivá. Leben und Werk des Gründers des Opus Dei, Köln, Adamas, 2005, p. 351.

[65] AGP, A.2, 83-1-1.

[66] cfr. por exemplo Vázquez De Prada, O Fundador, vol. III.

[67] Pelo menos os de 23 de julho de 1961 e de 3 de outubro de 1972, última passagem por França em Lourdes: AGP, A.2, 83-1-1.

[68] São Josemaria decidiu mais tarde chamá-los adscritos.

[69] AGP, E.1.3, nota 100.

[70]AGP, M.2.2, 269-15 (22 de novembro de 1955); AGP, A.2, 83-1-2, B.II. Não se encontrou nada sobre o tema por volta das mesmas datas no diário do Colégio Romano da Santa Cruz, AGP, M.2.2, 428-3.

[71] cfr. Vázquez De Prada, O Fundador, vol. III.

[72] AGP, E.1.3, nota 4144 (15 de março de 1956).

[73] cfr. as recordações de Mons. Javier Echevarría em Crónica, 1994, p. 330, AGP, Biblioteca, P01.

[74] cfr. por exemplo Ernst Burkhart - Javier López, Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría. Estudio de teología espiritual, vol. II, Madri, Rialp, 2011, pp. 400-405.

[75] cfr. AGP, A.3, 176-2-19, que é uma lista, escrita à mão por São Josemaria, de 23 oratórios previstos em Villa Tevere, sendo o 22 o do cura d'Ars. No verso da lista há indicações sobre as obras de Villa Tevere, de março de 1952.

[76] “Quer o Padre que seja de estilo relativamente moderno e que no retábulo, onde a estátua presidirá, se comemore de algum modo a história da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz”: Diário de obras, 30 de maio de 1957: AGP, M.2. Pela informação que provém do diário das obras, escrito pelo arquiteto Jesús Álvarez Gazapo, agradeço a sua ajuda a Alfredo Méndiz, do Istituto Storico San Josemaría Escrivá.

[77] Diário de obras, 12 de março de 1958: AGP, M.2.2, D 1059, 9.

[78] “O Padre esteve muito tempo conosco no ateliê de manhã. Viu como se apresentou o oratório do cura d'Ars, que fica pequeníssimo. Diz o Padre que pode ficar uma coisa simpática, onde será possível fazer muito trabalho com os padres oblatos e supernumerários”: Ibid., 15 de março de 1958: AGP, M.2.2, D 1059, 9: “O Padre esteve muito tempo de manhã no ateliê. Comentando sobre o oratório do cura d'Ars, disse para não nos preocuparmos, já chegará a hora de fazer catedrais”: 17 de março de 1958: Ibid., “O Padre esteve muito tempo no gabinete conosco de manhã. Continuamos a dar voltas ao cura d'Ars; o Padre diz que nos conformemos com o que tínhamos preparado, mas não acaba de nos convencer”: 18 de março de 1958: Ibid.

[79] O diário do Colégio Romano da Santa Cruz diz exatamente: “O corpo inteiro de São Félix [ficará] sob o altar do cura d'Ars, que era muito devoto das relíquias; por cima ficará uma estátua de corpo inteiro do santo cura que vai ser feita por um bom escultor”: AGP, M.2.2., 428-8 (6 de junho de 1957). As relíquias de São Félix não estão em Villa Tevere: o redator do diário deve ter confundido com São Severino, cujas relíquias, entregues a São Josemaria pelo cardeal Marcello Mimmi, arcebispo de Nápoles, chegaram a Villa Tevere em 1957 e foram colocadas sob o altar do oratório de São José.

[80] cfr. por exemplo Monnin, Le Curé d'Ars, p. 573.

[81] AGP A.5, 329-2-1; AGP A.5, 323-2-9; AGP A.5, 338-1-4; AGP A.5, 218-2-3. Desejo agradecer a Constantino Ánchel por me ter comunicado estes dados.

[82] “O Padre deu a Jesús [Álvarez Gazapo] ontem à noite várias coisas que trazia da viagem, para nós. Fotografias de coisas aproveitáveis, um livrinho sobre Avinhão e umas fotos e uma escultura do cura d’Ars. Estas últimas servir-nos-ão para que um escultor – possivelmente Sciancalepore – faça uma escultura do santo, em tamanho natural, que presidirá o seu oratório”: Diário de obras, 30 de maio de 1957: AGP, M.2.2, D 1059, 7.

[83] “Hoje Fernando Maycas e Pepe saíram e compraram uma estátua do cura d’Ars (estava encomendada há tempos) para o Padre. É uma talha de madeira, digna mas simples”: Diário do centro da rue du Docteur Blanche (Paris), 12 de abril de 1953: AGP, M.2.2., 272-40.

[84] Como informa Fernando Maycas segundo o redator do diário: “Gostou muito da imagem do cura d’Ars que lhe enviamos, tem-na sempre na mesa de trabalho”: Diário do centro da rue du Docteur Blanche (Paris), 10 de julho de 1953: AGP, M.2.2., 272-40. Mons. Maycas, que foi vigário judicial da arquidiocese de Paris – designado pelo cardeal Jean-Marie Lustiger – e com quem manteve correspondência sobre este assunto antes do seu falecimento em 2014, com 92 anos de idade, reconhecia a imagem que lhe ofereceram em 1953 nas fotos do oratório-biblioteca de Villa Tevere, a poucos passos do quarto que São Josemaria ocupava, o que confirmaria uma vez mais a sua devoção ao santo pároco. Gostaria de agradecer ao Pe. Fernando Maycas a sua colaboração, e ao Pe. Ángel Martínez, que teve a amabilidade de atuar como intermediário dos nossos correios eletrônicos.

[85] “O Padre e o P. Álvaro estiveram muito tempo no escritório. De manhã cedo, vendo o esboço do cura d’Ars, que trouxe Sciancalepore, e de que o Padre gostou”: Diário de obras, 16 de junho de 1957: AGP, M.2.2, D 1059, 7.

[86] Ibid. 8 de Julho de 1957: AGP, M.2.2, D 1059, 7.

[87] “O Padre e Jesús foram no carro das obras, conduzido por Javier Abad, ver Sciancalepore. O Padre viu o cura d’Ars, que já está muito adiantado e gostou muito: quer que façamos um molde do esboço pequeno em barro, para poder fundir pequenas imagens em metal leve”: Ibid. 31 de Março de 1958: AGP, M.2.2, D 1059, 9; “Invenção da Santa Cruz. O Padre foi a Santa Croce in Gerusalemme ao princípio da manhã rezar junto das relíquias, ao voltar passou pelo ateliê de Sciancalepore, que deve ter tido uma boa surpresa. O Padre está muito contente pela forma como está ficando a estátua”: Ibid. 3 de maio de 1958: AGP, M.2.2, D 1059, 10.

[88] Id. 17 de maio de 1958: AGP, M.2.2, D 1059, 10

[89] Id. 13 de agosto de 1958: AGP, M.2.2, D 1059, 10.

[90] Por exemplo, Id. 2 de junho de 1957: AGP, M.2.2, D 1059, 7

[91] “O Padre quer que conservemos os modelos dos quatro intercessores para depois poder fazer cópias”: Id. 4 de julho de 1959: AGP, M.2.2, D 1059, 11.

[92] cfr. Vázquez De Prada, El Fundador, vol. III, pp. 306-309.

[93] cfr. Manuel González-Simancas Lacasa, Un retablo de alabastro en pleno siglo XX, en Manuel Gómez Leira - Manuel Garrido González (eds.), Torreciudad, Madri, Rialp, 1988, pp. 165-192, especialmente o que se refere à estátua do cura d’Ars: pp. 170-172; 174; 182-184; 187-188; 191.

[94] John Henry Newman, La mission de saint Benoît, en Yves-Marie J. Congar o.p., Sainte Église, París, (Unam Sanctam, 41) Cerf, 1964, p. 559.

[95] “Na santa Igreja os católicos encontramos (...) o sentido da fraternidade, a comunhão com todos os irmãos que já desapareceram e que se purificam no purgatório – Igreja padecente –, ou com os que já gozam – Igreja triunfante – da visão beatífica, amando eternamente o Deus três vezes santo. É a Igreja que permanece aqui e, ao mesmo tempo, transcende a história”: São Josemaria, Amar à Igreja.

[96] François-Marie Léthel o.c.d., La lumière du Christ dans le cœur de l’Église. Jean-Paul II et la théologie des saints, Paris, Parole et Silence, 2011, p. 16.

Laurent Touze

[Voltar ao índice](#)

# A devoção de São Josemaria a S. Pio X

(Estudo originalmente publicado em *Studia et Documenta*, vol.8 - 2014, do Instituto Storico San Josemaría Escrivá - escrito por Miguel De Salis Amaral)

## **A devoção de São Josemaria Escrivá a São Pio X e a sua nomeação como intercessor do Opus Dei**

O nosso estudo tem como objetivo investigar as circunstâncias em que São Josemaria nomeou São Pio X intercessor do Opus Dei para tudo aquilo que se refere às relações deste com a Santa Sé. Ao contrário daquilo que acontece com os outros quatro intercessores, o Papa Pio X é uma personagem muito recente, tendo sido beatificado alguns anos depois de que São Josemaria tenha fixado a sua residência em Roma. Portanto, um dos modos de conhecer as circunstâncias em que se deu a sua nomeação como intercessor do Opus Dei é ver a devoção de São Josemaria a este santo. É claro que tal afeto se insere na devoção comum em Espanha a este Papa e, mais amplamente, na história da devoção de toda a Igreja a partir da data da sua morte.

Por esta razão, o nosso trabalho vai começar por descrever nas suas linhas gerais os contornos da devoção a São Pio X na Igreja, especialmente na Igreja espanhola. Isto vai ajudar a enquadrar e interpretar os momentos de piedade do Fundador do Opus Dei a este santo de que temos constância, que constituem a segunda parte do nosso estudo. Estamos convencidos de que assim se entenderá melhor o momento histórico em que São Josemaria terá decidido nomeá-lo intercessor do Opus Dei para as relações com a Santa Sé. Enfim, veremos também alguns aspectos particulares dessa devoção que são posteriores à nomeação como intercessor, chegando até aos últimos anos de vida de São Josemaria Escrivá.

## **Os contornos da devoção a Pio X na Igreja**

No dia 20 de agosto de 1914 morreu Pio X e puseram-lhe um crucifixo nas mãos, que foi retirado quando o corpo foi enterrado. Por sua vontade foi sepultado nas “Grutas vaticanas”, um local também conhecido por Cripta dos Papas, situado no piso inferior da Basílica de São Pedro. Naquela altura a cripta conservava praticamente o mesmo aspecto que tinha em meados do século XVII, quando se concluiu a nova Basílica: era um lugar pouco arejado, com um pé direito muito mais baixo do que o atual e com uma entrada através duma escada estreita. Por isso o acesso à Cripta era permitido com algumas restrições[1]. O Papa foi enterrado junto à coluna de Santo André, muito perto do lugar onde atualmente jaz o corpo de Pio XI; naquela altura, a essa zona da Cripta tinha-se acesso a partir do pilar situado a sudeste, onde está a estátua daquele Apóstolo. Era o primeiro enterro, desde há muitas décadas, que se fazia nesta zona da basílica[2].

## **A fama de santidade de Pio X desde a sua morte até meados dos anos trinta do século XX**

As fontes consultadas mostram-nos que desde o início foram muitos os peregrinos, italianos e estrangeiros, que recorreram à sua intercessão e visitavam o seu túmulo para rezar quando entravam em São Pedro. Às vezes, devido à impossibilidade de poder descer à Cripta, os fiéis ficavam na Basílica. Depois da morte do Papa, o cardeal Rafael Merry del Val foi nomeado arcebispo da Basílica e celebrava a Santa Missa junto ao túmulo do Papa no dia 20 de cada mês[3]. Ele conta que o ecônomo da Basílica de São Pedro, mons. De Bisogno, mandou colocar uma cruz de latão no pavimento da mesma, que assinalasse a posição que o túmulo ocupava na Cripta. Assim, os fiéis que se viam impossibilitados de poder ser acolhidos no piso subterrâneo, poderiam rezar o mais perto possível do corpo[4]. No ano 1923 foi inaugurada uma estátua de Pio X na Basílica Vaticana, perto da capela da Apresentação, e começou formalmente o seu processo de canonização[5]. Também é a partir deste ano que chegam à Postulação muitas cartas que manifestam a devoção a Pio X na Igreja e que nos podem ajudar a fazer o retrato de como é que este Papa era visto pelos fiéis do mundo inteiro durante as décadas de 1923-1943. As cartas postulatórias, e aquelas que se escreveram diretamente ao cardeal Rafael Merry del Val manifestando alegria pelo início da Causa, mostram que a fama de santidade de Pio X era muito difundida na Igreja universal. As mais longas fazem uma breve resenha da vida deste Romano Pontífice, nas restantes sublinham-se alguns temas particulares, que indicamos: um primeiro ponto que aparece em muitas cartas é a convicção de que Pio X viveu santamente as virtudes. Um segundo ponto que aparece na quase totalidade das cartas que pudemos consultar é a ação de Pio X para aproximar a Eucaristia das crianças e a sua exortação à Comunhão frequente. Este Papa é conhecido principalmente por esta sua ação pastoral em relação ao Sacramento Eucarístico. Há cartas em que aparecem outras referências, por exemplo, à reforma litúrgica e àquela da música sacra, que são sempre muito mais concisas[6]. Por áreas geográficas poderíamos dizer que em Itália, na Irlanda e em França é mais assinalada a ação do Papa em relação à renovação da vida do clero, o favorecimento da catequese, a defesa da fé contra o modernismo e dos direitos da Igreja contra as intrusões do poder civil[7]. Noutros países a sua ação pastoral em relação à Eucaristia, tanto o adiantamento da primeira Comunhão das crianças como o encorajamento à Comunhão frequente, é o argumento principal que os bispos evocam[8]. Enfim, no caso da Espanha, encontramos uma carta coletiva, datada de 25 de outubro de 1923, assinada pelos bispos de 56 dioceses desse país. Entre aqueles que assinam, devido à sua importância para o nosso estudo, destacamos o bispo da diocese de Calahorra e La Calzada[9], da diocese de Barbastro e da arquidiocese de Zaragoza. Na missiva pede-se a canonização de Pio X e justifica-se este requerimento com o reconhecimento das suas virtudes excelsas e singulares, e porque faz muitos favores. O episcopado espanhol chama-o «Pontífice da Eucaristia»[10]. Tanto nesta carta como naquela do arcebispo de Westminster, Arthur Hinsley, de 28 de outubro de 1937, que enviara várias cartas postulatórias do Reino Unido e do Império Britânico (África e Índia inglesas), não há referências à defesa da fé contra o modernismo[11]. Por fim, como curiosidade, encontramos uma carta de 1925 em que um grupo de padres espanhóis escreve uma mensagem testemunhando a fama de santidade de Pio X, ao concluir os seus exercícios espirituais em Burgos. No registro das cartas postulatórias também se encontra um fragmento duma breve nota de 1915, assinada por Dom Leopoldo Eijo y Garay, então bispo de Tuy[12], ao cardeal Rafael Merry del Val, na qual se congratula com o fato de ter conseguido erigir

uma estátua a Pio X naquela diocese.

### **A fama de santidade de Pio X entre o fim dos anos trinta e a sua canonização**

Ao tratar de abrir um espaço para a capela sepulcral de Pio XI, no inverno de 1939, encontraram-se restos arqueológicos que levaram Pio XII a aprovar que se fizessem as escavações que depois conduziram à descoberta da Necrópole vaticana (também se fizeram escavações à volta do Túmulo de São Pedro). No seu conjunto as obras só foram terminadas em 1950 e, durante alguns períodos, a Cripta foi totalmente fechada ao público. No fim desta época de escavações, iniciadas dez anos antes, a Cripta dos Papas tinha sofrido muitas modificações. Uma das mais conhecidas foi ter-se descido o nível do chão em 80 cm., como hoje se vê, mas a que mais nos interessa relaciona-se com a mudança de lugar do túmulo de Pio X, que foi trasladado para o nível da Basílica Vaticana e, mais em concreto, para um nicho na parede do lado direito da capela da Apresentação, no dia 11 de março de 1945. A escolha do lugar era bastante óbvia, visto que a estátua de Pio X inaugurada em 1923 estava mesmo ao lado – direito – dessa capela. Esta mudança do sepulcro de Pio X foi motivada pela sua fama de santidade[13].

A Causa de beatificação de Pio X continuou o seu percurso durante o pontificado de Pio XII. Em 1939 celebrava-se o 25o aniversário da morte de Pio X, pelo que em agosto se organizou uma peregrinação a Roma vinda de Veneza e de outros lugares ligados à memória daquele Papa. No seu discurso aos peregrinos, do dia 19 de agosto, Pio XII referiu-se aos diversos temas que já descrevemos brevemente ao tratar das cartas postulatórias, mas salientou as virtudes de Pio X, detendo-se principalmente nas circunstâncias daquele momento de “pré-guerra” e pedindo a paz. A liberdade da Igreja foi o outro tema que recebeu uma atenção especial neste discurso do Papa Pio XII[14].

O *Osservatore Romano* também conta que depois da Missa em São Pedro os peregrinos desciam às Grutas vaticanas pelas escadas situadas no pilar de Santo André. Faziam fila e os gendarmes deviam regular o acesso ao subterrâneo, visto que não era permitido deter-se demasiado tempo junto ao túmulo deste Papa. Isto aconteceu durante todo o dia 20 de agosto de 1939, domingo, e o jornal conta que alguns fiéis não puderam descer ao túmulo, contentando-se com ajoelhar-se junto da cruz dourada que, no pavimento da Basílica, indicava o lugar correspondente ao túmulo. Nesse dia passaram pelo local aproximadamente dez mil pessoas[15].

As peregrinações continuaram depois da segunda guerra mundial, havendo uma especialmente numerosa nos primeiros dias de setembro de 1948, que veio da arquidiocese de Boston e estava composta pelos membros da arquiconfraria da Doutrina Cristã[16]. O Papa Pio XII recebeu esta peregrinação e no seu discurso em inglês falou especialmente da importância de ser fiéis à doutrina cristã, que se contém no catecismo. Nesse mesmo texto o Papa indicou que poucos anos antes tinha mandado transferir o corpo de Pio X desde a Cripta para um lóculo provisório da capela da Apresentação da Basílica, para facilitar a visita ao túmulo por parte dos fiéis e para facilitar também a frequência dessas visitas. O Papa estava convencido de que ao fazer isto estava a promover que os fiéis estivessem mais perto de Deus[17].

No dia 3 de setembro de 1950 foi aprovado o Decreto das virtudes heroicas de Pio



X e, menos de seis meses mais tarde, foi aprovado o Decreto de reconhecimento de dois milagres atribuídos à sua intercessão. A beatificação de Pio X realizou-se no dia 3 de junho de 1951[18]. Analisando as virtudes e as ações mais notáveis que se mencionam durante os festejos pela beatificação de Pio X, imediatamente sobressaem alguns pontos. Em primeiro lugar, a virtude da humildade, a sua afabilidade, a sua caridade e as virtudes próprias do bom pastor. No seu discurso Pio XII defende a heroicidade das virtudes do novo beato e rebate as dúvidas daqueles que o consideravam mais forte que prudente. Também se falou então da liberdade da Igreja e da luta pela defesa da fé e contra os inimigos da Igreja. Mas Pio XII considerava que a característica mais específica e singular do beato Pio X era ser o Papa da Santíssima Eucaristia, referindo-se expressamente à medida pela qual adiantou a idade da primeira Comunhão, permitindo que fosse dada também às crianças. Na sua prece, Pio XII pedia ao novo beato que protegesse a Igreja dos perigos do mundo[19]. Convém ter em conta a situação delicada que então se vivia: guerra fria, guerra da Coreia, opressão comunista na China e nos países da Europa de Leste. A urna com o corpo de Pio X esteve exposta à veneração dos fiéis durante alguns dias, primeiro junto ao altar da Confissão e depois na capela da Apresentação. Pouco tempo depois, ela foi posta dentro do altar de Cristo Rei, na nave central das Grutas Vaticanas, entretanto remodeladas. Hoje em dia, nesse lugar, está um vidro que permite a visão do túmulo de São Pedro e da arca dos pálios aos peregrinos que estão nas Grutas. Em fevereiro de 1952 o corpo do Papa foi transferido para o altar da capela da Apresentação, onde está ainda hoje[20].

Pouco tempo depois da beatificação verificaram-se os dois milagres necessários para proceder à canonização do beato Pio X. Após o estudo habitual nestes casos, Pio XII aprovou os dois milagres em 17 de janeiro de 1954 e, mais tarde, marcou a canonização para o dia 29 de maio desse mesmo ano. Entre as questões que mais se assinalaram estava o desejo de instaurar tudo em Cristo, tanto no âmbito individual como no público, a esperança de que esta canonização levasse ao aumento do fervor eucarístico, de que se seguisse mais S. Tomás de Aquino na filosofia e na teologia e, enfim, de que este Papa que tanto rezou pela paz ajudasse os povos que estavam ameaçados pela guerra[21]. Na sua homilia do dia 29 de maio o Papa Pio XII falou do espírito de justiça e de direito e da defesa da fé contra o modernismo (visto como separação entre fé e ciência e como germe de divisão entre os homens que leva à guerra); referiu-se também à procura da santidade em Cristo, extendendo-se muito sobre a ação de São Pio X ligada à Eucaristia. Além das alusões habituais, Pio XII apresentou este sacramento como fonte de vida sobrenatural, duma renovada vida social, fazendo ver como São Pio X pregava muito sobre a ligação da Eucaristia à vida interior. No fim recorreu ao novo Santo para lhe pedir pela Igreja e pela concórdia entre as classes sociais[22]. A festa litúrgica de São Pio X ficou marcada para o dia 3 de setembro.

Podemos resumir sinteticamente o quadro apresentado dizendo que Pio X gozou sempre duma grande fama de santidade. Esta foi a causa da transferência do seu corpo para a Basílica de São Pedro *antes* da sua beatificação. Portanto, apesar das obras que limitaram o acesso à Cripta dos Papas, era possível rezar diante do seu túmulo a partir dos meses finais da segunda guerra mundial. Além disto, este Papa era conhecido e estimado principalmente pelas suas virtudes e por ter aproximado de todos a Santíssima Eucaristia. As referências ao modernismo, ao

Catecismo, à liberdade da Igreja, ao Código de direito canónico e a outras medidas são muito menos assinaladas. Em Espanha, onde viveu São Josemaria Escrivá, a referência à Eucaristia não só era muito frequente como eclipsava outras medidas e ações deste Papa.

### **A devoção de São Josemaria Escrivá a São Pio X e a sua nomeação como intercessor do Opus Dei**

Acabámos de ver os principais elementos que desenham os contornos da fama de santidade da que gozava Pio X na vida da Igreja. Eles nos proporcionam o contexto específico em que viveu São Josemaria Escrivá, que já nos oferece um primeiro quadro conjuntural para percebermos a sua devoção a São Pio X.

Há dois acontecimentos da sua vida infantil que talvez valha a pena indicar e que podem ser enquadrados no discurso que acabámos de fazer. O primeiro é que São Josemaria recebeu um prémio por bom comportamento infantil a 4 de outubro de 1908. Este prémio derivava dum concurso que se realizou, com ocasião do cinquentenário da ordenação sacerdotal de Pio X, para premiar as crianças mais bem comportadas da diocese de Barbastro, onde ele então residia com seus pais. Na entrega do prémio esteve o bispo administrador diocesano, Dom Isidro Badía y Sarradell e, no fim, foi enviado um telegrama ao Santo Padre em nome de toda a diocese manifestando-lhe o amor filial de todos os seus membros. Isto motivou uma resposta, também em telegrama, do cardeal secretário de estado Rafael Merry del Val[23]. Outro acontecimento importante daquela época foi o decreto de 1910 em que o Papa permitiu dar a Primeira Comunhão às crianças a partir da idade dos sete anos, razão pela qual São Josemaria pôde fazer a sua pouco tempo depois, em 23 de abril de 1912[24]. Ficou sempre na sua memória esta data e durante toda a vida se referiu a este decreto de Pio X com grande agradecimento e veneração.

Na nossa pesquisa não encontramos nenhum documento jurídico em que o Fundador do Opus Dei tenha deixado constância de ter nomeado São Pio X como intercessor do Opus Dei. Para poder determinar a data do evento tivemos de consultar várias fontes, como os testemunhos recolhidos aquando do Processo de beatificação e canonização de São Josemaria Escrivá, os diários das estadias romanas do Fundador do Opus Dei e, na medida do que foi possível, as notas ou referências formuladas por ele próprio. Dessa consulta emerge que a decisão de nomear São Pio X intercessor da Obra não é um fato isolado. Os dados que pudemos recolher mostram que ela se explica melhor dentro da devoção de São Josemaria Escrivá a São Pio X, que é muito mais ampla e se estende ao longo do tempo, até ao fim da sua vida. Por isso, decidimos seguir agora uma exposição em ordem cronológica dos elementos que encontramos, deixando para a parte final do nosso trabalho a última etapa da vida de São Josemaria.

O primeiro registro que temos duma referência a Pio X na pregação de São Josemaria Escrivá é dos meses que passou na Legação de Honduras, durante a guerra civil espanhola, em que se mostrou convencido da santidade deste Papa[25]. Naquela ocasião o Fundador do Opus Dei quis ligar o lema do pontificado *instaurare omnia in Christo* com a missão de reconduzir a criação a Cristo segundo a luz que tinha recebido no dia 7 de agosto de 1931: *et ego si exaltatus fuero a terra omnia traham ad meipsum*. Também do ano 1937 temos

uma referência a Pio X, que consiste num breve episódio acontecido em Lourdes depois de ter celebrado a Santa Missa no santuário, isto é, numa das etapas conclusivas da passagem dos Pirineus. Situa-se portanto nos primeiros dias de dezembro daquele ano. Quando estava à saída da Cripta da Basílica do Rosário, São Josemaria encontrou-se diante duma estátua de Pio X muito bonita e aí renovou o seu amor e fidelidade ao Papa; «Com que profunda satisfação lhe beijei a mão!», escreveu[26].

Depois da guerra civil espanhola encontramos um relato duma testemunha: «Um dia daquela primavera ou verão de 1940, o Padre estava a falar-nos, no oratório de Jenner, da Sagrada Eucaristia e, como que de passagem, referiu-se à influência decisiva que Pio X tinha tido na promoção da comunhão frequente. Ao realizar esta alusão, disse que Pio X tinha sido um Papa muito santo e que muito em breve o veríamos nos altares, e fê-lo dum modo tão firme e seguro que em mim não deixou qualquer dúvida de que isso iria acontecer. Isto sucedeu bastantes anos antes de que fosse canonizado»[27].

Entre os escritos que se conservam está uma dedicatória que colocou no livro de Ferruccio de Carli, *Pio X y su tiempo*, que ofereceu a uma irmã de Dom Eliodoro Gil no dia 6 de janeiro de 1944.

Podemos concluir que, antes de viajar a Roma e de estabelecer-se na cidade, o Fundador do Opus Dei já considerava que Pio X era santo e tinha-lhe uma devoção particular que se manifestava em oração e difusão da sua vida. Entre os aspectos da vida e atuação deste Papa, bem presentes na mente de São Josemaria, a Eucaristia tem um lugar destacadíssimo, seguida do amor à Igreja e do desejo de que o Reino de Cristo se instaure em todas as pessoas. Não consta nenhuma referência ao modernismo, à liberdade da Igreja, à reforma da música sacra ou a outros eventos. Se temos em conta o que já dissemos sobre a devoção a São Pio X em Espanha, pode-se concluir que os dados de que dispomos mostram que a devoção de São Josemaria converge e é coerente, nas suas linhas principais, com aquela que pudemos verificar naquele país a partir das fontes documentais do Processo de São Pio X.

O próximo grupo de provas documentais diz respeito aos primeiros anos da vida de São Josemaria Escrivá em Roma, antes da canonização de Pio X, isto é, entre junho de 1946 e maio de 1954. Como já vimos, quando chegou à Cidade Eterna o piso inferior da Basílica de São Pedro estava em obras profundas, motivadas pela descoberta do túmulo de São Pedro e da Necrópole vaticana, mas o corpo de Pio X já tinha sido transferido provisoriamente para um lóculo na parede do lado direito da capela da Apresentação da própria Basílica, estando portanto acessível a todos os peregrinos. Com a beatificação, a urna com os restos mortais do Papa foi colocada no altar de Cristo Rei, na Cripta dos Papas e, em 17 de fevereiro de 1952, foi trasladada ao altar da Capela da Apresentação. Há uma grande documentação relativa às presenças de São Josemaria Escrivá na Basílica, mas nos primeiros anos está principalmente relacionada com a visita ao túmulo do primeiro Apóstolo e ligada à sua devoção de, ao chegar a Roma, ir rezar um Credo diante do altar da Confissão. Nos diários dos centros de Roma, relativos aos primeiros anos da sua estadia nessa cidade, consta claramente esta devoção de «ir rezar um Credo em São Pedro»[28], embora em termos bastante genéricos e variados, pelo que o Símbolo poderia ser rezado na Praça, às vezes indica-se o

foco numa das elipses do *Colonnato*, ou dentro da Basílica. Como naquela altura era possível entrar habitualmente com o carro até dentro da Praça, consta que algumas vezes São Josemaria não chegava a descer do automóvel, aproveitando uma passagem perto de São Pedro para parar na própria Praça e rezar um Credo[29]. A partir de outubro de 1953 esses mesmos diários relatam – de vez em quando e numa forma mais específica – que os membros do Opus Dei que viajavam a Roma eram acompanhados, pelo Fundador ou por outra pessoa da Obra, ao interior da Basílica, demorando-se alguns minutos lá dentro para rezar[30]. No entanto, nos diários do Colégio Romano da Santa Cruz continua a ser mais frequente a referência genérica de «ir a São Pedro para rezar um Credo». Em datas posteriores aparece com mais clareza o percurso que São Josemaria Escrivá aconselhava a fazer ao entrar em São Pedro: primeiro, fazer uma visita ao Santíssimo Sacramento, depois, rezar uma Salve junto numa das imagens de Nossa Senhora, em terceiro lugar, rezar um Credo de joelhos diante da Confissão e, em quarto lugar, ir rezar um Pai-nosso junto do túmulo de São Pio X, que estava na capela da Apresentação, pedindo pelo Papa, pela Igreja e por alguma intenção especial ligada às relações da Obra com a Santa Sé[31].

Os diários de Piazza della Città Leonina e, mais tarde, do Colégio Romano da Santa Cruz, relatam que São Josemaria tinha a devoção de ir celebrar a Santa Missa em São Pedro num dos dias seguintes à sua chegada a Roma e num dos dias anteriores à sua partida de Roma[32]. Não dispomos dum registro dos altares em que terá celebrado, mas consta no diário que no dia 31 de agosto de 1946, dia em que regressava a Espanha, São Josemaria foi com Dom Álvaro del Portillo a São Pedro, de manhã, para rezar. Dom Álvaro del Portillo celebrou ali a Santa Missa «no altar de Pio X» e São Josemaria veio embora e celebrou em casa[33]. Sabemos também, numa forma genérica, que São Josemaria celebrou na Basílica de São Pedro noutras datas e que foi rezar várias vezes junto do túmulo de Pio X antes da sua canonização[34]. Pelos vistos, por volta do dia 12 de fevereiro de 1953 São Josemaria foi várias vezes à Basílica ou à Praça de São Pedro para rezar[35]. No dia 26 de fevereiro desse mesmo ano o diário registra que São Josemaria e Dom Álvaro del Portillo foram ao dentista e depois foram à Basílica de São Pedro, onde entraram, pois o Fundador do Opus Dei «queria rezar a São Pio X [sic]». O texto do diário parece cometer um erro, pois Pio X era só beato naquela altura. Este erro volta a aparecer no dia seguinte, 27 de fevereiro:

“A meio da tertúlia o Padre veio estar connosco. Diz-nos que em 1934 ou 1935 – não recordo com exatidão – pôs sob o patrocínio do Santo Cura d’Ars as relações da Obra com os bispos. E há poucos dias, confiou a São Pio X [sic] as relações com a Santa Sé. A propósito disto falou-nos de alguma devoção particular aos santos, que os homens piedosos têm e que é uma característica que o Padre quer para todos os seus filhos na Obra”[36].

Várias semanas depois encontramos outro texto eloquente no mesmo diário: «De manhã saem o Padre, com Dom Álvaro e Dom José María. Primeiro vão a São Pedro, para que Dom José María se possa despedir. Entram na Basílica e rezam uma oração a São Pio X [sic], nosso padroeiro – *por devoção do Padre* – nas relações com a Santa Sé»[37]. O sublinhado é um acrescento posterior à redação do Diário, com outro tipo de letra e outra caneta.

Da análise dos textos apresentados podemos deduzir que a data em que São Pio X

passou a ser intercessor do Opus Dei nas relações com a Santa Sé é fevereiro de 1953: é provável que se trate da segunda metade do mês, e é certo que essa decisão é anterior ao dia 27. A decisão está precedida por momentos de oração do Fundador do Opus Dei diante do túmulo do então beato Pio X, pedindo por assuntos ligados à relação da Obra com a Santa Sé. Embora só tenhamos constância dum relato explícito dessa oração diante do túmulo de São Pio X e dum testemunho genérico de Lourdes Toranzo, que sabe que o Fundador do Opus Dei antes da canonização ia com frequência lá rezar, como a devoção que lhe tinha é muito anterior e sólida, temos a certeza moral de que terá ido muitas vezes rezar àquele local antes de 27 de fevereiro de 1953. Essa nomeação como «padroeiro» – só mais tarde é que se lhe aplicaria o termo «intercessor» – tinha como objectivo as relações da Obra com a Santa Sé.

Na documentação consultada não há elementos que explicitem o objectivo desta intercessão naquele preciso momento da história do Opus Dei. Constam, sim, por outras fontes, algumas dificuldades importantes naqueles anos que poderiam ter comprometido as relações entre o Opus Dei e a Santa Sé, causadas por calúnias infundadas. Um primeiro grupo de acusações deste género levou-o a consagrar o Opus Dei à Sagrada Família de Nazaré em 14 de maio de 1951 (pouco antes, portanto, da beatificação de Pio X). Um segundo tipo de calúnias conduziu-o a consagrar a Obra ao Imaculado Coração de Maria em 15 de agosto de 1951 (já depois da beatificação daquele Papa). Sobre os obstáculos que levaram a esta última consagração, há documentação já publicada que mostra o sofrimento de São Josemaria e as diligências que realizou a partir daquela data e até à entrevista do cardeal Federico Tedeschini com Pio XII em 18 de março de 1952, que foi o momento em que se resolveu a questão. Em outubro desse mesmo ano, na festa de Cristo Rei, o Fundador do Opus Dei voltou a fazer a consagração da Obra e dos seus apostolados, desta vez ao Sagrado Coração de Jesus. Sabemos, enfim, que no fim desse ano São Josemaria tinha pedido a todos os membros do Opus Dei que se preparassem bem para as bodas de prata da Obra, que seriam celebradas em 2 de outubro de 1953[38].

Enfim, também consta com clareza que naquele momento – fevereiro de 1953 – Pio X era só beato e a aprovação dos milagres para a canonização, como já vimos, é de 17 de janeiro de 1954, quase um ano depois. O Diário do Colégio Romano chama-o «santo», várias vezes, pelo que parece impossível que seja um erro. Provavelmente o diário reflete um tom oral de conversa com o qual se faz referência a um santo, sem a intenção de precisar a sua situação específica (beato ou santo).

O acontecimento seguinte que nos interessa é a canonização de Pio X, que é registrada oportunamente no Diário porque nesse dia, que era sábado, o horário da casa mudou para facilitar a assistência à cerimônia. Tanto o *Osservatore Romano* como o Diário do Colégio Romano referem a grande afluência de pessoas, que encheu a Praça de São Pedro. O *Osservatore Romano* diz que Pio XII celebrou a canonização na Praça por causa do grande número de peregrinos, oferecendo também o texto integral da sua homilia. O Diário do Colégio Romano conta as diligências de vários membros da Obra para poderem estar o mais perto possível do Papa, relata que vieram de Espanha várias pessoas conhecidas para o evento e manifesta que São Josemaria assistiu à canonização em Villa Tevere através da televisão[39]. No dia anterior à canonização, São Josemaria dizia aos que viviam

com ele que Pio X era intercessor da Obra no que respeita às relações com a Santa Sé[40].

No que respeita à devoção de São Josemaria Escrivá a este Papa, as fontes que pudemos consultar mostram que é cada vez mais explícito o percurso que aconselhava a fazer aos peregrinos na Basílica de São Pedro[41]. Encontramos também alguma referência aos elogios que o Fundador do Opus Dei fazia a este Papa quando falava dele aos membros da Obra no fim dos anos 50 e, enfim, encontramos um testemunho explícito duma visita de São Josemaria Escrivá ao túmulo de São Pio X em 1962, recolhendo-se em oração para pedir por alguma intenção[42]. Esta mesma oração a São Pio X pediu-a aos membros da Obra em diversas ocasiões antes do início do Concílio Vaticano II, tendo ficado recolhidas nas fontes que pudemos consultar[43]. Também é daquele tempo o interesse do Fundador do Opus Dei em dispor de alguma relíquia deste Papa para a conservar num relicário no Oratório da Santíssima Trindade, em Villa Tevere; consta que no verão de 1958 já tinha uma[44].

Há ainda três referências de tipo arquitectónico ou artístico, todas da segunda metade dos anos 50, em que se manifesta a presença de São Pio X entre os intercessores do Opus Dei. A primeira é o Sacrário do Oratório de Pentecostes, situado na Sede Central do Opus Dei em Roma, que contém quatro estátuas dos intercessores. Sabemos que o Fundador do Opus Dei consagrou o altar desse Oratório na segunda-feira, dia 11 de março de 1957, à noite[45]. Sobre este Sacrário há uma referência no Diário das obras de Villa Tevere que conta ter-se encarregado um «coprifilo» para os degraus do Tabernáculo desse oratório no dia 12 de janeiro daquele ano[46]. Trata-se duma espécie de medalhão que cobre as uniões dos aros que enfeitam os três degraus da base circular do Sacrário. A principal biografia de São Josemaria conta que no dia 29 de setembro de 1956 o Sacrário do Oratório de Pentecostes chegou a Roma e sabemos que tinha sido encomendado a «Talleres de Arte Granda» dois anos antes[47].

A segunda é o conjunto de cinco relicários que atualmente está no Oratório da Santíssima Trindade, que também se encontra nos edifícios que formam a Sede Central do Opus Dei em Roma. No Diário das obras de Villa Tevere do ano 1957 surge pela primeira vez uma alusão aos relicários por parte de São Josemaria Escrivá: «o Padre disse a Jesús A. G. [Jesús Álvarez Gazapo] que no altar do Oratório do Padre [Oratório da Santíssima Trindade, usado pelo Prelado] faremos umas provas para pôr umas pequenas arcas, entre os candelabros, que hão de conter relíquias dos padroeiros [sic]: o Cura de Ars, São Tomás Moro, Pio X, etc. Poder-se-iam fazer em prata dourada ou *ottone* [latão] dourado». A data desta anotação é de 22 de janeiro daquele ano[48]. A terceira é o retábulo do Oratório da Aula, também ele situado na Sede da Cúria Prelática do Opus Dei em Roma, que tem quatro estátuas em baixo relevo dos quatro intercessores então existentes. A data de dedicação desse oratório é 1959.

Podemos concluir que a devoção de São Josemaria Escrivá a São Pio X era já muito grande antes da sua canonização, rezava-lhe, visitava o seu túmulo com frequência, difundia a sua devoção, tendo inclusivamente confiado as relações da Obra com a Santa Sé à sua intercessão quando ele ainda era beato, na segunda metade de fevereiro de 1953. A sua canonização foi vivida pelo Fundador do Opus Dei e pelos membros do Opus Dei com grande alegria. São Josemaria Escrivá

lembra este Papa principalmente pela Eucaristia, mas também recorda as suas virtudes e outras ações suas. A sua intercessão está muito ligada às relações da Obra com a Santa Sé no período de 1946-1965, isto é, o momento de várias aprovações pontificias e das diversas tentativas duma solução jurídica mais adequada, que ficou adiada para depois do Concílio Vaticano II[49].

### **A devoção de São Josemaria Escrivá a São Pio X na última fase da sua vida**

Vamos analisar agora os últimos dez anos da vida de São Josemaria Escrivá, que foram de grande crescimento do Opus Dei em todo o mundo, mas também de grande sofrimento pelas diversas crises que a Igreja viveu. Do material consultado pode-se referir que a devoção a São Pio X mantém-se, nas suas linhas principais, duma forma constante: visitas a São Pedro, com um percurso já habitual que aconselhava às pessoas da Obra a realizar quando chegavam a Roma, e vivência especial da memória litúrgica de São Pio X. Há no entanto algumas acentuações que são específicas desta época e estão ligadas a alguns eventos, que apresentaremos agora.

Entre os dias 1 e 15 de setembro de 1969 realizou-se um Congresso Geral do Opus Dei para a revisão dos Estatutos, de modo que se pudessem adaptar melhor aos documentos conciliares. Esse congresso revelou-se providencial porque, durante a preparação do mesmo, iniciada vários meses antes, São Josemaria tinha recebido a notícia de que na Santa Sé se tinha constituído uma comissão especial para julgar e analisar a situação de alguns Institutos Seculares entre os quais se contava naquele momento o Opus Dei. Escreve o cardeal Julián Herranz nas suas memórias que «era algo anómalo: formar uma comissão sobre uma realidade apostólica da Igreja, ocultando-o à pessoa que a governa – neste caso, o próprio Fundador – e aos seus membros. Além disso, entre os que integravam essa comissão contavam-se várias pessoas com notórios preconceitos em relação ao Opus Dei»[50]. Nestas circunstâncias começou o Congresso Geral do Opus Dei. O dia 3 de setembro, memória de São Pio X, situava-se precisamente no interior deste evento. São Josemaria pediu que se celebrasse esta memória ainda mais do que aquilo que já era habitual então na Obra: que houvesse bênção eucarística, que se rezasse mais a este Papa e se fizesse uma refeição um pouco melhor para festejar este santo intercessor[51]. O diário do Conselho Geral da Obra sintetiza em poucas linhas o que São Josemaria disse naqueles dias e uma das coisas que refere é precisamente a exortação a rezar a São Pio X[52].

No início dos anos 70, através dum padre que trabalhava na Sagrada Congregação das Causas dos Santos, Mons. Francisco Vives, o arquiteto Jesús Álvarez Gazapo e Mons. Joaquín Alonso conheceram os sobrinhos de São Pio X, Maria Pia e Giuseppe Sartor[53]. A amizade fez-se mais intensa ao longo do tempo e os sobrinhos do Papa conheceram a devoção que lhe tinha São Josemaria Escrivá. Uma das vezes que os foram visitar, os sobrinhos de São Pio X mostraram-lhes as recordações que tinham deste Papa. Como se aproximava o septuagésimo aniversário de São Josemaria, os visitantes sugeriram aos sobrinhos do Papa oferecer-lhe como presente uma relíquia do tio. Estes pensaram que um genuflexório poderia ser um bom presente e ficou combinado dar-lho no dia 9 de janeiro de 1972. Estando assim as coisas acordadas, Mons. Joaquín Alonso lembrou que se poderia adiantar o presente para 6 de janeiro, que era o tradicional dia de Reis, em Espanha, e em Itália era também dia de intercâmbio de

presentes[54]. Este genuflexório é bastante simples e tinha sido usado por Pio VII. Quando, muitos anos mais tarde, o cardeal Giuseppe Sarto o encontrou numa loja de velharias, afeiçoou-se a ele e, tendo sido eleito Papa, trouxe-o para Roma. Depois da sua morte um sobrinho sacerdote tinha ficado com as coisas de Pio X e, mais tarde, tinha dado tudo o que possuía a estes dois sobrinhos leigos.

A alegria de São Josemaria quando lhe deram o genuflexório foi notória e quis que ficasse no oratório que usava habitualmente. Ainda hoje este genuflexório está situado no lugar em que São Josemaria dispôs que se pusesse, do lado esquerdo e ligeiramente de lado, para que quem se ajoelhe possa ver diretamente o Sacrário sem torcer o pescoço[55].

Pouco tempo depois de receber o presente, no mesmo ano de 1972, São Josemaria recebeu os sobrinhos do Papa na sua residência de viale Bruno Buozzi. Os sobrinhos perceberam o agradecimento do Fundador do Opus Dei e o modo como tinha acolhido esta relíquia, o que suscitou neles o desejo de lhe oferecerem mais recordações do tio. Ofereceram-lhe uma cama de ferro que o tio tinha usado em Mantua, um solidéu e outras recordações. Na tertúlia do dia 21 de janeiro de 1972 o Fundador da Obra contou com muita alegria que no dia seguinte lhe iam trazer a cama de São Pio X[56].

O sobrinho do Papa, Giuseppe Sartor, morreu algum tempo depois, deixando a irmã Maria Pia, adoentada e sozinha, com uma criada já idosa que a cuidava. São Josemaria recomendou a várias pessoas da Obra que a acompanhassem, tanto em casa como, mais tarde, no hospital em que teve de ser atendida na via Flaminia. Maria Pia Sartor quis dar todos os seus bens à Obra, mas São Josemaria pediu-lhe que deixasse todo o dinheiro à sua empregada já idosa, aceitando só o recheio da casa com as recordações de São Pio X que ela conservava[57]. Ela achou bem e redigiu o testamento nesses termos. Maria Pia Sartor foi atendida pelas pessoas da Obra até ao momento da sua morte e, depois de falecida, o dinheiro que possuía foi entregue à sua empregada, como indicava o testamento. As mulheres da Obra procuraram ajudar esta senhora idosa a encontrar um lugar para viver em Roma, visto que ela não quis ir viver para Veneza. São Josemaria recebeu então um enorme número de relíquias de São Pio X, que foram quase todas para Cavabianca, a sede do Colégio Romano da Santa Cruz, em Saxa Rubra. A maioria destas relíquias está guardada em dois grandes armários no corredor de passagem entre uma das casas e a Igreja de Nossa Senhora dos Anjos. Bem perto desses armários está uma estátua de mármore de São Pio X em tamanho maior que o natural, que São Josemaria mandou fazer no início dos anos 70, para que todos os que passassem por ali rezassem a este Papa pela Igreja, pelo Papa e pela firmeza do Opus Dei na fé. No Oratório da Casa del Fiume – no Centro internacional Cavabianca – também se conservam várias relíquias deste Papa e no *soggiorno* dessa mesma casa está o relógio de prata que lhe pertencia[58].

Há muitas fontes que falam da devoção de São Josemaria Escrivá a São Pio X naqueles três últimos anos da sua vida, aludindo especialmente às relíquias deste Papa que lhe foram chegando às mãos ou àquelas que ele distribuiu por vários Centros do Opus Dei em todo o mundo[59]. São Josemaria interpretava a recepção das relíquias como um gesto de agrado por parte de Pio X por aquilo que ele e toda a Obra lhe rezavam[60].



A devoção de São Josemaria Escrivá nesses anos adquiriu uma maturidade notável e alargou-se a outros âmbitos que iam muito mais além das relações da Prelazia do Opus Dei com a Santa Sé. Por um lado pedia a São Pio X que a Obra estivesse sempre firme no meio da crise que a Igreja estava a viver[61], mas por outro lado pedia pelo Papa e pelas necessidades da Igreja, que ele via tão atacada naqueles primeiros cinco anos da década de setenta do século passado[62]. É bastante conhecida a fase crítica atravessada pela Igreja depois do Concílio Vaticano II, pelo que não nos vamos deter nela. Baste dizer que São Josemaria a viveu num clima de grande sofrimento, de oração continua, sem perder a esperança, realizando viagens de catequese para avivar e confirmar na fé os membros da Obra e todos aqueles que recebiam de algum modo os frutos da ação pastoral do Opus Dei, e recorrendo amiúde a Nossa Senhora – são conhecidas as suas romarias marianas daqueles anos – e aos santos, como São Pio X. Um dos modos em que naquela altura São Josemaria procurou difundir muito a devoção a este Papa, além da distribuição de relíquias e pagelas (santinho), foi através da difusão dos seus ensinamentos, estimulando a publicação dos seus documentos e especialmente do seu catecismo, que recomendou vivamente em diversos países por onde passou[63].

São Josemaria continuou a referir-se ao modo em que Pio X viveu as virtudes, especialmente a pobreza, a simplicidade, o amor à Eucaristia[64] e ao sacerdócio. Ao receber um diário do Papa, em que se contavam diversos episódios da vida normal, e o quadro de Maria Bambina – a quem Pio X tinha muita devoção –, São Josemaria também sublinhou a simplicidade deste Papa, na sua piedade e nos modos que tinha de dirigir-se a Deus. Nalgumas ocasiões São Josemaria comparou a situação que a Igreja estava a viver com aquela que se vivia no tempo de São Pio X, sugerindo que as medidas que este Papa tinha tomado para resolver a situação de crise poderiam ser úteis para, numa forma análoga, ajudar a Igreja a superar a situação em que se encontrava[65].

Uma das relíquias que os sobrinhos de São Pio X deram a São Josemaria foi a cruz que esse Papa teve nas mãos depois da sua morte e antes do enterro. Alguma vez a mostrou numa tertúlia, manifestando que gostaria muito que lhe pusessem nas mãos no momento da sua morte[66]. De fato, no dia 26 de junho de 1975, entre as mãos do corpo já sem vida de São Josemaria foi posto o crucifixo que também São Pio X tinha tido entre as suas naqueles mesmos momentos. Desta forma, até a morte e enterro de São Josemaria Escrivá, Dom Álvaro del Portillo, Dom Javier Echevarría e aqueles que habitualmente conviviam com ele, interpretando o seu desejo, manifestaram numa forma clara a devoção que ele tinha pelo Santo Papa Pio X[67].

## **Conclusão**

Chegados ao fim do nosso percurso, podemos concluir o seguinte:

– São Josemaria Escrivá nomeou São Pio X intercessor do Opus Dei para as relações com a Santa Sé na segunda quinzena de fevereiro de 1953, quando ele era ainda beato e não se sabia quando é que seria canonizado, visto que os milagres só foram aprovados pelo Papa Pio XII em 17 de janeiro de 1954.

– Esta nomeação está ligada aos favores específicos que lhe pedia, mas vinha

apoiada por um antigo convencimento da santidade deste Papa e por uma devoção pessoal que já lhe tinha desde há muitos anos.

– A devoção de São Josemaria Escrivá a São Pio X está muito ligada à Eucaristia, tanto à primeira Comunhão das crianças, da qual foi uma das primeiras gerações que se beneficiou, como à Comunhão frequente. Este é um aspecto que se nota constantemente ao longo da sua vida.

– A devoção do Fundador do Opus Dei a São Pio X, embora seja sólida e constante, tem alguns aspectos que vão evoluindo ao longo da sua vida. As fontes revelam que numa primeira fase da sua vida ela se insere na comum devoção a este «Papa da Eucaristia» que existia na Igreja. Outros aspectos da vida deste Papa também são considerados, mas veem-se como secundários, por exemplo, a heroicidade das suas virtudes, a sua solicitude de Pastor, de catequista, de defensor dos direitos da Igreja e da fé. É neste contexto que foi nomeado intercessor do Opus Dei nas relações da Prelazia com a Santa Sé. Estas características não desapareceram com o decorrer do tempo.

– Numa segunda fase da sua vida, depois do Concílio Vaticano II, além dos elementos que permanecem, há um amadurecimento dessa devoção, que já não está só ligada ao Opus Dei, mas também à vida da Igreja e do Romano Pontífice – Paulo VI e os que lhe sucedessem –. Nesta segunda fase o Fundador da Obra recebe muitas relíquias do Santo, distribui algumas e difunde a devoção a Pio X através da reedição dos seus escritos, do Catecismo e de pagelas. É um momento em que conheceu melhor alguns aspectos mais íntimos da vida do Papa, através dessas relíquias que recebeu e das notícias que lhe contaram os parentes, e em que apresentou as medidas que este Papa tinha tomado como um exemplo inspirador para que a Igreja pudesse ultrapassar a crise que agora atravessa. Este último aspecto é uma manifestação bastante tradicional de seguimento do exemplo dos santos, que é muito comum na vida da Igreja e que já deu muitos frutos ao longo da sua história.

---

Miguel De Salis Amaral. Sacerdote português incardinado na Prelazia do Opus Dei; fez a licenciatura em Engenharia Civil na Universidade do Porto e o doutoramento em Teologia na Universidade de Navarra. Foi Assistente na Faculdade de Engenharia da Univ. do Porto (1993-1994), e também foi Assistente na Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra (1998-2000). Desde o ano 2000 vive em Roma, desenvolvendo a sua atividade de pesquisa e ensino na Pontifícia Universidade da Santa Cruz, onde é Professor Associado de Eclesiologia e Ecumenismo. No ano 2002 o Papa João Paulo II nomeou-o Consultor Teólogo da Congregação das Causas dos Santos. Além de artigos em diversas revistas italianas e estrangeiras, publicou alguns livros: *Dos visiones ortodoxas de la Iglesia: Bulgakov y Florovsky* (Eunsa 2003, também publicado em romeno em 2009), *Concittadini dei santi e familiari di Dio: studio storico-teologico sulla santità della Chiesa* (Edusc 2009, também publicado em português em 2013) e, com outros professores, publicou *Dono e compito. La Chiesa nel Simbolo della fede* (Città Nuova 2012).

---

[1] Cfr. Vittorio Lanzani, *Le Grotte Vaticane*, Roma, Elio de Rosa Ed., 2003, p. 49. Para mais pormenores sobre o estado da Cripta dos Papas, cfr. Id., *Le Grotte Vaticane. Memorie storiche, devozioni, tombe dei papi*, Roma – Città del Vaticano, Elio de Rosa Ed. – Fabbrica di San Pietro, 2010, pp. 109ss.

[2] Tenha-se em conta que o beato Pio IX foi enterrado na Basílica de São Lourenço extra- muros e o Papa Leão XIII tinha sido enterrado na Basílica de São João de Latrão.

[3] Todos os dados que oferecemos nesta primeira parte do estudo estão baseados na *Positio* que se preparou para a Causa de canonização deste Papa. Agradecemos à Congregação das Causas dos Santos, particularmente ao Cardeal Angelo Amato S.D.B., ao Secretário e ao Sub-secretário, e àqueles que trabalham no arquivo desse Dicastério vaticano, a colaboração prestada. Também queremos agradecer ao Delegado da Fábrica de São Pedro, Mons. Vittorio Lanzani, ao diretor do arquivo da mesma Fábrica, Dr. Pietro Zander e a todos os que ali trabalham, a colaboração prestada para poder realizar este estudo. Enfim, agradecemos ao Cabido de São Pedro, na pessoa de mons. D. de Rezza, as facilidades para investigar no arquivo capitular.

[4] Cfr. S. Rituum Congregatione E.mo ac R.mo Domino Carolo Card. Salotti Praefecto S.R.C., Relatore, *Romana Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Pii Papae X. Positio super introductione Causae*, Romae, Typis Poliglottis Vaticanis, 1942, pp. 163-172. O testemunho do cardeal Rafael Merry del Val está recolhido no *Summarium*, p. 982. A cruz tem 12x12 cms e uma espessura de 3 cm, indicando ainda hoje o primeiro lugar que ocupou o corpo de São Pio X nas Grutas Vaticanas.

[5] Cfr. *Romana Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Pii X, Summarium super dubio. An sit signanda Commissio Introductionis Causae in casu et ad effectum de quo agitur. Litterae Postulatoriae*, Roma, 1939, pp. 302-304. A Causa desenvolveu-se em quatro Pro cessos informativos: Roma, Veneza, Mantua e Treviso, que foram apresentados à Sagrada Congregação dos Ritos no dia 8 de julho de 1931.

[6] Nas cartas e mensagens recolhidas pela Postulação alude-se a várias outras iniciativas pastorais de Pio X. Em relação ao clero: a reforma do Breviário, a formação dos padres, a reforma da disciplina do clero e o fomento da santidade sacerdotal, o Código de direito canónico. Em relação à fé: o Catecismo da doutrina cristã, ao que se acrescenta normalmente a ação do Papa na difusão da doutrina católica, a sua defesa da fé contra o modernismo. Em relação à situação da Igreja no mundo: a sua defesa dos direitos da Igreja em relação ao Estado (Portugal, França e México) e face às ameaças do liberalismo de então, a sua procura constante da paz, o seu esforço para que se difundisse o Reino de Cristo nas nações e nas pessoas, o seu empenho na Ação Católica, entre outros. Este terceiro conjunto de temas não é tão assinalado e há vários testemunhos e cartas que não se referem a alguns dos temas que se encontram neste grupo. Além disso, o espaço dedicado a este tipo de questões é sempre muito mais curto que aquele que se dedica à Eucaristia.

[7] Veja-se as cartas do cardeal Eugenio Tosi, arcebispo de Milão (5 de novembro de 1923), do cardeal Michael Loghe, arcebispo de Armagh (21 de outubro de 1924), do cardeal Louis-Joseph Luçon, arcebispo de Reims (15 de agosto de 1923) e do arcebispo Raymond M. Rouleau, o.p. (27 de outubro de 1927), em *Romana Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Pii X, Summarium super dubio. An sit signanda commissio introductionis Causae in casu et ad effectum de quo agitur. Litterae postulatoriae*, Roma, 1939, pp. 6-11, 14 e 144s.

[8] É o caso do episcopado suíço (carta de 2 de agosto de 1924), cfr. *ibid.*, pp. 36s; do episcopado da nova república da Checoslováquia (carta de 25 de janeiro de 1924), cfr. *ibid.*, p. 39; os bispos da Austrália fundam a sua petição em três razões: 1. a santidade pessoal de Pio X; 2. o seu amor à Eucaristia e a sua promoção da Comunhão frequente e aquela das crianças; 3. o seu interesse paterno pela formação e santificação do clero, cfr. *ibid.*, pp. 49-54 (a carta é de 17 de março de 1925). O cardeal Francis Bourne, arcebispo de Westminster refere-se ao modernismo, brevemente, e dedica mais espaço à Comunhão frequente e das crianças, cfr. *ibid.*, p. 13.

[9] A partir de 1959 a diocese passou a chamar-se Calahorra e La Calzada – Logronho.

[10] Cfr. *Romana Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Pii X, Summarium super dubio. An sit signanda commissio introductionis Causae in casu et ad effectum de quo agitur. Litterae postulatoriae*, Roma, 1939, p. 11. Em primeiro lugar assina Dom Henrique Reig y Casanova, cardeal arcebispo de Toledo. O seminário de Mántua também chamou a Pio X «Pontífice da Eucaristia» na carta postulatória que enviou, cfr. *ibid.*, p. 86.

[11] Cfr. *ibid.*, p. 35.

[12] Em 1959 esta diocese galega mudou de nome, passando a chamar-se Tuy-Vigo.

[13] Cfr. Lanzani, *Le Grotte Vaticane. Memorie*, pp. 92-94 e 100-101. «Nelle Sacre Grotte i lavori della nuova sistemazione proseguono piuttosto lentamente a causa delle perduranti difficoltà di rifornimenti di materiali e di trasporti; non è stato ancora possibile riaprire al pubblico neppure la parte di esse nella quale erano collocate le tombe degli ultimi Pontefici defunti [...]. Date le incessanti richieste dei fedeli che desideravano prostrarsi avanti alla tomba di Pio X, la Salma del Servo di Dio, ottenuto dal Revmo Promotore della Fede il consenso del Santo Padre, è stata provvisoriamente sistemata in un loculo nella Ss. Basilica nella parete destra della Cappella della Presentazione della B. Vergine; tale posizione risulta quanto mai appropriata trovandosi a ridosso del monumento già esistente di Pio X»: *L'Attività della Santa Sede. Dal 15 dicembre 1944 al 15 dicembre 1945*, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, p. 168, cfr. também «L'Osservatore Romano», 11 de março de 1945, p. 2. Fazemos constar que o corpo de Pio X foi exumado em maio de 1944, para o reconhecimento canónico, e reposto num nicho próximo do pilar de Longinos, nas Grutas Vaticanas, em julho daquele mesmo ano. Portanto, entre julho de 1944 e março de 1945 o corpo de Pio X esteve inacessível aos fiéis que lhe eram devotos.

[14] Cfr. «L'Osservatore Romano», 20 de agosto de 1939, pp. 1 e 3; Romana Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Pii X, *Summarium super dubio. An sit signanda commissio introductionis Causae in casu et ad effectum de quo agitur. Litterae postulatoriae*, Roma, 1939, pp. 112f-112n.

[15] Cfr. «L'Osservatore Romano», 21 e 22 de agosto de 1939, p. 2. Na página 3 do jornal explica-se a disposição dos túmulos de Pio X, Bento XV e do cardeal Merry del Val, num ambiente de penumbra e algo apertado devido ao pé direito, que era muito baixo naqueles anos. Sobre a cruz dourada encastada no pavimento cfr. *ibid.*, 20 de agosto de 1939, p. 3.

[16] Sacra Rituum Congregatione E.mo ac R.mo Domino Clemente Card. Micara Præfecto S. R. C., Relatore, *Romana Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Pii Papae X. Positio super virtutibus*, Typis Polyglottis Vaticanis 1949, p. 154. Para mais informações sobre esta peregrinação, cfr. *ibid.*, p. 153; «L'Osservatore Romano», 1 de setembro de 1948, p. 2.

[17] Cfr. *ibid.*, 2 de setembro de 1948, p. 1.

[18] Todos estes passos foram devidamente publicitados no jornal da Santa Sé, cfr. *ibid.*, 4 e 5 de setembro de 1950, pp. 1ss; 12 e 13 de fevereiro de 1951, p. 1; 5 e 6 de março 1951, pp.1ss; 3 de junho de 1951, pp.1ss; 4 e 5 de junho de 1951, pp.1-3.

[19] Cfr. *ibid.*, 3 de junho de 1951, p. 3; 4 e 5 de junho de 1951, pp. 1ss. O discurso de Pio XII na beatificação de Pio X reflete e confirma a investigação aprofundada que se fez durante o Processo de beatificação deste Papa. Como se sabe, Pio XII tinha a intenção de o beatificar em 1950, mas devido a algumas dúvidas sobre a heroicidade das virtudes, surgidas na fase de estudo da Causa, o Papa encarregou à Congregação dos Ritos a pesquisa pormenorizada de algumas questões ligadas ao modo de lidar com temas afins ao modernismo. O resultado desse estudo, feito pelo Pe. F. Antonelli, franciscano e Relator geral, foi recolhido no documento Sacrum Rituum Congregatione Sectio Historica n. 77, *Romana Beatificationis et canonizationis Servi Dei Pii Papae X. Disquisitio circa quosdam obiectiones modum agendi Servi Dei respicientes in modernismi debellatione una cum Summario additionale ex officio compilato*, Typis Polyglottis Vaticanis, 1950, tendo convencido Pio XII a proceder à beatificação.

[20] Cfr. «L'Osservatore Romano», 6 de junho de 1951, p. 1; 21 de agosto de 1951, p. 1; 17 de fevereiro de 1952, entre outros números do jornal daqueles mesmos dias, que recolhem material fotográfico e relatos da afluência dos fiéis.

[21] Cfr. *Compendium vitae virtutum et miraculorum necnon actorum in Causa canonizationis beati Pii Papae X, Confessoris*, Typis Polyglottis Vaticanis, 1954, p. 12.

[22] Cfr. «L'Osservatore Romano», 1 de junho de 1954, p. 1.

[23] Para os pormenores cfr. Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, Madrid, Rialp, 1997-2003, vol. I, pp. 38-39 e «Boletín Eclesiástico Oficial del Obispado de Barbastro», ano LV, núm. 18, de 24 de novembro de 1908, que recolhe circulares do ano anterior, editais dos concursos, resultados e prémios, etc.

[24] Uma citação da biografia mais importante sobre São Josemaria ajuda a explicar as circunstâncias de então: «En España no solían hacer los niños la Primera Comunión hasta haber cumplido los doce o trece años, costumbre seguida también en otros muchos países. Fue en virtud de un decreto de san Pío X, en 1910, cuando se rebajó esa edad al momento en que se alcanzase el uso de razón, alrededor de los siete años. La fecha de la disposición coincidía con los preparativos para el Congreso Eucarístico Internacional que iba a celebrarse en Madrid en junio de 1911. Por ello se hizo en todas las parroquias de España una intensa labor catequética, con la idea de que se acercasen a recibir la Sagrada Eucaristía el mayor número posible de niños», Vázquez de Prada, *El Fundador*, vol. I, p. 50.

[25] «Si los hombres oyeran su voz [de Cristo, n.d.r.] y le conocieran, recobraría el mundo su perdido equilibrio y volverían a su antiguo orden los que hoy son elementos de perturbación. Éste es nuestro trabajo: renovar en Cristo todas las cosas, llevar a la realidad aquel lema santo de un Pontífice santo: *Instaurare omnia in Christo*. Este es el objetivo de la Obra», Apontamentos duma meditação de Josemaría Escrivá, 16 de maio de 1937, «Crecer para adentro», Arquivo Geral da Prelazia (AGP), Biblioteca, P12, p. 77.

[26] «¡Con qué honda satisfacción le besé la mano!», Josemaría Escrivá, *Apuntes íntimos*, n. 1430, cit. em *Positio super virtutibus Servi Dei Iosephmariae Escrivá de Balaguer. Biographia Documentata*, p. 515. De acordo com o testemunho de mons. Pedro Casciaro, que o acompanhava nesta travessia, São Josemaria celebrou no segundo altar lateral da direita da nave, bastante perto da entrada da Cripta, cfr. *ibid.*

[27] «Un día de aquella primavera o verano de 1940, estaba hablándonos el Padre, en el oratorio de Jenner, de la Sagrada Eucaristía y, de pasada, se refirió a la decisiva influencia que había tenido Pío X en promover la comunión frecuente. Al hacerlo, dijo de una manera tan firme y segura que no dejó en mí lugar a dudas, que Pío X había sido un Papa muy santo y que le veríamos pronto en los altares. Esto sucedía bastantes años antes de que se le canonizara», Testemunho de Francisco Ponz Piedrafita, AGP, série A.5, 238-3-5.

[28] Diário do Colégio Romano da Santa Cruz, 22 de julho de 1951, 13 de novembro de 1951 e 15 de maio de 1953, AGP, série M.2.2-427, entre outros lugares.

[29] Diário do Colégio Romano da Santa Cruz, 25 de janeiro de 1952, AGP, série M.2.2-427.

[30] Diário do Colégio Romano da Santa Cruz, 30 de outubro e 16 de novembro de 1953, AGP, série M.2.2-427.

[31] Nos Diários que pudemos consultar não há especificações sobre o lugar em que está o corpo de Pio X, isto é, no lóculo (antes da beatificação) ou no altar da capela da Apresentação (a partir de 17 de fevereiro de 1952), cfr. «L'Osservatore Romano», 17 fevereiro 1952, p. 1 e 18-19 fevereiro 1952, p. 1.

[32] «El Padre tiene verdadera ilusión de celebrar en S. Pedro su primera Misa “apud S. Petrum”», Diário de Villa Tevere, 21 de novembro de 1947, AGP, série

M.2.2-436-10; nos mesmos termos, mas referindo-se também à celebração antes de sair de Roma, Diário de Villa Tevere, 22 de maio de 1948, AGP, série M.2.2-436-13.

[33] «Por la mañana el Padre y don Álvaro fueron a hacer la oración a la basílica de S. Pedro, mientras Salvador e Ignacio la hacían en el oratorio. Don Álvaro celebró allí en el altar de Pio X y el Padre volvió y celebró en casa», Diário de Piazza della Città Leonina, 31 de agosto de 1946, AGP, série M.2.2. Fazemos notar que naquela data o corpo de Pio X não estava no altar, e sim no lóculo aberto na parede direita da capela da Apresentação. Isto quer dizer que a pessoa que escreveu o diário parece usar normalmente como referência daquele altar o túmulo do Papa, então situado num lugar próximo, mas não no altar.

[34] «Son casi innumerables los detalles relacionados con el amor de nuestro Padre por el Romano Pontífice, fuese quien fuese el Vicario de Cristo en la tierra. Escojo algunos. Por ejemplo, las numerosas “escapadas” que, de pronto, hacía el Padre hasta la Basílica de San Pedro para hacer la Visita en la Capilla del Santísimo y, luego, la oración. Y para rezar ante la tumba de Pío X, antes de que fuese canonizado, encomendándole las relaciones filiales de la Obra con la Santa Sede», Testemunho de Lourdes Toranzo, AGP, série A.5, 246-1-1.

[35] O Diário registra que São Josemaria regressava a Viale Bruno Buozzi com Dom Álvaro del Portillo, depois de ter ido fazer uma diligência mas, «antes de regresar a casa pasan por la plaza de San Pedro, donde el Padre, según tiene por costumbre –que estos días intensifica– reza un Credo», Diário do Colégio Romano da Santa Cruz, 12 de fevereiro de 1953, AGP, série M.2.2, 427-16.

[36] «A mitad de tertulia viene el Padre con nosotros. Nos dice que en 1934 o 1935 –no recuerdo con exactitud– puso bajo el patrocinio del Santo Cura de Ars las relaciones de la Obra con los obispos. Y hace pocos días, encomendó a San Pio X las relaciones con la Santa Sede. Nos habló a propósito de esto de alguna devoción particular a los santos, que tienen los hombres piadosos, que es una característica que el Padre quiere para todos sus hijos en la Obra», Diário do Colégio Romano da Santa Cruz, 27 de fevereiro de 1953, AGP, série M.2.2, 427-16.

[37] «Por la mañana sale el Padre, con Don Álvaro y Don José Maria. Van primero a San Pedro, para despedirse Don José Maria. Entran en la Basílica y rezan una oración a San Pio X, nuestro patrón –por devoción del Padre– en las relaciones con la Santa Sede», Diário do Colégio Romano da Santa Cruz, 17 de abril de 1953, AGP, série M.2.2, 427-16.

[38] Para uma exposição dos pormenores destas dificuldades e para conhecer melhor o contexto geral destes anos pode-se consultar Vázquez de Prada, *El Fundador*, vol. III, pp. 179-246.

[39] Cfr. Diário do Colégio Romano da Santa Cruz, 29 de maio de 1954 AGP, série M.2.2, 427; cfr. «L'Osservatore Romano», 1 de junho 1954, p. 1; Carta a Dom Fernando Maycas, Roma, 31 de maio 1954, AGP, série M.1.1, 1537-B15; Carta a Fernando Inciarte, Roma, 31 de maio 1954, AGP, série M.1.1, 1537-B15.

[40] «Roma estos días estaba invadida completamente por extranjeros con motivo de la canonización de Pío X. El día anterior a la canonización el Padre nos

recordaba que es Patrón nuestro, el de las relaciones de la Obra con la Santa Sede», Carta de Antonio Linares González a Dom Fernando Maycas, Roma, 31 de maio 1954, AGP, série M.1.1, 1537-B15; naquela data o Fundador do Opus Dei ainda não tinha precisado a diferença entre os padroeiros e os intercessores.

[41] «Sé que al comienzo, cuando eran apenas un pequeño puñado en Roma, le gustaba al Padre llevarlos personalmente a la basílica de San Pedro y allí hacer ese recorrido que tantísimas veces hicimos; Visita al Santísimo, Credo en la Confesión ante la tumba del Apóstol Pedro, Salve a la Virgen María y Padrenuestro en la tumba de San Pío X», Testemunho de Cipriano Rodríguez Santamaría, AGP, série A.5, 1465-1-10; Testemunho de Rafael Horacio Téllez Téllez, AGP, série A.5, 348-3-4.

[42] «Voy a referir un hecho que pude presenciar referente a su devoción a San Pío X. Un día de la primavera de 1962, al volver del mercado estábamos Elena Vázquez y yo oyendo la Santa Misa en San Pedro, en el altar de San Pío X, cuyo cuerpo está visible en una urna debajo del altar; entró el Padre con Don Javier Echevarría. Estuvo rezando durante largo rato, embebido en la oración. Muchas veces nos había hablado de su devoción a San Pío X y nos había dicho que acudiéramos a su intercesión», Testemunho de Purificación González, AGP, série A.5, 217-1-1; «Estabamos Elena Vázquez y yo en la acción de gracias de la comunión, en el altar de San Pío X donde habíamos asistido a misa y comulgado. Vimos llegar al Padre acompañado de Don Javier Echevarría. Rezaba con la vista puesta en San Pío X, ponía mucha intensidad y un gran recogimiento en aquella oración porque no dejó de mirar un momento. No nos vio ni siquiera al marchar, aunque pasó por delante de nosotras y estábamos solas. Don Javier sí nos vio», Testemunho de Purificación González, AGP, série A.5, 217-1-1.

[43] «El 3 de septiembre [de 1960] regresamos a Londres y tuvimos una tertulia, con el Padre para celebrar la fiesta de San Pío X. El Padre nos pidió que rezáramos por una intención especial a través de aquel santo Papa, intercesor nuestro», Testemunho de José María de Torre Callejas, AGP, série A.5, 245-3-3.

[44] Testemunho de Jaime Planell Fonrodona, AGP, série A.5, 238-2-6.

[45] Diário de Obras, 15 de março de 1957, AGP, série M.2.2, 1059-7.

[46] Diário de Obras, 12 de janeiro de 1957, AGP, série M.2.2, 1059-7.

[47] Cfr. Vázquez de Prada, *El Fundador*, vol. III, pp. 306-307.

[48] «El Padre le ha dicho a Jesús A. G. que en el altar del Oratorio del Padre haremos unas pruebas para poner unas arquetas, entre los candelabros, que contendrán reliquias de los patronos: el Cura de Ars, Sto. Tomás Moro, Pio X, etc. Se podrían hacer en plata dorada o bien en ottone dorado», Diário de Obras, 22 de janeiro de 1957, AGP, série M.2.2, 1059-7. Como já dissemos, naquela data ainda não se chamava os intercessores com esse termo, sendo todos tidos por padroeiros [*patronos* em castellano]. Só mais tarde é que São Josemaria Escrivá explicou a diferença entre os padroeiros e os intercessores; para mais pormenores veja-se o estudo sobre o Santo Cura d'Ars, publicado neste mesmo fascículo de SetD.

[49] O período de 1946 a 1965 é denso de diligências do Fundador do Opus Dei



junto da Santa Sé, primeiro para conseguir a aprovação pontifícia menos desvantajosa e, mais tarde, para conseguir uma configuração jurídica que respondesse à realidade do Opus Dei. Para um estudo mais atento dos diversos passos e diligências, cfr. Amadeo de Fuenmayor – José Luis Illanes – Valentín Gómez Iglesias, *El itinerario jurídico del Opus Dei. Historia y defensa de un carisma*, Pamplona, Eunsa, 1989, pp. 145-361.

[50] Julián Herranz Casado, *En las afueras de Jericó. Recuerdos de los años con San Josemaría y Juan Pablo II*, Madrid, Rialp, 20073, p. 192: «Era algo anómalo: formar una comisión sobre una realidad apostólica de la Iglesia, ocultándoselo a su cabeza –en este caso, el propio fundador– y a sus miembros. Además, entre los integrantes de la comisión se contaban varias personas con notorios prejuicios hacia el Opus Dei» [a tradução é nossa]. Para conhecer melhor as circunstâncias e o desenvolvimento da situação, cfr. *ibid.*, pp. 189-201 e 225-242.

[51] «El día 3 de septiembre de 1969, fiesta de San Pío X, a las ocho de la mañana, nos llamó el Padre a Marlies y a mí para que fuéramos al comedor de la Villa Vecchia. Nos dijo que deseaba que ese día se celebrase mucho más la fiesta de San Pío X, que tuviésemos bendición con el Santísimo y que rezáramos muy especialmente invocando la ayuda de este Santo Intercesor. Después añadió que advirtiéramos a la Administración, para que en la comida hubiera algún pequeño extraordinario», Testemunho de Mercedes Morado García, AGP, série A.5, 159-1-3.

[52] «El Padre ha contado algunas cosas en las tertulias, que trataré de resumir: el común denominador ha sido sin embargo el mismo: oración por la intención especial; rezar mucho a San Pio X; estar todos unidos *cor unum et anima una*», Diário do Conselho Geral do Opus Dei, 1-15 de setembro de 1969, AGP, série M.1.2, 430-17. No início dos anos 70 o Diário do Conselho Geral do Opus Dei registra a ida de vários membros da Obra ao túmulo de São Pio X, no dia 3 de setembro, para lhe pedir pelas intenções de São Josemaria.

[53] Trata-se de dois sobrinhos dum sobrinho de Pio X, Mons. Giovanni Battista Parolin.

[54] Apontamentos duma conversa com Mons. Joaquín Alonso em Roma, 26 de julho de 2011.

[55] Testemunho de Antonio Miralles García, AGP, série A.5, 326-3-3. Este genuflexório foi usado também por João Paulo I uns dias antes de ter sido eleito Papa. O cardeal Karol Wojtyła, antes de entrar no Conclave em que foi eleito, também esteve no Oratório em viale Bruno Buozzi mas, quando lhe sugeriram ajoelhar-se nele, preferiu só beijar esta relíquia de São Pio X: Testemunho de Amelia Díaz Guardamino Echeverría, AGP, série A.5, 2236-2-4; cfr. Herranz Casado, *En las afueras de Jericó*, pp. 265 e 278.

[56] Testemunho de Pablo Bofill de Quadras, AGP, série A.5, 198-3-1.

[57] Apontamentos duma conversa com São Josemaria, 20 de novembro de 1974, «Crónica», dezembro 1974, p. 32, AGP, Biblioteca, P01.

[58] Apontamentos duma conversa com Mons. Joaquín Alonso em Roma, 26 de julho de 2011.

[59] Cfr. Testemunho de Peter Haverty, AGP, série A.5, 219-1-1; Werner H. Schmidt, AGP, série A.5, 2199-3-10; Vicente Villanueva Ochoa, AGP, série A.5, 334-2-5; Manuel Ordeig Corsini, AGP, série A.5, 233-3-1; José Gabriel de la Rica Olave, AGP, série A.5, 345-3-2; Ernst Burkhart, AGP, série A.5, 199-3-7; Andrés Rueda Salaberry, AGP, série A.5, 243- 1-3; Javier González Murgoitiobeña, AGP, série A.5, 348-3-3; José Rodríguez Iturbe, AGP, série A.5, 241-3-1, entre outros.

[60] «He estado leyendo recientemente los documentos de este Santo Papa... Le quiero particularmente, y pienso que él, desde el Cielo, está ayudando mucho al Opus Dei. Parece que está contento, porque ha puesto en mis manos, en este año pasado, un montón de reliquias suyas». Apontamentos duma conversa de São Josemaria com sacerdotes em Enxomil (Portugal), 31 de outubro de 1972, «Dos meses de catequesis», 1972, vol. I, p. 258, AGP, Biblioteca, P04.

[61] Testemunho de María Eugenia Amado, AGP, série A.5, 329-3-6.

[62] «Noticias», 1972, p. 774, e 1973, p. 38, AGP, Biblioteca, P02; Testemunho de Alejandro Cantero Fariña, AGP, série A.5, 202-2-9.

[63] Testemunho de Manuel García Rodríguez, AGP, série A.5, 214-3-7; Ismael Sánchez Bella, AGP, série A.5, 244-1-2; Manuel Cabello, AGP, série A.5, 320-2-2; Rolf Weingand, AGP, série A.5, 345-1-18.

[64] Testemunho de Peter Haverty, AGP, série A.5, 219-1-1; Pedro Martínez, AGP, série A.5, 331-3-2; José Rodríguez, AGP, série A.5, 241-3-1.

[65] Carta de 14 de fevereiro de 1974, nn. 25 e 26, AGP série A.3, leg. 95, carp. 2, exp. 4.

[66] Apontamentos duma conversa com São Josemaria, 20 de novembro de 1974, «Crónica», dezembro 1974, p. 32, AGP, Biblioteca, P01.

[67] AGP, *Positio super vita et virtutibus Servi Dei Iosephmariae Escrivá de Balaguer y Albás. Biographia documentata*, p. 1387; veja-se também o testemunho de Dom Álvaro del Portillo no *Summarium*, pp. 1657 e 1993, entre outras declarações das testemunhas escutadas nos Processos de Roma e de Madrid.

[Voltar ao índice](#)

# São Tomás More, intercessor do Opus Dei

- Introdução
- O desejo de São Josemaria de obter uma relíquia de São Tomás More
- São Tomás More como intercessor do Opus Dei 1954-1964
- As cinco estadias de verão de São Josemaria na Grã-Bretanha, 1958-1962
- São Tomás More e Santa Catarina de Sena
- São Tomás More nos últimos anos de São Josemaria

## **Introdução**

Em 20 de agosto de 1959 *THE Times* (Londres) publicou um artigo (o décimo de uma série sobre “People to Watch”), com o título “Spanish Founder of Opus Dei”. Um *correspondente especial* anônimo – que era o escritor e editor católico Tom Burns – explicava nesse texto que São Josemaria era “uma personalidade próxima e alegre que teria tido muito em comum com Sir Tomás More, que de fato escolheu como santo padroeiro”<sup>[1]</sup>. Naquela data, São Tomás More (1478-1535) já era há alguns anos um santo a que se recorria no Opus Dei, e a que o fundador tinha rezado, tanto em 1958 como em 1959 na igreja anglicana de São Dunstano, Cantuária, onde a cabeça cortada do mártir foi enterrada, com certeza quase absoluta, quatro séculos antes.

Ao longo do ano acadêmico de 1953-1954 foi feito um sacrário para o oratório de Pentecostes em Villa Tevere, a sede central do Opus Dei em Roma. No desenho incluíam-se, na parte exterior, representações distribuídas simetricamente de São Nicolau de Bari, São João Maria Vianney, São Pio X – até esse momento eleitos *padroeiros menores* do Opus Dei, embora em breve viessem a ser denominados *intercessores* –, e São Tomás More. O fundador teria aprovado o projeto no verão de 1954, quando Pio X acabava de ser canonizado e, portanto, proposto para a devoção pública universal<sup>[2]</sup>. Parece claro que São Tomás More foi acrescentado ao grupo de intercessores, formando um quarteto, não depois – e provavelmente não muito antes – do verão de 1954<sup>[3]</sup>. O sacrário já terminado, de que São Josemaria gostou muito, foi entregue em 29 de setembro de 1956<sup>[4]</sup>.

Em 1954, São Josemaria tinha decidido que as origens geográficas dos intercessores que ainda não tinham sido nomeados deviam refletir em certa medida o alcance universal do Opus Dei, então em rápida expansão por todo o mundo. Esta etapa requeria frequentes relações com os dicastérios da Santa Sé e com as autoridades seculares ou civis de diferentes níveis, de modo que o valor dos intercessores para estes dois campos – São Pio X e São Tomás More – tinha que ser claro. O trabalho estável dos fiéis do Opus Dei na Grã-Bretanha tinha começado em 28 de dezembro de 1946, e pouco mais tarde teve começo em países de língua inglesa como a Irlanda e os Estados Unidos da América. Esta presença

no mundo anglófono pode ter marcado a conveniência de nomear um intercessor de língua inglesa.

Talvez também houvesse – embora isto já seja pura especulação – um elemento de *reparação* na sua aproximação de Inglaterra, como tinha sido o caso da França ao escolher o Santo cura d’Ars. O fundador afirmou em alguma ocasião o grande amor que tinha a França, em parte como compensação pelo ódio a esse país comum entre os espanhóis durante a sua juventude, devido tanto a hostilidades históricas como a razões religiosas<sup>[5]</sup>. A situação não era muito diferente no caso de Inglaterra (ou Grã-Bretanha). Quando um bispo católico inglês nascido em Gibraltar, Peter Amigo, ofereceu os seus serviços ao Governo britânico em 1915 para ajudar a assegurar a neutralidade espanhola na Primeira Guerra Mundial, foi animado a percorrer o país e informar. Ao fazê-lo, observou um ressentimento contínuo pelo papel que a Grã-Bretanha tinha desempenhado na crise – o desastre – sofrida por Espanha em 1898, e uma considerável simpatia espanhola pela Alemanha e Áustria entre os militares e o clero. Estes últimos – e muitos leigos – tinham recebido a propaganda alemã que se aproveitava do desprezo pelo secularismo anticlerical francês e apresentava o Kaiser como um pilar da civilização cristã. O fato de que os liberais e republicanos espanhóis tendessem a favorecer França e o Reino Unido só serviu para confirmar as suspeitas entre uma ampla variedade de monárquicos e tradicionalistas católicos. O rei Afonso XIII encontrava-se igualmente dividido pelos sentimentos opostos entre a sua mulher, *inglesa*, e a mãe, *austríaca*<sup>[6]</sup>. Além disso, na atitude de alguns católicos espanhóis para com a Grã-Bretanha – e certamente na de São Josemaria na sua juventude – também teve o seu peso a perseguição histórica que a população católica da Irlanda sofreu<sup>[7]</sup>. Foi notável a determinação do fundador por superar preconceitos, tanto antigos como modernos.

Rejeitou claramente o veneno do nacionalismo, oposto a um sadio patriotismo, e estava decidido a que a universalidade do Opus Dei brilhasse<sup>[8]</sup>. São Josemaria explicou ao então jovem Peter Haverty, que conheceu em Londres em 11 de agosto de 1958, o que frequentemente dizia em outras conversas: que podia ter escolhido santos espanhóis como intercessores, mas que se tinha decidido pelo contrário: nenhum dos intercessores devia ser espanhol<sup>[9]</sup>.

São Tomás More era especialmente adequado para o papel de intercessor do Opus Dei, tanto pelo seu prestígio profissional e pela sua condição de homem de estado, como por ser um homem casado e pai de família. Ia ser o único leigo e não celibatário nomeado santo intercessor: o número dos canonizados com tais características era então, e agora, bastante pequeno. Embora São Josemaria tivesse visto, desde o princípio, a presença de fiéis casados no Opus Dei, não pôde obter a aprovação para admitir formalmente os três primeiros membros supernumerários até 1948<sup>[10]</sup>. É provável que este fato influísse em certa medida na escolha de São Tomás More como intercessor poucos anos mais tarde<sup>[11]</sup>.

### ***O desejo de São Josemaria de obter uma relíquia de São Tomás More***

No final de 1957, São Josemaria fez um pedido aos do Opus Dei que viviam em Londres: que tentassem obter uma relíquia de São Tomás More para a *capela de relíquias* que se queria instalar na sede central, Villa Tevere. O pedido deixava claro que já se tinham feito esforços infrutíferos por outras vias<sup>[12]</sup>. O encargo foi

recebido e a procura começou imediatamente em Londres. Em 14 de fevereiro de 1958 duas pessoas foram visitar o Arcebispo de Westminster para falar de outros assuntos e, aproveitando a oportunidade, perguntaram-lhe se os podia ajudar a conseguir uma. Disse-lhes que era impossível, e eles sugeriram que lhes desse licença para pedir a um sacerdote um fragmento de uma relíquia que possuía<sup>[13]</sup>. As gestões ficaram paradas durante algum tempo, sem que os esforços tivessem êxito.

A resposta do Arcebispo não era nenhuma surpresa, pelo menos no que diz respeito às relíquias corporais. O cadáver sem cabeça do executado More descansava enterrado juntamente com outros muitos corpos, confundido deliberadamente com os outros, no subsolo da igreja de *São Pedro ad Vincula*, no pátio interior da Torre de Londres, um lugar que não estava então aberto ao público. Além disso, não era claro que os restos não tivessem sido trasladados nas mudanças posteriores realizadas na igreja, pelo que a identificação era praticamente impossível. A cabeça do mártir tinha sido resgatada pela filha favorita, Margaret Roper, graças a um suborno e a um estratagemia piedoso, quando estava para ser retirada (para a sua eliminação indigna, embora *segura*, no rio Tamisa) de um gancho na Ponte de Londres, em que tinha sido exposta da forma habitual para dissuadir outros *traidores*. É quase certo que foi enterrada, anos mais tarde, no túmulo dos Roper (a família do marido de Margaret) na cidade de Cantuária, em São Dunstano, que já há algum tempo é uma igreja anglicana<sup>[14]</sup>. Por tudo isto, ia ser sempre difícil, se não impossível, obter relíquias do corpo do santo. Através dos comerciantes de antiguidades de Londres fizeram-se gestões sem êxito para conseguir algum objeto que tivesse pertencido ao santo. O Pe. Juan Antonio Galarraga<sup>[15]</sup> informou da procura o seu amigo monsenhor Gordon Wheeler, administrador da catedral de Westminster. Numa carta com data de 18 de junho de 1958, Mons. Wheeler informava a Galarraga que o Pe. Alfonso de Zulueta, pároco da igreja do Nosso Santíssimo Redentor e São Tomás More em Chelsea, tinha estado tentando fazer um reparo no invólucro de uma relíquia extraordinária que ele acreditava que tinha chegado à igreja procedente de uma comunidade de freiras inglesas estabelecidas em Bruges (Bélgica). Segundo parece, tratava-se dum fragmento de uma vértebra da base do crânio de More que se tinha soltado (deliberadamente ou não) no momento da sua extração do gancho em que foi exposta na Ponte de Londres ou, em todo o caso, antes de ser enterrada em Cantuária. Esta relíquia era pequena demais para ser dividida (em fevereiro de 1981, foi roubada da igreja de Chelsea e nunca foi recuperada). Mons. Wheeler proporcionou o provável endereço do convento de Bruges<sup>[16]</sup>. Thomas Holland, então secretário da Delegação Apostólica em Londres e mais tarde bispo de Salford, bom amigo do fundador, também ajudou na procura de uma relíquia nalgum momento do ano de 1958-1959<sup>[17]</sup>.

Durante a sua estadia em Londres no verão de 1958, o fundador exprimiu de novo o seu interesse em conseguir uma relíquia, e informaram-no das dificuldades encontradas. Com sentido de humor, animava os seus filhos a continuar a esforçar-se e contava-lhes que já se tinha feito um cofre que servisse de relicário para juntar aos que já continham relíquias dos outros três intercessores, e que teria que pôr nele uma nota em que se indicasse que estava vazio porque os seus filhos em Inglaterra não tinham conseguido uma relíquia<sup>[18]</sup>.

A comunidade de Cônegas Regrantes de Santo Agostinho, originalmente exiladas

de Inglaterra, permanece até hoje no seu convento belga de Bruges. Em 1773, o Pe. Thomas More, S. J., último provincial dos jesuítas ingleses antes da supressão da Companhia de Jesus e último na linha familiar masculina direta do seu homônimo mártir, entregou a vértebra à irmã, a madre Maria Agostinha More, oitava priora do convento, que por sua vez a deixou à comunidade quando da sua morte em 1807. Parece que os arquivos da Província Britânica da Companhia de Jesus registram que esta relíquia tinha sido entregue por Philip Roper mais de um século antes, em 1645, ao primo, o Pe. Henry More, S. J., bisneto do mártir, para que a guardasse em alguma casa dos jesuítas, e que tinha permanecido na Província até à supressão. A parte que fica em Bruges exhibe-se na capela sob o retrato do mártir, que se pensa ser da escola de Holbein. Em 1877, a priora, madre Mary Gabriel Belton, dividiu a vértebra e deu uma parte aos jesuítas britânicos – como agradecimento da comunidade pela ajuda que o Pe. John Morris, S.J., lhes tinha dado para fazer uma nova fundação em Haywards Heath, Sussex, e pelo seu excelente trabalho para a beatificação dos mártires ingleses. A parte separada foi depositada nesse momento na Casa de Manresa dos Jesuítas, em Roehampton, Londres. Há uma considerável confusão sobre o seu destino posterior. Segundo uma nota encontrada numa caixa com outras relíquias que antes estavam na agora encerrada Casa de Manresa, a relíquia foi entregue ao Colégio Norte-americano de Roma em 1972. Outra nota, que contradiz bastante esse relato, sugere que foi dividida em seis relíquias menores antes de ser trazida de volta, depois do que pelo menos duas foram enviadas para os Estados Unidos e Austrália<sup>[19]</sup>. Não há documentação sobre as averiguações que o Pe. Juan Antonio Galarraga ou algum outro possam ter feito nos anos 50 para conseguir uma relíquia do corpo do santo, mas o certo é que, mesmo que tivesse tido lugar, a investigação não chegou a nada.

Tiveram que recorrer então a tentar conseguir um fragmento de uma relíquia secundária célebre. O Pe. Juan Antonio Galarraga visitou o priorado de Santo Agostinho, Newton Abbot, no sul de Devon, em 27 de agosto de 1959 – enquanto São Josemaria ainda estava em Londres durante o seu segundo verão em Inglaterra –, e viu o grande fragmento da camisa-cilício de São Tomás More que as freiras guardavam ali (uma peça interior feita de pelo animal grosso que mortificava a carne irritando constantemente a sua pele)<sup>[20]</sup>. Seguiu-se uma correspondência entre ele e a priora sobre a aquisição de um pedacinho para São Josemaria. Em 12 de setembro, a madre Mary Dorothy informou que o bispo de Plymouth aprovava a entrega de um pedaço do fragmento da camisa que tinha sido separada do resto antes de ser selado definitivamente. Pediu-se ao Pe. Juan Antonio Galarraga que mandasse um relicário onde colocar o pequeno pedaço da camisa, e foi então que o bispo proporcionou um certificado de autenticidade. Finalmente, o Pe. Juan Antonio pôde escrever à priora em 21 de dezembro de 1959 avisando da recepção: “Estamos agora na posse da relíquia, e estamos prestes a enviá-la para Roma. Será uma maravilhosa alegria para o nosso fundador e presidente geral, Mons. Escrivá”<sup>[21]</sup>.

A relíquia foi rapidamente colocada, com a inscrição “Ex cilicio Sancti Thomae More, Martyris”, no pequeno cofre já preparado que se encontrava, juntamente com os relicários dos outros três intercessores nomeados até o momento, na parte posterior do altar do oratório da Santíssima Trindade em Villa Tevere, onde São Josemaria rezava e celebrava habitualmente a santa Missa até à sua morte em

1975. Isto é por si um dado significativo da devoção do fundador aos santos intercessores, a que recorria com frequência. Até algum tempo depois da nomeação de Santa Catarina de Sena em 1964, só havia quatro relicários no altar, distribuídos nos quatro espaços existentes entre as seis velas. Na devida altura, acrescentou-se um cofre semelhante para Santa Catarina, que ocupava o espaço central; e mais tarde, depois da sua canonização em 2002, colocou-se uma relíquia do próprio São Josemaria. Esta está num relicário do estilo de ostensório situado à esquerda do cofre de Santa Catarina. O cofre com a relíquia de São Tomás More é o primeiro à direita. São Josemaria mostrou-o ao autor deste artigo em 30 de setembro de 1973, quando teve o privilégio de assistir à Missa do fundador nesse oratório.

### ***São Tomás More como intercessor do Opus Dei 1954-1964***

A nomeação de São Tomás More como intercessor não foi um mero gesto de internacionalismo. Nos começos de 1957, e depois com uma frequência excepcional até 1960, como durante muitos meses de 1962 e de novo em fins de 1963, São Tomás More foi escolhido como padroeiro intercessor das intenções mensais gerais propostas pelo fundador aos membros do Opus Dei para a oração e o trabalho apostólico. No momento da sua nomeação como intercessor, tinha sido confiado a ele como campo próprio o das relações do Opus Dei com as autoridades e entidades civis ou seculares, em sentido amplo. Isto era muito apropriado para ele, já que o santo se tinha comprometido ativamente em pessoa e por meio dos seus escritos em assuntos legais e públicos, bem como na vida política em muitos níveis durante uma carreira que culminou com a tomada de posse como *Lorde Chanceler* de Inglaterra. Tinha trabalhado muito duramente, em colaboração com a hierarquia, para dar a conhecer os verdadeiros ensinamentos da Igreja Católica, então assediada pelos luteranos.

Quase todas as intenções mensais mencionadas se centravam especificamente na necessidade de rezar e de trabalhar para que a completa liberdade dos membros do Opus Dei em assuntos da vida profissional e pública, incluindo a política, fosse melhor compreendida<sup>[22]</sup>. Dirigiam-se claramente a resistir às confusões e calúnias do momento, originadas em Espanha, mas cada vez mais difundidas em todo o mundo por volta de 1957 e depois de vários membros do Opus Dei, no uso da sua liberdade pessoal como cidadãos, acederem a postos governamentais livremente aceites que lhes oferecia o regime franquista. Isto deu lugar a mal-entendidos, suspeitas e polémicas públicas<sup>[23]</sup>.

Os anos 50 foram difíceis para o rápido crescimento do Opus Dei em Espanha, onde as relações Igreja-Estado eram – para dizer suavemente – complexas e cheias de tensões. Muitos no regime tinham uma clara mentalidade intolerante ou de partido único, que foi reforçada – ou ainda mais complicada – pela existência de um catolicismo quase oficial. O Opus Dei foi frequentemente atacado e difamado por figuras influentes e grupos institucionais, religiosos e políticos, para os quais era impossível conceber – e menos ainda tolerar – que os leigos católicos individuais pudessem atuar na vida pública por iniciativa própria, e totalmente sob a sua responsabilidade pessoal<sup>[24]</sup>. As repercussões disto nos meios de comunicação, controlados por grupos enfrentados entre si que apoiavam o regime, foram profundas e saíram do âmbito espanhol até chegar a ter impacto em outros países, onde os comentaristas mais ou menos liberais que,

compreensivelmente, desagradavam tanto ao franquismo como ao seu catolicismo confessional estavam dispostos a denunciá-los de uma forma que distorcia ainda mais os mal-entendidos originalmente espanhóis. Os exilados espanhóis nestes países estavam naturalmente dispostos a tirar o máximo proveito de tais informações. Os meios de comunicação britânicos não eram de maneira nenhuma imunes a tudo isto<sup>[25]</sup>.

Estas tensões, além disso, aumentaram a dificuldade de obter o pleno reconhecimento civil e universitário do *Estudio General* de Navarra em Pamplona (embrião da Universidade de Navarra), que o fundador tinha estabelecido em 1952, e dos seus títulos académicos. O Estado espanhol tinha mantido zelosamente durante muito tempo um monopólio que lhe permitia controlar o ensino superior. O *Estudio* cresceu de forma constante, mas durante a primeira década da sua existência os estudantes tiveram que fazer os exames na Universidade de Zaragoza para validar os títulos. A Concordata entre a Santa Sé e o Estado espanhol de 1953, que regulava entre outras coisas o papel da Igreja e do Estado na educação, dava certas possibilidades (através do artigo 31 especialmente), mas não isentas de complicações. Finalmente, após negociações muito complexas, o *Estudio General* obteve o estatuto de Universidade sob a proteção da Igreja em 1960 e, dois anos mais tarde, o reconhecimento civil completo dos seus títulos; algo que foi um importante precedente como instituição de ensino superior em Espanha que rompia com o monopólio do Estado. O fundador dedicou muitos esforços e orações à solução do problema durante esse primeiro decênio de existência da instituição, e sem dúvida que recorreu a São Tomás More para que intercedesse no êxito das gestões perante as autoridades civis<sup>[26]</sup>.

### ***As cinco estadias de verão de São Josemaria na Grã-Bretanha, 1958-1962***

São Josemaria passou cinco verões, os de 1958 a 1962, em Inglaterra, e como consequência passou lá mais tempo do que em nenhum outro país exceto a sua Espanha natal e Itália<sup>[27]</sup>. Na terça-feira, 26 de agosto de 1958, visitou Cantuária pela primeira vez. Foi à Catedral, tradicional sede do primeiro arcebispo, Santo Agostinho, e viu lá o lugar do martírio de outro dos grandes santos de Inglaterra, Thomas Becket<sup>[28]</sup>; mas nesta primeira ocasião não foi à igreja de São Dunstano. Que não visitassem essa igreja, visto em retrospectiva, pode parecer um surpreendente descuido. Só se pode supor que os britânicos que o acompanhavam nessa ocasião não tinham então uma ideia clara do significado dessa igreja. A omissão deve ter sido advertida pouco depois do seu regresso a Londres, visto que dias mais tarde, em 3 de setembro, foi de novo a Cantuária, desta vez com um único propósito. Foi diretamente à igreja de São Dunstano. Depois de pedir aos que o acompanhavam que fossem visitar a Catedral, ficou rezando com o bem-aventurado Álvaro del Portillo durante uma hora ou mais junto dos restos de São Tomás, situados na cripta dos Roper<sup>[29]</sup>.

Desde o princípio da sua estadia em Londres nesse ano o fundador tinha mostrado um grande interesse em que os seus filhos comesçassem quanto antes o trabalho estável na cidade universitária de Oxford, que visitou em 8 de agosto, quatro dias depois da sua chegada. As gestões foram rápidas e já antes de partir se tinha concretizado uma clara possibilidade de adquirir ali uma propriedade, Grandpont House, com uma considerável parcela de terreno. As escrituras da aquisição não se formalizaram até o princípio de 1959, mas São Josemaria



animava-os para o conseguirem já no mês de agosto anterior. De fato, tinha feito vir um arquiteto de Roma, Jesús Álvarez Gazapo, para que visse a possível localização no terreno e estudasse um projeto de construção. Grandpont House e a Universidade de Navarra eram com toda a certeza dois dos assuntos por que o fundador rezou a São Tomás More em Cantuária em 3 de setembro de 1958 – Jesús Gazapo era um dos que o acompanhou naquele dia –, visto que em ambos os casos era necessário manter negociações com as autoridades civis<sup>[30]</sup>. São Tomás More, embora conhecido principalmente como londrino, tinha estudado em Oxford. Mais tarde, na qualidade de advogado, tinha exercido como Alto Comissário (*High Steward*) da Universidade e tinha intervindo nos seus assuntos<sup>[31]</sup>.

Dois anos mais tarde, em 1960, no meio de difíceis negociações com as autoridades civis e acadêmicas sobre os planos para Grandpont House, o Pe. Juan Antonio Galarraga levou para Oxford um antigo óleo de São Tomás More que até então tinha estado pendurado em Netherhall House: os membros do Opus Dei estavam a recorrer à intercessão do santo para levar para a frente uma intenção próxima do coração do fundador<sup>[32]</sup>. Precisamente antes de que o projeto que tinham para Oxford fosse rejeitado pela oposição das autoridades locais no outono de 1960, o fundador estabeleceu como intenção mensal geral de setembro para todo o Opus Dei (renovada nos meses seguintes): rezar por essas negociações, com vista ao seu potencial impacto apostólico mundial, e para isso propunha-se concretamente recorrer a São Tomás More<sup>[33]</sup>.

O fundador desejava visitar em 15 de agosto de 1958, festa da Assunção, uma igreja ou santuário em Londres onde se venerasse especialmente Nossa Senhora. Aceitou a sugestão de ir à igreja paroquial católica de Nossa Senhora de Willesden, um santuário anterior à Reforma que foi destruído no século XVI e tinha sido reconstruído e reinaugurado recentemente. De fato, tinha sido o centro de muitas peregrinações diocesanas no recente Ano Mariano mundial de 1954. Na manhã da festa, São Josemaria foi lá com vários dos seus filhos e renovou a consagração do Opus Dei ao Coração de Maria, que tinha feito pela primeira vez exatamente sete anos antes em Loreto (Itália), rezando além disso pelo desenvolvimento do trabalho apostólico, especialmente na Grã-Bretanha<sup>[34]</sup>. São Tomás More também tinha visitado o santuário pré-reformista de Willesden<sup>[35]</sup>. Quase meio século depois da visita de 15 de agosto de 1958, em 13 de junho de 2006 teve lugar a bênção pública de uma lápide colocada pelo clero paroquial na parte dianteira da igreja com representações pintadas dos dois santos canonizados que se sabe que peregrinaram a Willesden – São Tomás More e São Josemaria Escrivá – rezando perante Nossa Senhora<sup>[36]</sup>.

Na quinta-feira, 16 de julho de 1959, o fundador chegou à Grã-Bretanha através de Dover na sua segunda visita ao país, e nesse mesmo dia fez uma visita a São Dunstano em Cantuária no caminho para Londres de carro. Nesse verão fez pelo menos outra visita, no dia 10 de agosto, de Londres. Foi durante esta estadia, e depois de duas visitas a Cantuária, que foi publicado o artigo no *Times* a que nos referimos no começo deste artigo.

Pelo que recordava Andrés Vázquez de Prada<sup>[37]</sup> quando escreveu sobre o assunto depois da morte do fundador, foi no verão de 1959 – em 10 de agosto, durante a viagem de regresso de carro a Londres desde Cantuária, onde tinha ido em peregrinação para rezar ante os restos de More – que manteve uma longa

conversa com São Josemaria em que Andrés relatou aspectos da vida, morte e sepultura do mártir. Tinha estado investigando estas questões desde o ano anterior, depois de observar que São Josemaria recorria à intercessão do santo para levar para a frente os seus planos de expansão apostólica na Grã-Bretanha. Nessa conversa, mencionou também de passagem que estava preparando alguns artigos curtos sobre São Tomás More para uma revista espanhola. Álvaro del Portillo, que ia com eles no carro, interveio com uma sugestão: “Você não podia escrever um livro?”. Esta ideia foi imediatamente aceita e desenvolvida por São Josemaria, que animou Vázquez de Prada a embarcar na empresa e acrescentou o interesse que teria aprofundar na psicologia da personagem, desenvolver as suas ideias e contextualizá-las adequadamente. A conversa girou à volta do trabalho que se espera de um bom historiador, e o fundador insistiu na importância da veracidade, para a qual o historiador há de ser rigoroso na recolha de dados<sup>[38]</sup>.

Devido à insistência paternal de São Josemaria, preocupado pela saúde de Vázquez de Prada, este passou um prolongado período em Espanha a recuperar de uma doença entre o outono de 1959 e a primavera de 1960. Longe de estar ocioso durante a convalescença, aproveitou a ausência forçada do trabalho profissional em Londres para preparar um primeiro esboço da biografia que tinha sido animado a escrever. Em maio de 1960, foi a Roma a convite do fundador e deixou lá o seu texto para obter opiniões de críticos qualificados. Voltou a Londres a tempo de acompanhar de novo São Josemaria ali nesse verão e disse-lhe que tinha recebido alguns comentários, um dos quais o tinha decidido a uma reelaboração completa do manuscrito para conseguir uma maior eficácia. O fundador, numa das conversas que mantiveram sobre São Tomás More, instou-o de novo a procurar “a verdade, a objetividade; sem medo do que pudesse averiguar”<sup>[39]</sup>. Em Londres, durante o verão de 1962, o autor, a pedido explícito de São Josemaria, obteve para ele um conjunto de provas corrigidas da sua – agora completamente reescrita e quase a ser publicada – biografia em espanhol. Pouco depois, quando o fundador a leu com escrupulosa atenção, disse ao autor: “Este livro está escrito com o coração”; e acrescentou: “Teve que te fazer muito bem por dentro”. Como já tinha dito em várias ocasiões, tinha-lhe agradado a atitude de Vázquez de Prada ao assumir as críticas e sugestões recebidas de outros para melhorar a sua obra<sup>[40]</sup>. Houve outros testemunhos de como São Josemaria gostou do texto, tanto nesse verão como em anos posteriores<sup>[41]</sup>, quando ao ter conhecimento de novas edições do livro comentava o muito bem que a sua leitura faria às almas<sup>[42]</sup>.

O fundador continuou a fazer visitas a Cantuária em cada uma das suas permanências de verão em Inglaterra até 1962<sup>[43]</sup>, e também visitou outros lugares associados a More, incluindo a Torre de Londres, onde o santo foi encarcerado. Vázquez de Prada menciona nas suas recordações uma visita que fez com São Josemaria no verão de 1961 ou 1962 a *Lincoln's Inn*, uma das quatro grandes sociedades de advogados ingleses, de que More tinha sido membro desde os seus anos de estudante de Direito. Concretamente recordava que estiveram no *Old Hall* e outros edifícios da época de More, alguns deles conservam-se no seu estado original e outros restaurados, e que o fundador mostrou grande interesse<sup>[44]</sup>.

A evidente devoção de São Josemaria e a sua confiança na intercessão de São Tomás More foi um exemplo para muitos membros do Opus Dei, cooperadores e amigos. O interesse do fundador pela peregrinação e a oração devota na cripta

dos Roper em Cantuária fez com que muitos dos seus filhos, residentes em Inglaterra ou de passagem, fossem lá desde finais dos anos 50 em diante<sup>[45]</sup>. Vários publicaram biografias do santo nas suas próprias línguas<sup>[46]</sup>.

### ***São Tomás More e Santa Catarina de Sena***

Vázquez de Prada menciona também nas suas memórias a preocupação do fundador por que ficassem claros na sua biografia de São Tomás More os motivos do seu silêncio inicial durante o julgamento em que foi condenado à morte. Em Londres, durante o verão de 1960, São Josemaria disse a Vázquez de Prada que o seu relato não deixava ficar clara a atitude do santo perante as autoridades inglesas e que ao não a explicar bem podia interpretar-se mal, sobretudo ao compará-la com a clareza com que se tinha exprimido no seu momento Santa Catarina de Sena. Vázquez de Prada entendeu que o suposto *silêncio* de More se apresentava quase como um fracasso, ao evitar dizer abertamente o que pensava em consciência. Para esclarecer a questão, Vázquez de Prada decidiu inserir no seu livro uma longa nota de rodapé que continha um esclarecimento feito sobre este mesmo ponto no século XVI pelo cardeal Reginald Pole numa carta a um bispo espanhol<sup>[47]</sup>.

Os historiadores das últimas décadas esclareceram a controversa questão do *silêncio* de More e demonstraram como na realidade foi muito ativo nos assuntos do “Parlamento da Reforma” que se reuniu a partir de 1529, tanto de forma indireta – um procedimento que usou especialmente enquanto esteve ao serviço do rei – como direta através de publicações, até à sua demissão da chancelaria de Inglaterra em 1532<sup>[48]</sup>. Embora tenha sido prudente, a sua atitude não passou despercebida aos adversários. O silêncio que usou na sua própria defesa no fim da sua vida, quando já não ocupava um cargo público, foi tão relativo que a sua eloquência retumbante lhe custaria a vida.

Outro assunto que pode ter preocupado São Josemaria, com o seu elevado conceito da dignidade da vocação laical, era a forma como algumas das biografias então disponíveis tratavam da suposta *tentativa de vocação* do jovem More com os cartuxos. Alguns sugeriram, com Erasmo, que tinha se conformado com a vida de segunda categoria como um bom marido em vez de como um mau sacerdote. O fundador comentou, depois de ler em 1962 as provas do livro de Vázquez de Prada, como estava particularmente satisfeito com o relato que ali se fazia da descoberta da vocação de More<sup>[49]</sup>.

Quando a italiana Santa Catarina de Sena foi nomeada quinta (e última) intercessora do Opus Dei em 1964, o fundador deixou claro que a sua devoção por ela vinha de longe. O que era novidade nesse momento era a força com que se informava não *sobre*, mas com frequência *contra* a Igreja nos numerosos comentários mediáticos que acompanharam o Concílio Vaticano II, e uma *globalização* cada vez maior de calúnias originalmente espanholas contra o Opus Dei. São Josemaria tinha-se contentado durante muito tempo com manter um silêncio discreto, atendendo a conselhos de eclesiásticos prudentes da cúria romana que coincidiam com o seu habitual desejo de “passar despercebido”, e inclusive estava decidido a deixar passar os ataques contra a sua pessoa; mas ao mesmo tempo que sofria por causa da deslealdade e a falsidade com que frequentemente se tratava a Igreja e a Obra nos princípios dos anos sessenta,

compreendeu que tinha chegado o momento de falar claramente<sup>[50]</sup>. Este processo chegou ao ponto culminante na primavera de 1964, quando afirmou: “Nos últimos anos o heroísmo foi ficar calado, e isso foi o que fizeram os seus irmãos. Mas agora, o heroísmo é falar, de modo a não ofender Deus nosso Senhor. Falar claramente, mas tentando não ferir ninguém, com caridade, mas também com clareza. Viva Santa Catarina!”. A festa da Santa italiana, então em 30 de abril, celebrou-se de maneira particular pela primeira vez nesse ano em Villa Tevere<sup>[51]</sup>. Em 13 de maio, anunciou que, a partir de então, Santa Catarina de Sena seria a intercessora do Opus Dei nos assuntos relacionados com o apostolado de dar uma orientação correta e veraz à opinião pública<sup>[52]</sup>.

Como se viu, algumas das intenções mensais gerais propostas pelo fundador aos seus filhos a partir de fins dos anos 50 estavam relacionadas com a oração para uma correta formação da opinião pública e até então tinham sido confiadas a São Tomás More. Com a nomeação de Santa Catarina, pode dizer-se que São Tomás More se desprendia de uma parte do terreno que lhe tinha sido confiado até esse momento. Daí em diante, continuava a ser um valioso intercessor no amplo espaço das relações do Opus Dei com as autoridades civis e seculares, enquanto o campo mais específico do apostolado da opinião pública, claramente considerado até então como parte do mesmo, se confiava agora a Santa Catarina. Não se deve atribuir de modo algum essa mudança a dúvidas do fundador sobre a profunda fortaleza do santo inglês. Trata-se antes de uma consequência do novo destaque que se devia dar – sempre com uma perspectiva positiva – ao papel dos meios de comunicação das massas, a necessidade de os tratar com profissionalismo e o interesse por procurar para esse trabalho um intercessor apropriado – neste caso uma intercessora<sup>[53]</sup>.

### ***São Tomás More nos últimos anos de São Josemaria***

Não há dúvida que, independentemente do que São Josemaria tivesse lido até então sobre São Tomás More, a biografia publicada em 1962 por Vázquez de Prada – um filho espiritual que compartilhava os seus pontos de vista – ampliou notavelmente a sua admiração pelo santo inglês. A partir de então, e após os seus cinco verões em Londres, registram-se várias referências concretas do fundador a São Tomás More que deixam claro que já não tinha reservas sobre a qualidade da sua atividade pública.

Em 1966, por exemplo, no meio da confusão característica desses anos, Ramón García de Haro recorda como o fundador lhes dizia que o santo inglês tinha cultivado todas as virtudes, entre elas a de conjugar a intransigência com o erro e a transigência com as pessoas. Acrescentou o comentário, repetido muitas vezes nestes anos, de que Tomás More podia ter pertencido facilmente ao Opus Dei como membro supernumerário se tivesse vivido atualmente<sup>[54]</sup>.

Às vezes falava de More como um exemplo, para as pessoas modernas, de verdadeira fidelidade no exercício de direitos e deveres, tanto como cidadãos como cristãos, fazendo notar que mesmo antes de ter visto o Opus Dei em 2 de outubro de 1928, ele próprio tinha tido uma percepção clara da importância de cada um destes campos. O exemplo do santo leigo inglês era-lhe especialmente valioso a este respeito<sup>[55]</sup>.

Em 1973, disse a um grupo dos seus filhos em Roma – ao afirmar que as futuras edições da biografia de Andrés Vázquez de Prada podiam fazer muito bem – que More tinha tido o coração de pai e de marido e que, embora tivesse amado o rei, também tinha demonstrado saber dizer “não”<sup>[56]</sup>.

São Josemaria pôde ver *Um homem para a eternidade*, o filme dirigido por Zinnemann, pouco depois de aparecer em 1966. Alguns anos mais tarde, no final da sua vida, acedeu à proposta de alguns dos seus filhos em Espanha de assistir a outra projeção, porque pensavam que o ajudava a descansar; mas nesta ocasião levantou-se inesperadamente e abandonou a sala pouco depois de ter começado o filme. Horas mais tarde explicou aos que o rodeavam que tinha deixado de ver o filme pelo sofrimento que lhe causava considerar os paralelismos entre o que via ali e a situação da Igreja contemporânea, em que, conforme sugeriu, muitas coisas estavam em pior estado do que na Inglaterra de More. Aproveitou a ocasião para falar da vida do santo com tal pormenor que alguns dos presentes se surpreenderam<sup>[57]</sup>. No contexto similar dos problemas na Igreja no decênio de 1960 e a deslealdade manifestada inclusive, ou especialmente, por alguns clérigos, ouviu-se o fundador comentar algumas vezes como o leigo São Tomás More tinha dado um exemplo de fortaleza e de lealdade aos sacerdotes e bispos de Inglaterra<sup>[58]</sup>.

Gostava de mostrar a relíquia de São Tomás More que se conserva no oratório da Santíssima Trindade aos ingleses do Opus Dei que estudavam em Roma ou que simplesmente estavam de visita, e era frequente aproveitar essas ocasiões para os animar a refletir. Nessas ocasiões comentava com uma fina ironia como tinha sido difícil obter a relíquia nessa tão apregoada terra de liberdade, e aproveitava a ocasião para expor a verdadeira natureza da liberdade de espírito dos cristãos<sup>[59]</sup>. Depois dos verões passados em Inglaterra tinha compreendido que, juntamente com numerosas virtudes, o carácter tipicamente inglês incluía uma certa obsessão pelo respeito à “privacidade” que podia inibir os seus filhos ingleses no momento de se envolverem na vida de outros como verdadeiros amigos e apóstolos, e aproveitava a ocasião para lhes apresentar uma visão adequada da liberdade<sup>[60]</sup>.

---

[1] *The Times* (Londres), 20 de agosto de 1959, p. 9. Thomas Ferrier Burns (1906-1995) aceitou escrever o artigo com a condição de se reunir com São Josemaria nesse verão, o texto impresso dá a entender que o encontro já tinha tido lugar e que nele falaram de São Tomás More: Arquivo Geral da Prelazia, Roma [AGP], Sec. A, Leg. 0212, Carp. 03, Exp. 1: 11 pp., MS testemunho, 'Londres 1959', assinado por Juan Antonio Galarraga, Cádiz, 30 de agosto de 1975, p. 4. Cf. São Josemaria, *Conversaciones con Monseñor Escrivá de Balaguer*, edição crítico-histórica preparada sob a direção de José Luis ILLANES, Roma-Madri, Istituto Storico San Josemaría Escrivá – Rialp, 2012, pp. 16-17. Sobre o que os dois santos tinham em comum, cf. Dominique Le Tourneau, *Josemaría Escrivá et Thomas More: l'héroïsme au quotidien*, 'Moreana' 38, 147-48, Dec. 2001, pp. 25-40.

[2] cf. Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*. São Paulo, Quadrante, 2004, vol. III, pp. 279-283.

[3] Em julho de 1954 planejou-se a realização de um quadro que representasse os quatro intercessores ao redor de uma imagem central de Nossa Senhora (posteriormente mudada por uma de São José): *Diário das obras de Villa Tevere*, julho de 1954, AGP, série M.2.2, 1059-5. Há dois oratórios em Villa Tevere dedicados a São Nicolau e a São João Maria Vianney, nomeados intercessores com anterioridade, mas não a São Pio X ou a São Tomás More, nomeados intercessores quando as obras já estavam avançadas. Um altar (colocado num lateral da sala chamada Aula, por trás de uma grade) está dedicado conjuntamente aos quatro intercessores nomeados no momento da sua construção.

[4] cf. Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*. São Paulo, Quadrante, vol. III, p. 281; AGP, série A.5, 192-3-1, testemunho de Jesús Álvarez Gazapo.

[5] cf. *ibid.*, p. 414, nota 70. Testemunho de Hugo de Azevedo, 6 de setembro de 1975, AGP, série A.5, 206-3-8.

[6] cf. Michael Clifton, *Amigo – Friend of the Poor: Bishop of Southwark 1904-1949*, Leominster, Gracewing, 1987, pp. 57-65. Cf. George Santayana, *Persons and Places: Fragments of Autobiography*, W. G. Holzberger - H. J. Saatkamp Jr. (eds.), com introdução de R. C. Lyon, Cambridge, MIT Press, 1986, p. 527: o mesmo anglófilo observou que a família espanhola da sua irmã justamente depois da Primeira Guerra Mundial tinha sido contagiada por uma anglofobia em sintonia com a *clerical and nationalist Spanish opinion*.

[7] AGP, série A.5, 252-1, 1 p. TS testemunho de Andrés Vázquez de Prada, assinado, Madri, 20 de agosto de 1975, que começa, “Durante as estadias”. São Josemaria disse aos visitantes irlandeses que se “vingassem” devolvendo bem por mal ao converter os britânicos.

[8] Por exemplo, palavras citadas em *Obras*, agosto de 1964, pp. 11-12, AGP, Biblioteca, PO3.

[9] AGP, série A.2, 24-2-1: 12 pp. TS., com o título “Inglaterra: verão 1958”, sem assinar, de 1975, p. 7. Comissão Regional do Opus Dei na Grã-Bretanha, Londres [daqui em diante, Comissão Regional GB], MS A6 nota do defunto professor John Henry sobre os comentários do fundador a este respeito, Londres, 1962.

[10] cf. Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*. São Paulo, Quadrante, vol. III, pp. 140-144.

[11] Na versão completa deste artigo (disponível em inglês em *Studia et Documenta*, vol. 8) recolhemos ampla e minuciosamente as vias por que São Josemaria pôde ter acesso à abundante bibliografia existente sobre São Tomás More, antes e depois da sua nomeação como intercessor em 1954. Por razões de espaço não incluímos aqui essa parte do estudo, e por isso remetemos o leitor para o original.

[12] Comissão Regional GB, folha A6, MS, dupla face, de Giorgio De Filippi a Juan Antonio Galarraga, sem data (separada da carta datada?). A última correspondência de De Filippi foi em 18 de janeiro de 1958. A atribuição das relíquias dos intercessores ao oratório da Santíssima Trindade pode ser posterior.

[13] Comissão Regional GB, folha A5, TS Cópia, sem data, informa em espanhol

sobre o resultado da visita de 14 de fevereiro de 1958, presumivelmente para o seu envio ao fundador.

[14] cf. Hugo O. Albin, *Opening of the Roper Vault in St. Dunstan's Canterbury and Thoughts on the Burial of William and Margaret Roper*, 'Moreana' 63 (Dez. 1979), pp. 29-35. Para a abóbada e o ataúde de chumbo com o crânio: <http://www.youtube.com/watch?v=3h0sQRqVWtk> (consultado em 7 de julho de 2012). São Josemaria não conseguiu se aventurar além da lápide inscrita acima.

[15] Juan Antonio Galarraga (São Sebastião 1920, Sevilha 2005), doutorado em Farmácia, depois de dirigir as residências universitárias de Jenner (Madri) e Albayzín (Granada), em 1946 foi ampliar estudos na *London School of Hygiene and Tropical Medicine* e iniciou a atividade apostólica do Opus Dei na Grã-Bretanha. Recebeu a ordenação sacerdotal em 1953 e durante o período a que se referem estes dados era conselheiro do Opus Dei nessa região. Regressou a Espanha em 1972.

[16] Comissão Regional GB, TS Carta de Mons. Gordon Wheeler ao padre Juan Antonio Galarraga, 18 de junho de 1958. Mons. Wheeler informa que a relíquia tinha chegado antes de que Zulueta ocupasse o seu cargo em 1941. Cf. *Catholic Herald* (Londres), 13 de fevereiro de 1981, p. 3, "Relic of Chelsea's Own Saint is Stolen", em que se sugere que a relíquia foi adquirida "há uns 20 anos". Cf. *Id.*, 6 de março de 1970, p. 3, "St. Thomas More relics sought by Germans in Mexico": a relíquia de Chelsea, "pequena demais para ser dividida", diz-se que procede de Bruges. O relato de Alfonso de Zulueta pode ser compatível com o do *Herald* se "há 20 anos" se referir à apresentação posterior da relíquia restaurada. Não há documentação paroquial existente sobre a sua aquisição.

[17] Informação dada por Mons. Richard Stork.

[18] cf. AGP, série A.5, 214-1-1, 17 pp. MS testemunho, assinado por Juan Antonio Galarraga, Cádiz, 30 de agosto de 1975, "1958", pp. 8-9; AGP, série A.2, 24-2-1, 12 pp. TS testemunho, encabeçado "Inglaterra: verão 1958", sem assinar, datado em 1975, p. 12; AGP, série A.2, 238-2-6, testemunho do Pe. Jaime Planell Fonrodona, Pamplona, 30 de agosto de 1975; Ana Sastre, *Tiempo de Caminar: Semblanza de Monseñor Josemaria Escrivá de Balaguer*, Madri, Rialp, 1989, p. 375. Em novembro ou dezembro de 1959, o fundador mostrou o relicário vazio a alguns membros do Opus Dei: AGP, série A.5, 244-2-1, testemunho de Gumersindo Sánchez Fernández, Bilbao, 16 de setembro de 1975.

[19] cf. *Lives of the English Martyrs Declared Blessed by Pope Leo XIII. in 1886 and 1895: Written by Fathers of the Oratory, of the Secular Clergy, and of the Society of Jesus*, vol. I, *Martyrs under Henry VIII*, Bede Camm (ed.), reeditado, Londres, Longmans, Green and Co, 1914, p. 172; informação proporcionada por correio eletrônico em 3 de julho de 2012 pela irmã Mary Aline, arquivista do convento de Bruges; e por correio eletrônico de 10 de julho de 2012 de Anna Edwards, arquivista auxiliar dos arquivos da província britânica da Companhia de Jesus.

[20] cf. 'The Hairshirt of St. Thomas More, Newton Abbot, South Devon, St. Augustine's Priory': folheto duplicado de TS 4 pp., na Comissão Regional GB;

mencionado na entrada “More” da *Catholic Encyclopedia* (1912): na linha em: <http://www.newadvent.org/cathen/14689c.htm> (consultado em 5 de julho de 2012).

[21] Comissão Regional GB, TS e MS Onze cartas entre Juan Antonio Galarraga e a madre Mary Dorothy, priora das Cônegas Regrantes, Priorado de Santo Agostinho, Newton Abbot, Devon, 28 de agosto a 21 de dezembro de 1959. Cf. AGP, série A.5, 214-1-1, 17 pp. MS testemunho, assinado por Juan Antonio Galarraga, Cádiz, 30 de agosto de 1975, “1958”, pp. 8-9, para um relato posterior; AGP, série A.5, 238-2-6, testemunho de Jaime Planell Fonrodona, Pamplona, 30 de agosto de 1975; AGP, série A.2, 24-2-2 'o nosso Padre em Inglaterra [verão 1959]', 5 pp. TS em espanhol, sem assinar, pp. 3-4. O Priorado encerrou em 1983, a relíquia passou para o bispo de Plymouth que a confiou a outra comunidade feminina, as monjas brigidinas de Syon Abbey, Marley Road, South Brent, Devon, que encerrou recentemente. O bispo – informação dada por correio eletrônico em 5 de julho de 2012, pela irmã Benignus O'Brien, arquivista diocesana – confiou agora a relíquia aos monges beneditinos da Abadia de Buckfast, Devon.

[22] Comissão Regional GB, TS Intenções mensais gerais para janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho de 1957; novembro e dezembro de 1958; maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1962; novembro e dezembro de 1963.

[23] Para o contexto histórico, cf. Jaume AURELL, *La formación de un gran relato sobre el Opus Dei*, Set D 6 (2012), pp. 235-294, *passim*.

[24] O tom moderadamente positivo do esboço biográfico de São Josemaria que *The Times* publicou em 1959 – citado mais acima – foi motivo de um breve embargo da venda desse número em Espanha. Cf. *The Times* (Londres), 24 de agosto de 1959, p. 7, e 27 de agosto de 1959, p. 7. O incidente provocou que um membro do Opus Dei e crítico do regime, publicasse em Paris uma análise pormenorizada do sucedido: Rafael Calvo Serer, *Notes sur un article du "Times"*, 'La Table Ronde', 142, out. 1959, pp. 144-153.

[25] cf., por exemplo, *The Times* (Londres), 30 de setembro de 1957, p. 9, carta de esclarecimento do Pe. Juan Antonio Galarraga ao editor.

[26] cf. AGP, série A.2, 24-2-2 “o nosso Padre em Inglaterra [verão 1959]”, item 2, 5 pp. TS em espanhol, sem assinar, p. 3: o autor do testemunho tinha ouvido dizer ao Pe. Juan Antonio Galarraga que a visita de São Josemaria em 1959 ao seu velho amigo, o bispo Pedro Cantero Cuadrado – que então se alojava na residência do bispo de Salford, em Wardley Hall – estava relacionada com a futura universidade e com uma intenção que o fundador tinha confiado a São Tomás More; a mesma fonte indicava que o fundador acabava de visitar a cripta dos Roper com essa intenção. Cf. Comissão Regional GB, A6 MS nota de Gonzalo González, 19 de dezembro de 2008, em que diz que Galarraga tinha a certeza de que o fundador tinha rezado pelo Estudo Geral na sua primeira visita à cripta em 1958; Manuel Garrido González, *Correspondencia de san Josemaría Escrivá con aragoneses*, em Martín Ibarra Benlloch (ed.), *Semblanzas Aragonesas de san Josemaría Escrivá de Balaguer*, Torreciudad (Huesca), Patronato de Torreciudad, 2004, pp. 161-198, na p. 165, para uma carta do fundador a Mons. Cantero, 9 de agosto de 1959, sobre o novo Instituto de Direito Canônico. Para a correspondência com outro eclesiástico sobre a futura Universidade, cf. Santiago Martínez Sánchez, *Dos amigos que se*



*escriben: Josemaría Escrivá y José María Bueno Monreal. 1939-1975*, SetD 6 (2012), pp. 297-394, nas pp. 317-319, 342-346, 350-357, 359. Existe uma fotografia de São Josemaria rezando em São Dunstano em que aparece acompanhado, entre outros, por Florentino Pérez Embid, que esteve muito envolvido nessas negociações e veio em 1960 consultar o fundador. O então prelado do Opus Dei, Mons. Javier Echevarría – que acompanhou São Josemaria durante as suas estadias em Londres entre 1958 e 1962 –, nas respostas orais às perguntas formuladas pelo autor deste artigo em Londres, em 12 de abril de 2008, confirmou que o fundador estava seguindo com muito interesse as gestões para que fosse aprovado o que seria depois a Universidade de Navarra e que rezou por isso perante os sagrados restos de São Tomás More na cripta dos Roper. Acrescentou que a Santa Sé tinha muito interesse em que se erigisse como Universidade Católica para quebrar o domínio do Estado sobre a educação superior, mas que o fundador não desejava uma instituição confessional. Só aceitou essa fórmula porque a Santa Sé o desejava. Para os primeiros anos da Universidade, cf. Francisco Ponz, *Principios fundacionales de la Universidad de Navarra*, em Onésimo DÍAZ - Federico M. Requena (eds.), *Josemaría Escrivá de Balaguer y los inicios de la Universidad de Navarra (1952-1960)*, Pamplona, Eunsa, 2002, pp. 41-108, *passim*, esp. pp. 56-57; Federico SUÁREZ, *Los orígenes de la Facultad de Filosofía y Letras: la Escuela de Historia*, em *Ibid*, pp. 185 y 202, *passim*. Cf. (“From a Correspondent”), “The University of Navarre: Its Aims and Achievements”, *The Tablet* (Londres) 22 de junho de 1963, p. 678, para um resumo bem informado dos seus primeiros onze anos, os pormenores do reconhecimento do Estado e os aspetos em que se diferencia de uma universidade eclesiástica em sentido estrito.

[27] Para um esboço, cf. Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*. São Paulo, Quadrante, vol. III, pp. 312-320.

[28] Que Cantuária tivesse sido a sede episcopal de Santo Agostinho, enviado pelo Papa São Gregório Magno para evangelizar a Inglaterra, era motivo mais que suficiente para a visita.

[29] cf. AGP, série A.5, 214-1-1, 17 pp. MS testemunho, “1958”, assinado por Juan Antonio Galarraga, Cádiz, 30 de agosto de 1975, pp. 7-8: tem dúvidas se o fundador foi duas ou três vezes a Cantuária em 1958, e inclusive sobre se a ocasião em que ficou só com del Portillo foi então ou em 1959. Outro recorda que Galarraga lhe disse, muito antes, que em 26 de agosto não visitaram São Dunstano: Comissão Regional GB, A6 MS nota de Gonzalo González, 19 de dezembro de 2008.

[30] cf. AGP, série A.5, 252-1, pp. 21-22; AGP, série A.2, 24-2-1: 12 pp. TS Testemunho, intitulado “Inglaterra: verão 1958”, sem assinar, de 1975, pp. 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12. Há uma fotografia tirada em São Dunstano, em 3 de setembro de 1958, com o arquiteto Jesús Álvarez Gazapo.

[31] cf. Chambers, *Thomas More*, pp. 64-66, 215.

[32] cf. AGP, série M.2.2, 283-14, Diary, Grandpont-2, Oxford (Inglaterra), 12 fev. 1960 - 5 mar. 1961, terça-feira 1 mar. 1960. O mesmo diário, em 26 de junho de 1960, indica que Vázquez de Prada vivia então ali e estava trabalhando na sua biografia. Nada sugere que o quadro se mudasse por indicação do fundador. Cf. também AGP, série M.1.1, c1586-A1, carta de Joaquín Alonso a Juan Antonio

Galarraga, Roma, 20 de outubro de 1960, instando as pessoas do Opus Dei da Grã-Bretanha, da parte do fundador, a rezar tanto a São Tomás More como ao (ainda não beatificado) cardeal John Henry Newman pelo êxito do projeto de Oxford.

[33] cf. Comissão Regional GB, TS Intenção mensal geral, setembro, outubro e novembro de 1960: “Peçamos a Deus Nosso Senhor que abençoe o desenvolvimento do trabalho que fazemos em Oxford [...] e faça possível que muitas pessoas dos diferentes países da Ásia, África, Escandinávia, etc., se venham formar na nossa residência; de modo a contribuírem depois para que esses países vivam e se desenvolvam segundo os princípios e o espírito de Cristo, e sejam também uma ajuda eficaz no trabalho apostólico da Igreja”.

[34] cf. AGP, série A.2, 24-2-1, 12 pp. TS testemunho, intitulado “Inglaterra: verão 1958”, sem assinar, de 1975, p. 5; AGP, série A.5, 214-1-1, 17 pp. MS testemunho, assinado por Juan Antonio Galarraga, Cádiz, 30 de agosto de 1975, “1958”, pp. 14-15; Andrés Vázquez de Prada, O Fundador do Opus Dei. São Paulo, Quadrante, vol. III, p. 343.

[35] cf. Peter Ackroyd, *The Life of Thomas More*, Londres, Chatto Windus, 1998, p. 350. A enteada de More casou com sir Giles Alington de Willesden, pelo que provavelmente o visitava com frequência. cf. também Andrés Vázquez de Prada, *Sir Tomás More*, p. 229.

[36] O Pe. Nicholas Schofield, então sacerdote assistente na paróquia – e depois arquivista da Arquidiocese de Westminster – e, evidentemente, o pároco, Pe. Stephen Willis, participaram ativamente no projeto. Depois da beatificação de D. Álvaro del Portillo em 2014 acrescentou-se a sua imagem ao conjunto.

[37] Andrés Vázquez de Prada (Valladolid 1924, Madri 2005), historiador, jurista, professor, diplomata e escritor trabalhou durante 30 anos na Embaixada espanhola em Londres e é autor da mais extensa biografia publicada do fundador (três volumes e um total de 2.200 páginas, que se citam várias vezes no presente trabalho), que conheceu em 1942 e com quem esteve pessoalmente em numerosas ocasiões, especialmente durante as permanências do fundador em Inglaterra (1958-1962).

[38] AGP, série A.5, 252-1, 3 pp. TS., assinado por Andrés Vázquez de Prada, Madri, 4 de setembro de 1975, que começa “No verão de 1959”; também, referência resumida em “Prólogo à primeira edição”, Andrés Vázquez de Prada, *Sir Tomás More*, p. 12: “uma voz paterna e amiga animou-me a rematar o trabalho”

[39] AGP, série A.5, 252-1, pp. 4, 21-27.

[40] cf. *Ibid.*, p. 27, 1 p. TS Testemunho assinado por Andrés Vázquez de Prada, Madri, 13 de agosto de 1975.

[41] cf. Comissão Regional GB, A6 MS nota de Gonzalo González, 19 de dezembro de 2008, em que se recorda São Josemaria a dizer a Vázquez de Prada em Londres que tinha lido o seu livro e declarando, “passei uns bons momentos”; AGP, série A5, 247-2-4, testemunho de Richard Stork, 31 de agosto de 1975; AGP, série A.5, 197-1-5, testemunho de Rafael María de Balbín Behrmann, com referência a uma reunião em Pamplona, 12 de setembro de 1962.

[42] cf. AGP, série A.5, 198-3-1, testemunho de Pablo Bofill, Elorrio, 18 de agosto de 1975, com referência a umas palavras ouvidas em Roma em 20 de janeiro de 1973.

[43] Em 1961 foi a Cantuária pelo menos em 10 de agosto e em 1962, em 27 de agosto: informação dada por Mons. Richard Stork a partir de resumos feitos nesse momento pelas mulheres do Opus Dei que estavam em Londres.

[44] cf. AGP, série A.5, 252-1, p. 24, 1 p. TS testemunho, assinado por Andrés Vázquez de Prada, Madri, 14 de agosto de 1975. Pode não ter entrado na Torre – para o fazer é preciso pagar uma entrada, e o seu espírito de pobreza levava-o habitualmente a evitar esses gastos – mas com certeza viu-a de fora.

[45] cf. AGP, série A.5, 1465-1-10, testemunho assinado de Cipriano Rodríguez Santa María, Manizales, agosto de 1975: os estudantes do Colégio Romano da Santa Cruz falaram das visitas do fundador à cripta dos Roper, a propósito da sua estadia em Londres durante o verão de 1959.

[46] Por exemplo, Peter Berglar, *Die Stunde des Thomas Morus: Einer gegen die Macht*, Friburgo, Walter, 1978; Gerard Wegemer, *Thomas More: A Portrait of Courage*, Princeton, Scepter, 1995.

[47] cf. AGP, série A.5, 252-1, 1 p. TS testemunho, assinado por Andrés Vázquez de Prada, Madri, 13 de setembro de 1975; Andrés Vázquez de Prada, *Sir Tomás More*, p. 361, nota 6; Comissão Regional GB, A6 MS nota, com a data 19 de dezembro de 2008, por Gonzalo González. Pole defendeu o uso que More faz da lei para se manter em silêncio durante o julgamento como algo apropriado para um advogado leigo, e fez notar o seu manifesto recurso à lei divina ao declarar publicamente o que pensava em consciência depois da condenação: cf. Thomas F. Mayer (ed.), *The Correspondence of Reginald Pole* (4 vols. até à data), Aldershot, Ashgate, 2002-2008, ii, pp. 120 y 121, Pole a Francisco de Navarra, bispo de Badajoz [provavelmente no início de 1553]. Um folheto (conservado na Comissão Regional GB) utilizado pelo fundador na sua visita a Londres em algum momento de 1958-1962, afirmava explicitamente que More foi condenado “por silêncio”: *The Tower of London: Notes for Catholics*, Londres, Catholic Truth Society, 1955, p. 4. De fato, pode-se argumentar que os seus esforços para influir no rei continuaram mesmo depois da sua demissão do cargo.

[48] Especialmente, John A. Guy, *The Public Career of Thomas More*, Brighton, Harvester Press, 1980, *passim*, esp. pp. 97-203. Sobre o “silêncio” no direito inglês e no direito civil, cf. J. Duncan M. Derrett, “More's Silence and his Trial”, *Moreana* 22 (87-88, nov. 1985), pp. 25-27. Cf. Oliver Moore, “Sir Thomas More's Final Years: Silence, Silencing, and Constitutional Change”, *Law and Humanities* 2 (1), (2008), pp. 75-98; Hernán Corral Tarciani, “*Qui tacet consentire videtur*. A importância de uma antiga regra canônica no julgamento contra Tomás More”, *Ius Canonicum* 51, no. 101 (2011), pp. 137-160; Henry Ansgar Kelly; Louis W. Karlin; Gerard B. Wegemer (eds.), *Thomas More's Trial by Jury*, Woodbridge, Boydell Press, 2011, *passim*.

[49] cf. AGP, série A.5, 252-1, 2 pp. TS testemunho, assinado por Andrés Vázquez de Prada, Madri, 3 de setembro de 1975.

[50] cf. Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*. São Paulo, Quadrante, vol. III, pp. 472-496, *passim*; Aurell, *La formación*, esp. pp. 271-274, 285-86; Illanes, *Conversaciones*, ed. crít., pp. 19-25.

[51] *Crónica*, maio de 1964, p. 62, AGP, Biblioteca, PO1; *Crónica*, março de 1989, pp. 304-305, AGP, Biblioteca, PO1; ambas citam palavras do fundador. São Tomás More tinha sido nomeado pelo fundador padroeiro das intenções mensais gerais mesmo em fins de 1963: Comissão Regional GB, TS Intenções mensais gerais, novembro e dezembro de 1963, a primeira relativa à comunicação do Magistério da Igreja e a segunda ao esclarecimento da liberdade política dos membros do Opus Dei.

[52] *Crónica*, maio de 1964, p. 61, AGP, Biblioteca, PO1; *Crónica*, março de 1989, p. 305, AGP, Biblioteca, PO1.

[53] Tomás More venerava Santa Catarina e conhecia bem os seus escritos. Cf. CW vol. 7, Frank Mamley; Germain Marc'Hadour; Richard Marius; Clarence H. Miller (eds.), p. 209, linhas 19-25; p. 375, nota 209/25.

[54] AGP, série A.5, 327-1-1, TS testemunho de Ramón García de Haro, com referência a uma reunião de 25 de março de 1966. Sobre este último ponto, cf. AGP, série A.5, 224-1-6, testemunho de Fernando Varela de Limia, Madri, 22 agosto 1975, com referência a palavras pronunciadas pelo fundador em Roma por ocasião da festa de São Tomás More, 1967; Comissão Regional GB, A6 MS., nota de Gonzalo González, 19 dezembro 2008, recordando palavras de São Josemaria durante uma estadia de Verão em Londres.

[55] *Josemaría Escrivá de Balaguer Sacerdote Fundador del Opus Dei: Artículos del Postulador*, Roma, 1979, seção 784, p. 262, com referência às palavras pronunciadas em Roma em 22 de junho de 1972, a partir dos testemunhos de Eugenio Giménez Martínez de Carvajal e do Dr. Umberto Farri: “Esta manhã via-o claramente na Missa de São Tomás More: até ao fim da vida foi exemplarmente fiel ao rei, mas sem ceder nem um milímetro no que não podia ceder. Desde antes de Deus querer a Obra no tempo, vi claramente os dois campos: deveres e direitos de cidadão; deveres e direitos de cristão”.

[56] AGP, série A.5, 198-3-1, testemunho, assinado por Pablo Bofill, Elorrio, 18 de agosto de 1975, com referência a uma reunião em Roma, 20 de janeiro de 1973.

[57] cf. AGP, série A.5, 202-2-9, testemunho assinado por Alejandro Cantero Fariña, Madri, 19 de fevereiro de 1979, com referência a uma reunião em Castelldaura, Barcelona, setembro de 1974; AGP, série A.5, 198-3-1, testemunho assinado por Pablo Bofill, Elorrio, 19 de agosto de 1975, com referência a uma reunião em Castelldaura, Barcelona, 23 de setembro de 1973: talvez se refira à mesma reunião, embora a situe um ano antes.

[58] cf. AGP, série A.5, 326-3-3, testemunho de Antonio Miralles García, Roma, 30 de agosto de 1975, com referência a uma reunião de membros do Opus Dei com o fundador em Tor d'Aveia, Itália, 5 de julho de 1967.

[59] Recordação pessoal do autor deste artigo – baseado em notas tomadas nesse momento – de uma conversa de 30 de setembro de 1973 que teve lugar enquanto o

fundador lhe mostrava o relicário. Cf. AGP, série A.5, 249-1-4, testemunho de Robin Weatherill, Roma, 26 de agosto de 1975, sobre como o fundador lhe mostrou a relíquia em 27 de janeiro de 1974.

<sup>[60]</sup> Comissão Regional GB, ref. numa nota A6, MS., dupla face, do defunto Prof. John Henry, a palavras do fundador, provavelmente de 22 de agosto de 1962, sobre uma falsa concepção da liberdade muito difundida em Inglaterra entre pessoas que temem entrar na vida dos outros por um mal entendido respeito pela *privacy*.

[Voltar ao índice](#)

## Santa Catarina de Sena, Intercessora do Opus Dei

[Link para o pdf do artigo original em “Studia et Documenta” \(em italiano\)](#)

Desde que era um jovem sacerdote, São Josemaria tinha uma profunda devoção a Santa Catarina de Sena. Ele chamava os “Apontamentos íntimos” que começou a escrever em 1928, sobre sua vida espiritual, “Catarinas”, porque queria gravar com absoluta sinceridade a verdade a respeito de si mesmo. “São notas ingênuas – chamava-lhes catarinas, por devoção à Santa de Sena –, que escrevi durante muito tempo de joelhos e que me serviam de recordação e de despertador. Penso que, geralmente, enquanto escrevia com simplicidade pueril, fazia oração” (Andrés Vásquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, Vol.1, p. 310).

Em uma carta dirigida aos membros do Opus Dei em 1932, ele disse: “Os santos são pessoas sempre desconfortáveis, homens e mulheres (minha Santa Catarina de Sena!), que por seus exemplos e palavras são uma fonte contínua de incômodo para as consciências daqueles imersos no pecado”.

São Josemaria admirava a força e a clareza com a qual Catarina de Sena defendia a verdade: “Tenho certeza”, escreveu em outra carta, “que haverá quem não me perdoará tão facilmente por falar tão claramente, mas eu tenho que ser verdadeiro com minha consciência e com Deus, por amor à Igreja, por lealdade à Sagrada Igreja e por minha afeição à vocês. Tenho especial devoção a Santa Catarina – a grande “reclamona”! – porque ela se recusou a ficar em silêncio e falou grandes verdades por amor a Cristo, pela Igreja de Deus e pelo Romano Pontífice” (Carta, 29 de setembro de 1957, no. 49).

Em uma carta de 15 de agosto de 1964, em meio à confusão gerada pelos que estavam usando o Concílio Vaticano Segundo como pretexto para espalhar as suas próprias crenças equivocadas, ele novamente precisou defender a verdade destemidamente: “Controvérsias, erros, excessos e atitudes frívolas estão presentes em todas as épocas. E a voz que supera esses obstáculos é sempre a voz da verdade ungida de caridade. A voz do verdadeiramente sábio, a voz do Magistério, a voz, meus filhos, dos santos que encontraram a linguagem correta e o tom de voz necessário para esclarecer, exortar, chamar a uma autêntica renovação... Meus filhos, vocês conhecem muito bem a história da Igreja e vocês sabem que nosso Senhor faz uso das almas simples e fortes para cumprir os seus desígnios em momentos de confusão ou torpor na vida Cristã. Eu amo a fortaleza de Santa Catarina, que diz a verdade aos mais altos personagens com amor ardente e límpida clareza, sou cheio de fervor pelos ensinamentos de São Bernardo... Tantas vozes proféticas, unidas ao iluminado Magistério da Igreja, inundam todo Povo de Deus com luzes”.

São Josemaria ficava comovido pelo amor incondicional de Santa Catarina à Igreja, que a impulsionava a falar tão francamente. Vemos isso em sua homilia “Lealdade à Igreja”, pronunciada em 4 de junho de 1972: “Esta Igreja Católica é

romana. Eu saboreio essa palavra, romana! Sinto-me romano, porque romano quer dizer universal, católico; porque me leva a amar carinhosamente o Papa, *il Dolce Cristo in terra* [o doce Cristo na terra], como gostava de repetir Santa Catarina de Sena, a quem tenho por amiga amadíssima”.

Embora ela usasse frequentemente uma linguagem forte em seu *Diálogo* e cartas, para criticar o mau comportamento de sacerdotes que falhavam em viver sua alta vocação, Santa Catarina nunca perdeu sua grande estima pelo sacerdócio. Na homilia “Sacerdote para a eternidade”, pronunciada em 13 de abril de 1973, o fundador do Opus Dei pontuou o exemplo de Santa Catarina: “O sacerdócio leva a servir a Deus em um estado que, em si mesmo, não é nem melhor nem pior do que os outros: é diferente. Mas a vocação sacerdotal aparece revestida de uma dignidade e de uma grandeza que nada na terra supera. Santa Catarina de Sena põe na boca de Jesus Cristo estas palavras: ‘Não quero que diminua a reverência que se deve professar pelos sacerdotes, porque a reverência e respeito que se lhes manifesta, não se dirige a eles, mas a Mim, em virtude do Sangue que lhes dei para que o administrem. Se não fosse isso, deveríeis dedicar-lhes a mesma reverência que aos leigos, e não mais... Não devem ser ofendidos: ofendendo-os, ofende-se a Mim, e não a eles. Por isso o proibi e dispus que não admito que toqueis nos meus Cristos’.

Alguns afadigam-se à procura, como dizem, da identidade do sacerdote. Que claras são estas palavras da Santa de Sena! Qual é a identidade do sacerdote? A de Cristo. Todos nós, cristãos podemos e devemos ser, não *alter Cristus*, mas *ipse Christus*: outros Cristos, o próprio Cristo! Mas, no sacerdote, isto se dá imediatamente, de forma sacramental” (Amar a Igreja).

### **Santa Catarina, intercessora do apostolado da opinião pública.**

Enquanto os outros intercessores da Obra, como São Pio X, São Nicolau de Bari, São João Maria Vianney e São Thomas More, foram escolhidos em anos anteriores, parece que a ideia de invocar a intercessão de Santa Catarina de Sena para o apostolado da opinião pública ocorreu ao fundador em 1964, como pode-se ver em uma carta endereçada ao padre Florencio Sanchez Bella, então conselheiro do Opus Dei na Espanha, em 10 de maio daquele ano: “Quero que saibam que minha devoção a Santa Catarina de Sena, que tenho há muito tempo, recentemente tornou-se ainda mais forte: porque ela soube como falar heroicamente. Estou pensando em declará-la nossa padroeira, (intercessora) no Céu, pelo nosso apostolado de opinião pública. Vamos ver!”

Poucos dias depois de esta carta ser escrita, em 30 de abril, durante uma conversa em família entre os membros do Opus Dei, o fundador disse: “Quero que a festa desta Santa seja comemorada na vida espiritual de cada um, e também na vida de nossos centros. Sempre fui devoto de Santa Catarina: por seu amor à Igreja e ao Papa, e pela coragem que mostrou em falar claramente, sempre que necessário, movida precisamente pelo mesmo amor. Nos últimos anos o heroísmo foi ficar calado, e isso foi o que fizeram os seus irmãos. Mas agora, o heroísmo é falar, de modo a não ofender Deus nosso Senhor. Falar claramente, mas tentando não ferir ninguém, com caridade, mas também com clareza” (en Crónica, *Maio* de 1964).

Em 13 de maio, São Josemaria decidiu colocar em prática o desejo que havia

expressado a Florencio Sanchez Bella. Durante uma reunião de família naquele dia, retornando ao mesmo tópico, ele disse sorrindo: “Por que esperar ainda mais?” Compete a mim, enquanto fundador, nomeá-la, e uma vez que na Obra fazemos as coisas de maneira simples, sem formalidades, a declarei Intercessora neste momento”. Então, ele pediu a alguém para lhe trazer uma caneta e papel, e ditou uma comunicação para ser enviada a todas as regiões: “Em 13 de maio, considerando a grande clareza e retidão de coração com que Santa Catarina de Sena deu a conhecer, com coragem e sem excluir ninguém, os caminhos da verdade às pessoas do seu tempo, eu decretei que o apostolado que os membros do Opus Dei realizam por todo o mundo, com verdade e caridade para informar a opinião pública corretamente, seja confiado à especial intercessão desta Santa” (testemunho escrito por José Luis Illanes).

### **Relíquias da santa**

São Josemaria tinha um relicário da santa, junto com as relíquias de outros intercessores, colocados no oratório da Santíssima Trindade em Villa Tevere, em Roma. Este relicário continha duas relíquias da santa. A primeira, (*ex ossibus S. Catharinae Senensis V.O.P.*) tem a autenticação do postulador geral da ordem Dominicana, Frei Tarcisio M Piccari OP, datada de 25 de junho de 1964. A outra relíquia, (*ex velo quo coopertum fuit sacrum caput Sanctae Catherinae Virginis Senensis*), tirada do véu monástico da santa, foi dada ao fundador pelo Arcebispo de Siena, Monsenhor Mario Ismaele Catellado OP, que assinou a autenticação. O relicário de prata tem a seguinte inscrição: “*Dilexit opere et veritate Ecclesiam Dei ac Romanum Pontificem*” [Amou com obras e de verdade a Igreja de Deus e o Romano Pontífice].

Com o tempo, soube-se que apenas a segunda relíquia (do véu da santa, que era do Arcebispo de Sena), pode ser aceita como autêntica, enquanto a relíquia de ossos, (*ex ossibus*), provavelmente não seria autêntica.

Durante uma conversa de família em 1972 com os alunos do Colégio Romano da Santa Cruz, São Josemaria recebeu uma pergunta sobre Santa Catarina. Ele respondeu: “Tenho extraordinária devoção a ela. Vocês sabem que ela é uma das nossas intercessoras, e que tenho uma relíquia dela no altar onde celebro Missa. Uma vez escrevi ao Papa atual (Paulo VI), dizendo a ele: Mantenho essa relíquia com devoção, porque ela tinha tanto amor pela Igreja e pelo Papa quanto eu tenho. Eu não queria dizer que ela tinha mais, porque não é verdade. Nós todos temos o mesmo amor que Santa Catarina teve”. E continuou a comentar a inscrição *Dilexit opere et veritate...* : “ Ela amou a Igreja e o Romano Pontífice com verdadeiro amor e com feitos, como você e eu fazemos.”

Em 1970 o Papa Paulo VI nomeou Catarina de Sena Doutora da Igreja.

Em 1999, o Papa João Paulo II a nomeou co-Padroeira da Europa.

[Voltar ao índice](#)



© Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)